3 1761 07041770 4

NARCOTICOS

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/narcotico01cast

Camillo Castello Branco

NARCOTICOS

I

TRAÇOS DE D. JOÃO 3.º (*Historia*)

O SNR. MINISTRO (*Romance*)

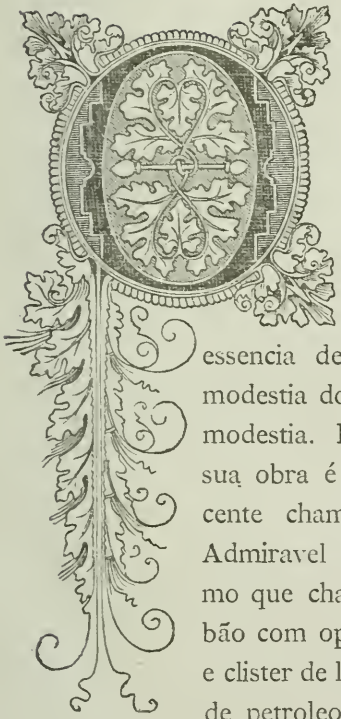
PORTO
LIVRARIA DE CLAVEL & C.ª — EDITORES
123, Rua do Almada, 123
—
MDCCCLXXXII

PQ
9261
C3N28
1882
V.1

PORTO
IMPRENSA INTERNACIONAL
Rua da Victoria 166

1882

PREFACIO



TITULO da obra NARCOTICOS não quer dizer que ella seja um extracto de papoulas ou essencia de morphina. Se a obra é essencia de alguma coisa — é da modestia do auctor. Essencia de modestia. Por elle saber que a sua obra é excitante e escandecente chamou-lhe NARCOTICOS. Admiravel e tocante! É o mesmo que chamar linimento de sabão com opio á tintura de iodo, e clister de linhaça a uma injecção de petroleo, e aos beliscões bei-

jos! A modestia acrisolada tem estas aberrações methaphoricas. Chamar-se um sujeito a si soporifero quando toda a gente, depois de o ler, bebe laudano de Sydenham para dormir e anesthesiar-se, é um predicado raro que só friza bem com as reputações constituidas, invulneraveis, argamassadas. Mas, acima da modestia propria, o auctor põe a hygiene alheia. Por consequencia, com um pé na modestia e a mão entre o estomago e o figado — no orgão da consciencia — o auctor avisa os seus leitores incautos e amigos que quem quizer dormir não abra estes livros. É melhor não os abrir, se já sente abrir-se-lhe a bôca no fim do Prefacio.

S. M. de Seide, setembro de 1882.

Traços de D. João 3.º

TRAÇOS DE D. JOÃO 3.º

Podem assim denominar-se dous livros publicados n'este corrente anno com os seguintes titulos:

1.º — O Casamento do Infante D. Duarte com D. Isabel de Bragança

2.º — A carta de Marca de João Ango, exposição summaria dos factos, extrahida de documentos originaes e ineditos

Estes livros trazem a auctoridade de um nome

que se formou obscuramente no modesto e silencioso retiro do estudo, para nos apparecer imprevisto e sem preludios, com a erudição, com o criterio, com a lealdade e com o sobrio e perfeito estylo de historiador.

Eu conhecia Fernando Palha como intelligente possuidor d'uma livraria opulenta em impressos e manuscriptos; sabia que as investigações historicas prevaleciam entre as suas aptidões variadas; mas não tinha noticia do escriptor n'esta aldeia, onde apenas resoam as reputações que infloram no Largo das Duas Egrejas, quando alguem me enviava os seus perfumes embrulhados em jornal de 10 reis.

E o que eu sabia não o devia a informações das gazetas. Eram revelações de pessoas que as não escrevem e me elucidaram quando Fernando Palha, ha tres annos, comprára no Porto por 8:225$000 reis a selecta livraria antiga de Francisco Antonio Fernandes, um illustrado commerciante mal prosperado que talvez deveu a sua infelicidade mercantil ao affecto a livros, e expiou em relativa pobreza a consolação de os lêr e possuir. Este honesto cidadão formou duas livrarias. A primeira entregou-a aos credores quando falliu. Depois, trabalhou muito. Era guarda-livros, fazia escripturações, leccionava sciencias commerciaes, exportava piugas, algodões e outras especies para o Brazil, traduzia romances moralistas do francez, *O philosopho nas*

aguas furtadas, etc., vivia na mais restricta mas decente parcimonia; — não frequentava theatros, botequins, passeios, nada. Grangeou nova livraria, e, á volta dos setenta annos morreu, deixando á filha esse patrimonio — os livros em que elle encontrára a resignação, a philosophia do philosopho de H. Conscience, a felicidade talvez. O snr. Fernando Palha comprou os livros improductivos como dote, e deu por elles uma independencia abastada á filha d'aquelle extremoso velho que parece ter tido a previsão da intelligencia de Fernando Palha servida por grandes bens de fortuna. A realidade d'este presagio dependia quasi de um milagre em Portugal.

Como elementos da biographia intellectual de Fernando Palha, trouxe-me o *Boletim de bibliographia portugueza*, redigido e dirigido pelo snr. Annibal Fernandes Thomaz, importantes noticias. No leilão da livraria do marquez de Castello Melhor, Fernando Palha comprára preciosissimas obras impressas; e da collecção de manuscriptos obtivera por 534$000 reis os seguintes:

Visão feita por Christo a el-rei D. Affonso Henriques no campo de Ourique. Deve ser um codice divertido, humoristico, documento bom para demonstrar que eram Christo e S. Thiago e outros batalhadores invulneraveis quem venciam as lides homericas dos Affonsos contra os sarra-

cenos. 15$000. Foi caro. Os livros do padre Recreio são melhores e mais em conta.

Cartas autographas e originaes de el-rei D. João 3.º, de sua mulher e rainha D. Catharina, de D. Theodosio e D. Jayme, duque de Bragança (526 documentos.) Menos de 430 reis por carta de rei, de rainha e de duque — 225$000 reis por tudo. Ponham em praça uma carta autographa de Carlos v, de Francisco i, de Henrique viii, seja qual fôr o monarcha estranho, coévo de D. João iii, e o documento será disputado por quantia superior á importancia dos 526 que o snr. Fernando Palha comprou. Um bilhete da Pompadour, outro bilhete da Maintenon, ha poucos annos, deram uma dezena de milhares de francos. As cartas de Maria Stuart a Bothwel, vendidas com a livraria do duque de Hamilton, ha poucos mezes, deram milhares de libras esterlinas, não obstante já serem conhecidas na obra infame de Buchanan.

Documentos officiaes relativos ás armadas e expedições maritimas de Portugal.

Chronica de D. João de Castro por Leonardo Nunes.

Portolano dos paizes banhados pelo Mediterraneo, etc.

Cartas originaes de soberanos da Europa e de personagens importantes. Cada carta dezoito vintens. 110 cartas por 40$000 reis. A respeito

de cartas, as unicas que dão dinheiro em Portugal são o *Secretario dos Amantes;* e, quando havia lagrimas, eram as de *Marianna Alcoforado;* e, antes de se acabar o patriotismo, eram as do padre *José Agostinho de Macedo.*

*

Com os valiosos subsidios ministrados por alguns d'estes codices formulou o snr. Fernando Palha a essencia dos seus dous escriptos; mas o que ahi realça não são as noticias, de algum modo já sabidas, posto que superficialmente: — é a critica paciente e lucidissima com que o snr. Palha as restaurou como documentos historicos até hoje apenas conjecturados.

O casamento do filho mais novo de el-rei D. Manoel com D. Isabel, filha de D. Jayme, duque de Bragança e de D. Leonor, assassinada como adultera, é um quadro da vida particular de dous chefes de familia, que se rivalisam em competencia de velhacaria, de má fé, de sordicias baixas. Guardadas as devidas proporções, são, nem mais nem menos, dois sapateiros de reles instinctos a mercadejarem o casamento dos filhos. D. João 3.º, esporeado pela necessidade de casar vantajosamente o irmão Duarte, emprega uns ardis calculados, espaçados, e triumphantes, quando emfim D. Jayme estoira de paixão e de orgulho. Elle ti-

nha escripto ao rei *que se queria mais bem a si que aos filhos, e depois de si amava mais a sua casa do que a elles*. E, afinal, despresado na sua idolatrada personalidade, quasi certo de que seu filho D. Theodosio dotará a irmã a bel-praser do monarcha, é arrancado pela garra da morte á casa que amava tanto, aos filhos que amava menos, e á consciencia de si mesmo que se amava sobre todas as coisas! Pobre duque! Se valeria a pena apunhalar a duqueza e degolar o Alcoforado por honra da sua real estirpe, para afinal acabar tão acalcanhado de despresos — elle que se dizia o homem de mais serviços á patria depois de D. Nuno Alvares Pereira! [1]

*

Primeiramente, relacionemo-nos com o noivo. Conhece-se a biographia do infante escripta por seu mestre André de Rezende. É insuspeito. Enfeixa as flôres de virtude em um ramilhete que offerece ao filho do discipulo.

Era um rapaz de espaduas largas, estatura meã, atarracado, possante, faces rubicundas e cabellos louros annellados, *corporatura quadrada,*

1 *O casamento do infante D. Duarte*, pag. 34.

diz o mestre. Começo a perceber o bom gosto das filhas de D. Jayme, quando o duque, escrevendo a D. João 3.º, disse: *Minhas filhas que não querem casar com vosso irmão...* [1]

Quanto á sua indole, o biographo conta os seguintes predicados, que elle chama — *meninices e travessurinhas que tinham graça.*

Os dois infantes Henrique e Duarte estavam na Azinhaga com seu irmão o cardeal D. Affonso que os dirigia no estudo do latim. D. Duarte, uma vez, fingiu-se doente para não ir conjugar um verbo com mestre Gaspar Moreira. Houve grande terror na familia receiosa de que a doença fosse peste.

O cabula não tinha nada. Foi um caso engraçadissimo, prenuncio de outros que o leitor vai lêr com as mãos nas ilhargas.

D'outra vez, o cardeal e os infantes sahiram n'um bote a bordejar no Tejo, com musica de canto e instrumental. O bote era fretado, e o barqueiro levava escondido á pôpa um cestinho com duas duzias de figos. D. Duarte, que os descobrira e appetecera gulosamente, offereceu um vintem pelos figos. Pagava-os com generosidade real, mas o barqueiro disse que não vendia nem dava

1 *O casamento do infante D. Duarte*, pag. 26.

os figos; e vai o infante furta-lh'os e mette-se na pôpa a comel-os e mais o mano Henrique, pedindo ao mestre André que os encobrisse, — *que alargasse as fraldas*. As fraldas provavelmente eram as abas da lôba. O barqueiro assim que deu pela falta dos seus figos, pegou de berrar com toda a sua eloquencia de barqueiro, chamando-lhes aos infantes *rascões, ladrões, e filhos dos taes e das taes* (o leitor imagina) *que haviam mister enforcados*. Que barqueiro e que infantes! E ha quem deplore a escravidão do povo no seculo XVI, e ha quem encareça o desempeno, a altiveza democratica do seculo XIX! Comparem a rustica hombridade do barqueiro da Azinhaga com a derreada e agradecida curvatura d'um barqueiro do Caes das Columnas a quem um infante de hoje em dia honrasse com o furto de uns figos. Hoje, a não serem os jornaes da opposição, ninguem ousaria chamar aos snrs. infantes *ladrões*, *rascões* e o resto. O cardeal de Santa Lucia accommodou o barqueiro por um tostão, e perguntando ao mano Duarte quantos figos comera, elle disse muito trêfego que 15. Uma chalaça muito celebrada. Accrescentou que roubara os figos porque os appetecera muito. *E isto foi dito com tanta graça que não houve quem não rompesse em riso*.

Se o leitor não está rôto, continuemos com as larachas do infante, que seu irmão destinava para

uma mitra ou quatro mitras ao mesmo tempo. O mano Affonso tinha tres.

Estando a côrte em Coimbra, um filho de Ayres Barbosa, mestre do cardeal, entrou á presença do infante que lhe pediu uma bengalinha muito galante que levava por moda. Fernão Barbosa negou-lh'a, e D. Duarte lançou-se a elle para lh'a tirar. Barbosa, para acabar questões, partiu a bengala e arremeçou os pedaços; e vai o infante enfurecido arrancou-lhe da cabeça uma escofia de sêda. Ora o rapaz tinha-se rapado de fresco á navalha por causa das bostellas da sarna. O pobre do tinhoso assim porcamente pellado, fez rir muito os circumstantes e fugiu envergonhadissimo da troça. Ayres Barbosa, que não tinha os altos espiritos do barqueiro, pôz-se do lado do infante contra o filho, e o cardeal achou o caso tão comico e digno das musas juvenalescas que improvisou um epigramma de 16 versos que mestre Rezende immortalisou no seu opusculo.

Com um mercador de sêdas de Lisboa teve pilhas de graça. Isso é que foi! Mandou-o chamar tres vezes n'um sabbado, e o mercador só foi no domingo. Perguntou-lhe o infante porque não viera. — Porque era sabbado, respondeu o negociante que era judeu com toda a certeza. Mandou D. Duarte buscar a roupa pelo vedor. D'ahi a pouco chegou o mercador com a conta. O infante mandou-lhe dizer que era dia de Santa En-

gracia — que viesse outro dia. Veio no outro dia. Mandou-lhe dizer o infante que era sexta feira da paixão; e no dia seguinte não foi porque era sabbado. Foi no domingo. O infante fez-lhe saber que era domingo. Na segunda feira, não lhe pagou porque era dia de S. Jorge; á terça era dia de S. Alexandre; á quarta de S. Marcos Evangelista; á quinta mandou-o entrar e pagou-lhe admoestando-o a que não se publicasse judeu com tanta desenvoltura. Se lhe não dá este remate digno do *Espelho de christãos,* a continuação da facecia, trasladada para os nossos costumes, chamar-se-hia *calote*, *cão*, etc. Elle era tão catholico que não consentia que se proferisse palavra em desdouro do papa Clemente, apesar das desavenças rancorosas de seu primo Carlos v com Roma. Appareceu por esse tempo em Lisboa um Ortiz hespanhol que tangia e cantava chistes. D. Duarte recebeu-o em sua casa, filhou-o, folgando muito de ouvil-o. Uma tarde, o Ortiz pegou da guitarra do infante, e cantou um *Pater noster* arranjado em Castella contra o papa Clemente. É o que hoje chamariamos o *Fado do papa*. A trova resava assim, arpejada pela gemente guitarra:

Padre nuestro,
En quanto papa
Sois Clemente,

Sin que os quadre,
Sin que os quadre. [1]

O infante mandou-o logo calar e pregou-lhe uma fórte sarabanda com ameaça de o despedir e castigar severamente, se tornasse a cantar o *Pater noster*, - isto depois de ouvir a opinião de André de Rezende, que louva grandemente o infante pelo seu respeito ao presidente universal da egreja. Era um refinado hypocrita este frade que atirou o habito ás ortigas. Possuo uma carta d'elle impressa ao seu intimo amigo o heresiarcha Desiderio Erasmo que, se a inquisição a visse, elle teria passado pelos apertos de Damião de Goes. [2]

---

1 Quer dizer: *Sois Clemente só no nome.*

2 *Resendius Lusitanus, Desiderio Erasmo Roterodamo, S.* Está inclusa no opusculo intitulado *Carmen ervditum et elegans Angeli Andræ Resendy, Lusitani, adversus stolidos politioris literaturæ oblatratores. Basiliæ.* MDXXXI.

Ainda pende indecisa a controversia pouco menos de frivola se um L que precede o nome *André* quer dizer *Lucio* ou *Licenciado*. Diogo Mendes de Vasconcellos decidiu pela primeira lição e com elle o erudito Rivara, até se despersuadir com a descoberta do testamento em que o proprio Resende se manda sepultar com a declaração qualificativa de *Licenciatus*. Atinham-se os da opinião de *Lucius* a que elle, consoante a moda dos quinhentistas, usava lati-

Este caso affirma a antiguidade da guitarra no paço dos nossos soberanos. A fidalguia modelava se pelo gosto da côrte. D. Sebastião tambem zangarreava esse instrumento nacional. O francez frei Fillippe de Claverel que esteve em Portugal em 1583, e escreveu a esse e outros respeitos um livro, citado pelo snr. Annibal Fernandes Thomaz, no n.º 10 do prestantissimo *Boletim de bibliographia*, conta que os portuguezes são tão affeiçoados ás suas guitarras que nos arraiaes d'el-rei D. Sebastião, desbaratado em Marrocos, se encontraram 10:000 guitarras pouco mais ou menos, e accrescenta que os portuguezes, ao embarcarem, cantavam ordinariamente este estribilho:

Os castelhanos matam os touros,
Os portuguezes matam os mouros.

10:000 guitarras! uma guitarra por cabeça ½.

O barão de Lahontan que aqui veio no seculo XVII, diz que em Lisboa até ás 4 horas da

---

namente do prenome *Lucius*. De feito, André de Resende usou de prenome; porém não era *Lucius*, era *Angelus*, como se lê no opusculo latino acima referido. Uzal-o-ia pelo grando amor que teve a sua mãe que se chamava *Angela*.

manhã se encontravam guitarristas tocando suavemente este instrumento com umas arias lugubres como um *De profundis*, e Miss *Lady Jackson*, na *Faire Lusitania*, diz que se regalava de ouvir por noite alta o *sol* e *do* dos guitarristas. Somos o paiz do *lundum chorado* e do *fadinho corrido*. A guitarra em Portugal hade acabar com o ultimo fidalgo e com o ultimo barbeiro.

Tornando ao infante amantissimo da guitarra, recrescem as provas do seu fanatismo com a perversidade peculiar de seu irmão D. João 3.º e do mano Henrique — o rei inquisidor. Um moço da camara da rainha chamado Fernão da Paz, christão novo a quem Rezende appellida sómente *Paz*, levára das suas terras de Braga um velho idiota, a quem na côrte chamavam D. João, e com quem os infantes se divertiam muito. O cardeal deralhe Fernão da Paz por aio, e o christão novo, andando com elle dos quartos da rainha para os do rei e para os dos infantes, apanhava sempre alguma mercê á sombra do pupillo que fazia escangalhar tudo com riso. D. João 3.º entretinha-se muito com truões, e galardoava-os liberalmente. O castelhano D. Fernando de Roxas tinha no paço a cathegoria de *Marmanjo mór*. Havia marmanjos menores. O seu forte eram os equivocos, os *calembours*; e, quando descorria a serio, o rei admirava-o. Este bôbo chegou a ser tão opulento que casou uma filha chamada Maria de Roxas com

André de Souza Chichorro, fidalgo muito illustre descendente por bastardia d'Affonso 2.º

Tinha D. João 3.º outro histrião muito dilecto—um preto crioulo chamado João de Sá, a quem deu o habito de S. Thiago. Morreu na flor dos annos com assistencia dos melhores physicos do reino.

Pois o Fernão da Paz queria vêr se com o D. João da Falperra apeava do ministerio da chalaça D. Fernando de Roxas, mais o João de Sá, e entrava com elle de meias nos salarios. Um judeu que parecia catholico!

Mandou-o chamar o infante D. Duarte um dia e que trouxesse o idiota. O christão novo, tres vezes procurado, não appareceu, porque estava em casa do raby, cuja conversação frequentava muito. O infante colerico mandou-o desencovar da casa do judeu para se vingar como infante e como christão. O bobo comeu de cocoras sobre o pavimento, emborcando picheis de vinho e dizendo muitas pulhas. Acabada a refeição, o aio ia retirar-se com o pupillo, quando o infante lhe disse: — Paz, não te vás; quero que comas aqui, perante mim, para tua honra e de teus parentes. — E, chamando o reposteiro André Alvares, já ensaiado: — André Alvares, ponde aqui uma mezinha, e banqueteai-me Paz muito bem, e vós mesmo o servi, que quero que leve esta honra.

Foi o reposteiro dentro e trouxe uma grande espetada de toicinho a derreter-se e a rugir de gordo. O hebreu enfiou, diz o chronista, como se vira dez mouros armados contra elle.

E o infante:

— Come, que é muito bom.

Comeu o que pôde com muito engulho; já não podia engulir.

— André, disse D. Duarte, traze-lhe outra iguaria, algum pastel.

Trouxe-lhe o reposteiro um empadão de toicinho.

— Que bem cheira! — observou o infante — Ainda mal, que a mim não m'o deram. Come bem.

Enguliu alguns bocados e exclamou o desgraçado:

— Senhor! não posso mais!

— Traze-lhe cozido — obtemperou D. Duarte.

Tornou André com outro prato a desbordar de toicinho.

Fernão da Paz ergueu se e bradou consternadamente:

— Senhor! não me mate vossa alteza!

— Não sejas parvo, que para tua honra o faço — insistiu o filho d'el-rei D. Manoel.

O christão novo começou a vomitar. Saiam-lhe as tripas pela bôca fora, diz André Resende

com certa presumpção do espirito do seu discipulo.

O infante, rindo ás escancaras, mandou-lhe chegar agua para lavar a cara e as mãos escorridas do vomitado.

— Então que é isso, Paz? — perguntava arquejante de riso.

— Pelo verdadeiro Deus que me matastes, senhor! — soluçava o christão-novo.

— André — tornou sua alteza — traze-lhe a panella do mel rosado para lhe assentar o estomago.

Ora o mel de rosas de Alexandria era um laxante muito energico. Como era doce, o Paz metteu-se muito pelo drastico — comeu meia panella, e sobre isso, por ordem do real amphytrião, bebeu um pucaro de agua. Agora, André de Rezende, que assistiu á porca scena, que conte o resto. «Mandou então o infante que se sentasse em uma cadeira de espaldar das suas por mais honra; sentou-se; mas não tardou muito que se não começasse a confranger, e pedir licença para se ir; detinha-o o infante; mas elle botou pela porta fóra, e já quando vinha na sala, ia-se pela camisa e calças, e pelos narizes de muitos.» — O duodecimo avô do snr. D. Luiz 1.º teve esta galanteria e teve este chronista.

Faltava-lhe ao pobre martyr do toicinho en-

gulir o mais agro da vingança, e não pôde escapar-lhe fugindo da côrte.

Decorrido um mez, como não apparecesse com o jogral, mandou-o procurar sua alteza. Estava em casa do raby que era um sabio. Disse-lhe o infante carrancudo:

— Paz, aviso-te que não vás a casa de homem infamado de judeu e raby.

O moço da camara da rainha respondeu:

— Senhor, folgo de aprender.

— Eu te dou por mestre e doutor, e por signal que te vou pôr o barrete.

O barrete estava preparado; tinha uma borla de seda amarella, e por dentro fôra untado com oleo de terebinthina.

— Senta-te n'aquella cadeira que te quero pôr este barrete por tua honra e de teus parentes — ordenou D. Duarte.

Sentou-se a victima. O barrete era apertado, mas o infante repuxou até lh'o *encasquetar*, diz o chronista. — E pôz guardas ao lado do padecente para o não deixarem arrancar o gôrro. Com o calor da cabeça, a terebinthina seccou, a sêda retrahiu-se empastando os cabellos, agarrando-se a elles como um caustico. Depois, foi preciso arrancar mechas inteiras pela raiz e rapar com muitas dores o pegamaço dos cabellos que adheriram ao pericraneo escoriado pelos repuxões.

D'esta victima da feroz religiosidade do infante D. Duarte, direi depois o destino. [1]

*

Este Fernão da *Paz*, pela relação de parentesco que tem com Duarte da Paz referido de passagem no *Casamento do infante D. Duarte* e largamente na obra da *Origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* por A. Herculano, suggeriu-me o cruel proposito de relacionar o leitor com esta complicada familia *Paz*, mediante a mais impertinente e archaica exposição.

D. João 2.º fazia baptisar os medicos judeus hypocritas e levava-os á pia baptismal como padrinho; e os austeros que não queriam prestar-se á impostura pagã do baptismo, mandava-os queimar, *por authoridade e licença do papa*, diz o chronista Garcia de Rezende. O mesmo chronista nos refere a solemnidade baptismal do judeu,

1 *Vida do infante D. Duarte pelo mestre André de Rezende, copiado do original que se acha no Archivo da Torre do Tombo.* Edição da *Revista litteraria*, periodico portuense, de 1842, tom. 9, pag. 433.

mestre Antonio, cirurgião-mór do reino. Levou-o o rei pela mão á porta da egreja, ricamente vestido com as fatiotas do padrinho. Baptisou-se; e, quando lhe iam pôr o capello, não acharam esta insignia. Esquecera o capello que tratavam de substituir com uma toalha; mas el-rei, desabotoando o gibão, tirou fóra a manga da camisa e improvisou um capello, dizendo: «para cousa tão santa não é necessario tanto vagar.» Que farçolas! Se a scena fosse comica, não podia fazer nem dizer coisa mais finamente ironica o filho de Affonso 5.º

Pouco mais ou menos, assim foi baptisado outro medico judeu, mestre João, natural de Masagão [1].

Os codices consultados por Martins Bastos chamam-lhe *Mestre João da Paz*. Era simplesmente *Mestre João*.

O appellido *Paz* recebeu-o o christão novo, quando o seu real padrinho já não vivia. Veremos logo.

Os chronistas de D. João 2.º nunca nomeiam este medico da camara real, quando relatam as doenças do rei. Mestre Rodrigo e o doutor Lucena acompanharam-o durante quatro annos de

1 Nobiliarchia medica, por Martins Bastos, pag. 28.

enfermidade, e assistiram-lhe á morte. Ha tambem noticia de o haverem medicado mestre Joseph e mestre Leão; mas o judeu converso de Masagão ou era fallecido ou não era chamado nos lances de maior perigo. Fallecido não era, porque tenho a prova de elle sobreviver uns quarenta annos a D. João 2.º Este homem dá margem a conjecturas de um atrevimento novo, e eu não me acovardo de sahir com ellas, sem receio de lhe affrontar a memoria já delida, nem o decoro dos seus descendentes que, decerto, ignoram a existencia de tal avô.

*

Todos os historiadores da Peninsula concordam que D. João 2.º foi envenenado por mais de uma vez. Garcia de Rezende, moço da camara d'este monarcha, refere que a primeira dóse de peçonha propinada a seu real amo foi em 1491, quatro annos antes da sua morte, na occasião em que se festejavam em Evora, onde estava a côrte, as bodas do principe. Findas as festas, o rei, deixando a rainha doente, foi com alguns fidalgos para a Herdade da Fonte-cuberta, a meia legua de Evora. Aqui bebeu agua de um jarro colhida na sua fonte predilecta, e começou logo a sentir-se agoniado de vomitos, com grande enfarta-

mento e laxidão intestinal. Recolheu-se á cidade, medicaram-no e melhorou. Passados dias soffreu novo insulto de que se recobrou mas perfeita saude nunca mais a teve. Para confirmar as suspeitas do veneno, trez fidalgos que tinham bebido da mesma agua, morreram com as mesmas ancias e dysenteria — eram um Affonso fidalgo da copa, Fernão de Lima copeiro-mór, e Estevão de Sequeira tambem copeiro.

Suppozeram alguns, não obstante a evidencia dos trez fallecidos, que o veneno fora communicado ao rei pelo estribo em que pozera o pé. Tão subtilmente actuavam os venenos de laboratorio italiano preexistente ao dos Borgias, que, annos antes, se acreditou que o bonissimo rei D. Duarte morrera de peçonha inhalada quando abria uma carta.

Os chronistas portuguezes abstem-se prudentemente de insinuar suspeitas quanto á procedencia do veneno propinado a D. João 2.º; apenas D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, em 1639, escreveu que D. Manoel, duque de Beja, irmão da rainha e do duque de Vizeu assassinado pelo rei, estivera então nas festas em Evora, e que o cunhado o desconsiderára, não o extremando entre os demais fidalgos, quando elle era o segundo herdeiro presumptivo do throno; e que entrára a pé, como criado, e atraz da princeza noiva, e tudo soffreu com paciencia e medo, lembrando-se

do tragico fim de seu irmão, apezar de alguns fidalgos o incitarem a faustos e galhardias. Ora eu logo mostrarei que o medico João de Masagão, o afilhado de D. João 2.º, vivia na intimidade de D. Manoel e da rainha sua irmã.

Mas que interesse adviria ao duque de Beja com a morte do rei? Era o desafôgo de um rancor de vingança abafada, a repatriação dos Braganças desballisados e proscriptos; e, além d'isso, explica D. Agostinho Manoel: «não faltava muito quem com ancia e desejo de que reinasse o principe, andasse com cara mais alegre do que pedia o caso, de modo que se percebia claramente que desejavam gosar em o neto a brandura do reinado do avô, cujo agrado e mansidão eram predicados muito oppostos á severidade do rei, seu pai.» A pontaria visava certeiramente a D. Manoel e seus consanguineos. E parece absurda indiscrição que D. Agostinho Manoel, o primoroso historiador, tendo acatado sem rebuço a honra da historia, ousasse vir a Portugal quando reinava D. João 4.º, um bragança, descendente e representante d'el-rei D. Manoel! Bem sabem o que lhe succedeu em 1641: degolaram-o dous annos depois que publicou a *Vida e acções de D. João 2.º* Quanto á conspiração que lhe foi pretexto para o supplicio, não vem aqui de molde essa proterva armadilha aos haveres do marquez de Villa Real e do duque de Caminha. Quando

cahiu a cabeça d'este innocente rapaz, levantava-se com a sua grande casa a «Casa do Infantado» para dotar um filho de D. João IV, — aquella boa peça de D. Pedro 2.º D. Agostinho Manoel, que nada tinha que dar aos bragança, foi decapitado porque teve a gentil ousadia de lastimar que o duque D. Fernando merecesse pelas suas perfidias e arrogancias o castigo que lhe infligiu D. João 2.º

*

Como sabem, o principe herdeiro morreu da queda de um cavallo, antes do oitavo mez de casado. D. Manoel veio de Thomar á choça do pescador onde agonisava o principe, e fez grandes prantos sobre o cadaver do sobrinho. Chorava quando queria. Tambem chorou torrencialmente alguns annos depois, já quando era rei, sobre o cadaver exhumado de D. João 2.º Vá isto na fé e por conta de Garcia de Rezende que, ás vezes, mente extraordinariamente, como vamos vêr.

Assim que lhe morreu o filho legitimo, D. João tratou de legitimar o bastardo D. Jorge, havido em D. Anna de Mendonça. Cásara D. João em 1471, e o bastardo nascera em 1481. A rainha D. Leonor tragára desgostos enormes quando o marido se emboscou na floresta de Cernache do Bom Jardim com a sua formosa

dama. O proprio Garcia de Rezende conta parte d'este escandalo, e Miguel Leitão de Andrade, na *Miscellanea*, conta o resto quanto ao ninho campestre dos amores adulterinos. Pois, sem embargo, Rezende, no proemio da sua chronica, assevera que D. João 2.º, *sendo um principe muito amigo de mulheres, depois que foi rei, foi n'isso tão temperado e casto que se affirma nunca mais conhecera outra mulher senão a sua.* O proprio rei o desmente briosamente quando em ancias de morte, deixou cahir a penna com que assignava uma tença para D. Anna de Mendonça, e desatou a chorar. Perguntam-lhe o que tem, e sua real senhoria responde: *que era tamanha a sua fragilidade no sexto mandamento que ao mais leve acêno que lhe fizessem acudia logo a offender a Deus.* Franqueza digna de *principe perfeito*, — do *homem*, como Isabel, a catholica, lhe chamava Garcia de Rezende póde replicar-me que um principe adultero é coisa muito diversa de rei infiel á esposa.

Pelo que respeita á legitimação malograda de D. Jorge, é sabido que o pai enviou a Roma dois embaixadores extraordinarios a sollicital-a. Innocencio VIII recusou-se. Vagando a theara, o rei de Portugal empenhou-se fortemente pela eleição do cardeal D. Jorge da Costa com quem contava para a legitimação do filho; mas o hespanhol Rodrigo Borja, que depois se chamou Alexandre VI,

por que era muito rico, deu ordem franca para as veniagas do cardeal Arcanio Sforza e venceu. Ao mesmo tempo D. João 2.º pedia a seu primo, o imperador Maximiliano que cedesse em D. Jorge o direito que lhe assistia á corôa portugueza, com o sacrificio do duque de Beja e dos filhos do duque de Bragança degolado. Mas todas as cedencias eram illegaes sem o consenso do pontifice. Succedeu que Alexandre Borgia pendia a favor do bastardo para molestar Castella. Travou-se então renhida a lucta em Roma entre os representantes do rei a braços com os da rainha, que queria a corôa para o irmão. [1]

1 Entre as diligencias que empregou debalde D. João 2.º para ir cimentando o throno para o filho bastardo, conta Diogo de Paiva d'Andrade, nas suas *Lembranças* (mss.) a seguinte anecdota engraçada: «Lourenço da Cunha, trinchante d'el-rei D. João 2.º, foi homem de bom juizo e muito zeloso da authoridade e serviço do seu soberano. Querendo D. João, depois da infeliz e arrebatada morte de seu filho, o principe D. Affonso, antes de se determinar a deixar por seu successor o duque D. Manoel, nomear por herdeiro D. Jorge seu filho illegitimo, e entendendo que ficaria mal seguro se lhe não pozessem primeiro umas muito grandes escoras, como seria acabando com os reis de Castella que lhe dessem por mulher a filha mais moça de quatro que tinham, fez de sua mão uma carta de crença; e, instruindo em segredo a Lourenço da Cunha do que queria, mandou-o lá. Chegando elle e

N'este meio tempo, confirmaram-se as primeiras suspeitas de envenenamento com os symptomas de uma segunda dóse mais efficaz. Carregaram-lhe mais a mão. Urgia o desfecho. Era necessario matal-o antes que elle conseguisse a legitimação do filho; e, quando mesmo a não conseguisse, era necessario matal-o antes que a rainha D. Leonor morresse — porque padecia muito, e dizia-se que D. João, viuvando, casaria immediatamente com uma princeza de Hespanha para ter successão.

D'esta vez, deram-lhe a peçonha em Lisboa, nos aposentos da rainha, em maio de 1492. «Es-

---

achando el-rei D. Fernando doente, e sabendo que a rainha D. Isabel expedia todos os negocios, deu-lhe a carta e disse-lhe que el-rei D. João queria deixar o reino a seu filho D. Jorge, e pedia a sua alteza lhe desse por mulher para elle a infanta D. Catharina sua filha mais moça. A rainha respondeu-lhe logo, que — a sua filha não; mas que el-rei seu senhor tinha uma filha bastarda, que lh'a daria. E Lourenço da Cunha respondeu-lhe: *senhora, el-rei meu senhor não pretende tanto apparentar-se com el-rei D. Fernando como com vossa alteza; por isso, se vossa alteza tem outra filha bastarda, elle a tomará para seu filho.*

Tornou Lourenço da Cunha para Portugal sem outra conclusão nem resposta. Sabendo el-rei d elle o que com a rainha passara fez-lhe mercê de uma commenda de Beja, Serpa e Moura que o mestre de S. Thiago depois fez em trez, e que rendia perto de quatro contos.»

teve mui perigoso á morte» diz Rezende; e D. Agostinho Manoel particularisa que teve atordoamentos, desmaios e angustias de coração; sahiram-lhe por todo o corpo manchas negras; grandes ancias de estomago e signaes evidentes de morte. Alguns physicos capitularam de *paixões melanconisadas* o ataque, e receitaram-lhe o uso do vinho. Não se sabe como Mestre João diagnosticou a doença; apenas pude descobrir que elle era, por esse tempo, o physico da rainha D. Leonor, e se chamava *Mestre João do Porto,* onde tinha casado.

Tinha rijo bucho de Metridates o refractario monarcha. Não se conjectura da historia quantas investidas lhe fez o veneno no lapso de 4 annos de formidaveis soffrimentos. Infere-se das notas pathologicas dos chronistas que o rei tinha uma hypertrophia de coração e anasarcha consecutiva. O veneno poderia ser estranho ás agonias concumitantes das lesões que os medicos combatiam com as caldas de Monchique, poucos dias antes do trespasse. Se acontecia remittir a febre, estancar-se o fluxo, ou acalmarem as ancias de modo que o infermo se julgasse convalescente, era contar com a recrudescencia da molestia por effeito d'um subito frouxo que o prostrava mortalmente. Quando a mestrança o considerou perdido, no ultimo dos ataques, o rei tivera grandes altercações com a rainha nas Alcaçovas por causa do bastardo que

D. Leonor repulsava da sua convivencia, reagindo ás coleras do marido. Apartou-se então d'elle, e nem chamada a rogos do moribundo o foi vêr a Alvor. Seu irmão D. Manoel, tambem convidado pelo cunhado, desandou a meio caminho, desculpando-se com uma carta da rainha que o chamava para acompanhal-a. Parece que lhes fallecia valor para se affrontarem com o moribundo. D. João agonisou horrendamente sem um parente á beira do seu leito. Via-se de um lado um bispo com a cruz, d'outro lado um bispo com a esculptura do Salvador, outro bispo com agua-benta, alguns fidalgos entoando com elle os psalmos verso por verso, e entre estes que eram seis estavam alguns que assistiram á morte do duque de Vizeu, porque D. João 2.º escolhera tres testemunhas presenciaes valentes quando matou o cunhado. Muito acautelado.

*

Pois este D. João 2.º, homicida traiçoeiro, implacavel destruidor de seus parentes, o primeiro que em Portugal queimou hebreus expulsos de Castella, promotor do exterminio de oitenta victimas illustres, a veneno, a punhal, no reino e no extrangeiro... este devasso que, segundo confes-

sou, na materia do sexto mandamento, era só accenar-lhe — *era santo,* disse o bispo de Tangere no pulpito de Alcobaça, *porque estava inteiro seu santo corpo com cabellos na cabeça e barba e peitos.*

Não ha duvidar da incorrupção do cadaver de D. João 2.º O que D. Diogo Ortiz prégou alguns annos depois do passamento do rei, confirmou fr. Luiz de Sousa, cento e vinte cinco annos depois que o cadaver foi trasladado a Alcobaça. Só achou que lhe faltava a ponta do nariz, o que não quer dizer nada em materia de santidade. O beato Lourenço da Chamusca, arcebispo de Braga, lá está inteiro na cathedral, mas sem nariz. Falta o nariz tambem a S. Francisco Xavier, apostolo das Indias. É quasi geral nos santos a violabilidade das azas nazaes. O nariz não é orgão de santificação, ao que parece. Em 1565 quando o cardeal D. Henrique viu o cadaver de D. João 2.º ainda tinha incolume aquelle appendice. Parece que o tempo começava a desfazer o milagre pelo nariz.

E conta o bom do fr. Luiz, descahido da sua sanidade intellectual a uma idiotia fradesca, — por onde as chronicas fradescas se tornaram umas fontes encharcadas, — conta que a terra da sua sepultura curava sesões milagrosamente; mas refere um caso que não deve esquecer. D. Sebastião quiz vêr o *principe perfeito* incorrupto. Mostra-

ram-lh'o. O joven rei fez-lhe reverencia como a santo, e mandou que o pozessem em pé e lhe mettessem a espada na mão. Ergueram a prumo o manequim, e armaram-lhe o punho com a propria espada que se guardava no mosteiro. D. Sebastião voltou-se então para D. Jorge, duque do Aveiro, e disse-lhe que beijasse a mão de seu visavô. E o duque: Beijo primeiro a mão de quem me manda.» O rei accrescentou com os olhos postos na mumia: «Duque, este foi o melhor official que houve no nosso officio». Que tal sahiria o discipulo? D. Sebastião parece que morreu a tempo; porque, além de se sentir disposto a imitar o mestre, era supinamente tôlo.

Convém saber que os nossos historiographos não sahiram todos parvos. D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, perpassando ligeiramente pelos milagres do beato D. João 2.º diz que não achou testemunhas dignas de credito, e que as atoardas populares não merecem escriptura. Quanto á incorrupção, escreve: «O não estar incorrupto um cadaver, nem sempre procede de causas divinamente superiores, pois naturezas ha que podem preservar da corrupção, quer pela boa temperança e compleição dos humores que as defendem de corromper-se, ou por outros accidentes de coisas que para esse effeito lhes applicam.» Um homem que assim escrevia em 1639 devia por justos motivos ser degolado em 1641.

A infermidade intestinal que o teve por espaço de quatro annos em uma estravação quasi continua, não o iria defecando (*defecando* é o termo), dessorando-o dos tecidos adiposos, das partes cellulosas a termos de o ressequir? Mas os intestinos altos e baixos, e o cerebro diluiram-se tambem nos jactos da disenteria? — pergunta-me esmagadoramente um realista que conhece todas as podridões.

E quem me diz a mim se o cadaver estava embalsamado pela ingestão que recebera, no transcurso de quatro annos, do arsenico e outros toxicos egualmente conservadores e empregados na incorrupção dos cadaveres? Teria elle o cerebro como metallisado pela saturação dos venenos?

PARENTHESIS

Eu tinha lido que o cadaver dos envenenados pelo arsenico e outros toxicos resistiam, ás vezes, mais ou menos tempo, á corrupção. Peguei de scismar se o cadaver de D. João 2.º devia á peçonha a inteireza que os theologos lhe attribuiam ás virtudes. Pareceu-me que devia ser mais facil provar a incorrupção pelo veneno, do que pelas virtudes.

Desconfiado da minha ignorancia, consultei o snr. José Carlos Lopes, lente da escóla medico-cirurgica, versadissimo na sciencia que professa e não hospede nas que mais se desviam da sua faculdade. S. ex.ª, sem interposição de tempo, respondeu á minha consulta, collaborando assim n'esta inoffensiva pretenção que eu affago de obstar a que D. João 2.º seja posto nos altares.

Eis a carta que até certo ponto desfibra scientificamente o cadaver e mais o santo:

«... Snr. e meu presado amigo.

.... Começando por agradecer a v. o ter-se

lembrado do meu obscurissimo nome, quando poderia ter-se soccorrido ás luzes de collegas muito mais competentes do que eu, direi, em seguida, da doutrina que, no caso sujeito, se me affigura mais digna de acceitação.

«Para *apear o santo do altar* — não é necessario recorrer á intervenção (se não problematica, pelo menos nimiamente secundaria) da *peçonha* que, em dóses successivas, foi propinada a D. João 2.º

«Para explicar o phenomeno, bastará invocar algumas das variadas condições que *reconhecidamente* influem na morosidade, mais ou menos accentuada, da putrefacção.

«Entre essas condições, como v. sabe. avultam as seguintes: — a edade, constituição e habitos do individuo — o genero e a duração da doença que causou a morte — a natureza do terreno — a profundidade da cova — a presença ou ausencia de caixão; — a natureza e espessura d'elle, — a época em que se realisou a inhumação, — as influencias atmospherica, etc., etc.

«Não me demorarei a apreciar o valor de cada uma d'essas causas, por isso que, sobre não dever ser-lhe estranho o assumpto, poderá v. edificar completamente o seu espirito a tal respeito, consultando qualquer tratado de Medicina Legal no tocante á marcha da putrefacção.

«Relativamente á difficil dissolução dos cada-

veres dos envenenados por venenos metallicos ou mineraes (por comprehender um ou outro que não pertença ao grupo dos metaes) — apezar de ser sabido que ha individuos que, com uma tal qual impunidade, podem, começando por dóses minimas, chegar a tolerar dóses relativamente espantosas de arsenico, substancia que pelo facto de se não eliminar rapidamente para fóra do organismo, poderá ficar nos tecidos do cadaver em proporção consideravel, — apezar d'isso — é certo que as hesitações e divergencias, que se notam entre os mais considerados toxicologistas, não auctorisam a que se diga que o cadaver d'um individuo, *lentamente* envenenado pelo arsenico, que appareça incorrupto, volvidos *uns tantos annos* depois do enterramento, deveu o conservar-se n'esse estado á intervenção indiscutivel do veneno administrado.

«As hesitações e divergencias, a que alludo, decorrem da exposição que adeante faço, das opiniões textualmente transcriptas das fontes a que recorri...

«Em todo o caso, não ha deixar de concluir que, — se ha quem admitta o facto da difficil dissolução dos cadaveres, graças á intervenção do arsenico, tambem não falta ou quem o negue absolutamente, ou quem, pelo menos, o não repute constante.

«Porque assim seja, e porque não escasseiem

condições que expliquem o phenomeno que tem santificado um avultado numero de patifes, é que eu disse e repito, que v. não carece de soccorrer-se á intervenção d'uma causa que se presta á contestação.

«Com relação aos outros venenos mineraes nada dizem os tratados de toxicologia sob o ponto de vista que singularmente interessa a v.

«Limitar-me-hei, por isso, a dizer que, a par do arsenico, se empregam — desde muito tempo — o sublimado corrosivo, e — modernamente — o chloreto de zinco, para embalsamar cadaveres humanos, ou d'outras especies animaes, por possuirem essas substancias as propriedades conservadoras do arsenico.

«Ahi tem v. o que, muito de corrida, e consequentemente, pouco maduramente pensado, se me offerece dizer com relação aos esclarecimentos...

De v...

José Carlos Lopes.

NOTAS QUE ACOMPANHAM A CARTA

«*On a prétendu que les cadavres des individus empoisonnés par l'arsenic, étaient plus lents à se putréfier; mais au moins cet effet n'est il pas constant.*»

(*Vidè* Briam et Chaudé. *Manuel Complet de Médecine Légale. 6.ª ed. Paris, 1857, a pag. 427.*)

«*Un fait, qui ne doit pas être passé sous silence, c'est que les cadavres des individus morts à la suite d'une intoxication par l'acide arsénieux* (ou arsenico propriamente dito) *présentent, lorsque le toxique a eu le temps de se répandre dans tout l'économie,* — une grande résistance à le putréfaction et qu'ils peuvent même se momifier au bout d'une certain temps. — (*Buchner, dans un travail tout récent, contredit ce fait, en se basant sur un certain nombre d'expériences comparatives, qu'il publiera en detail.*)

(*Vidè* Dragendorff. *Manuel de Toxicologie. Trad. par* Ritter. *Paris, 1873, a pag. 52.*)

«*Un fait, digne de remarque, c'est l'état surprenant de conservation dans lequel on trouve, longtemps après la mort, les organes qui ont été spécialement affectés par le poison; l'estomac et les intestins conservent pendant des années les traces bien marquées de l'inflammation violente dont ils ont été le siège.*

Il ne paraît pas cependant que l'arsenic absorbé ait la propriété d'empêcher la décomposition des organes où il est déposé. (Taylor.)

(*Vidè* Legrand du Sulle. *Traité de Médecine Légale &c. Paris. 1874, a pag. 1166.*

«*Le cadavre des individus empoisonnés par une préparation arsénicale présente au premier abord un état de conservation extraordinaire.*

(*Vidè* A. Tardieu. *Étude médico-légal, et clinique sur l'empoisonnement, 2.ª ed. Paris, 1875, a pag. 365.*)

«*Dans quelques cas d'empoisonnement par l'arsenic, on a observé un retard dans la putréfaction et de la momification sur des cadavres exhumés, ce qui s'explique par l'action conservatrice de l'arsenic et ne peut se produire que lorsqu'il y a eu des masses considérables d'arsenic restées dans le corps.*

(*Vidè* E. Hoffmann. *Nouveaux Eléments de Médecine Légal. Trad. par* Emmanuel Lévy. *Comment. par le dr.* Brouardel. *Paris, 1881, a pag. 475.*)

«*Certains empoisonnements retardent la putréfaction.*

Nous avons été frappés, dans un cas d'exhumation après trois semaines du cadavre d'une fêmme empoisonnée par l'arsenic (intoxication lente) se trouver le cadavre remarquablement conservée.

On sait, au rest, que c'est par l'injection dans les tissus de substances toxiques (arsenic, sublimé corrosif &c.) que les naturalistes préparateurs conservent les corps des animaux.

(*Vidè* Nouveau Dictionnaire de Médecine et

chirurgie pratiques. *Tom. 30, art.* Putréfaction, *par* Georges Bergeron. *Paris, 1881, a pag. 289.*)

«*L'arsenic, qui tue les grands organismes, tue les petits et même les globules. Ceci nous donne tout de suite l'explication de ce fait étrange, qui a été noté par tous ceux qui se sont occupés de médecine légale: c'est que dans les cadavres de ceux qui ont succombé à l'action de l'arsenic, toutes les parties en contact avec le poison se conservent presque intactes pendant des semaines.*

(*Vidè* Ad. Gubier. *Cours de Thérapeutique &c. Paris, 1880, a pag. 349.*)

*

Pois que a inconcludente carta do meu douto amigo e os extractos dos seus expositores não definem peremptoriamente a imputrefacção do cadaver de D. João 2.º pela peçonha, recorro a outra explicação um pouco mystagoga, mas, por artes do diabo, satisfatoria.

Jorge Cardoso no *Agiologio Lusitano*, tom. 2.º, pag. 228, conta que um Pero Rodrigues de

Moura fallecera com todos os signaes de predestinado, em 1412.

Decorridos quatro annos, quando o trasladavam a outra sepultura, acharam-no inteiro. Estavam os circumstantes maravilhados e perplexos, quando entrou na igreja um energumeno a berrar: «Digam á mulher e herdeiros de Pero Rodrigues de Moura que alcancem perdão do frade que elle desacatou em S. Domingos de Lisboa, porque a sua alma está represada no purgatorio por causa da excommunhão.»

Effectivamente o Moura havia dado uns pescoções n'um dominicano — excellente pessoa que perdoou, e logo o corpo se desfez.

Na *Chronica dos conegos regrantes* de D. fr. Nicolau de Santa Maria, conta-se um caso analogo de corpo incorruptivel; mas a alma d'esse estava represada no inferno. E' por tanto problematico se as almas dos mortos não apodrecidos estão em cima ou estão em baixo.

Predestinado ou reprobo, D. João 2.º deixou muitas saudades. Conta o padre Alvaro de Semedo no *Imperio da China*, que alguns fidalgos, por dó e lucto, se cobriam com os xaireis das cavalgaduras. Parece que não fariam grande violencia ao seu espirito. Queriam talvez significar, amantando-se na estribaria, que a paixão os burrificára. Hoje os que se dizem bestificados pela dôr, as mais das vezes, fazem estylo; porém,

aquelles bons homens ingenuos que não faziam estylo punham os xaireis. Alguns seculos depois, os seus descendentes, bestealisados tambem pela alegria, pozeram-se aos varaes do coche de D. João 6.º. Mas a peor das manifestações quadrupedes n'estas almas allucinadas é o couce.

Sabe o leitor que destino teve afinal o cadaver de D. João 2.º? Desfizeram-o os francezes com os trambolhões que lhe deram em 1810. Ainda houve quem o viu e apalpou inteiro em 1809. Foi fr. Francisco de S. Luiz que morreu patriarcha. Notou que apenas lhe faltava a ponta do queixo inferior Parece pois que recuperára o nariz depois que o viu fr. Luiz de Souza. — Um segundo milagre. E haveria terceiro, se o cadaver, que resistira a quatro seculos, resistisse aos pontapés dos francezes. Em 1810 por tanto o que se aproveitou de D. João 2.º foi uns ossos meio esfarellados colhidos no entulho e repostos no jazigo da Batalha. [1] Se lhe não sopra o impio cyclone da França, o real assassino, a esta hora, com mais nariz ou menos queixo, ainda estava inteiro. As podridões modernas pegaram-se aos

1 *Memoria sobre o mosteiro da Batalha*, no tomo x das *da Academia real das sciencias*.

santos incorruptos. Tudo pôdre. Sem o auxilio da chimica, já não se arranja hoje uma mumia.

*

Morto D. João 2.º, pôde affoitamente apparecer o seu medico mestre João de Mazagão ou do Porto.

D. João morreu em 25 de outubro de 1495, e antes de completos tres mezes, a 24 de janeiro de 1496, el-rei D. Manoel deu fôro de fidalgo com cota de armas a Mestre João com appellido de *Paz*. Fr. Manoel de Santo Antonio, no *Thesouro da Nobreza de Portugal* menciona dois brasões de familias *Paz*. Uma, procedente de Castella, tem nobreza antiga; a outra começa em Mestre João da Paz, medico de D. João 2.º e da rainha D. Leonor. O texto é o seguinte:

A outra familia descende de Mestre João da Paz ao qual deu o rei D. Manoel por armas em campo azul quatro rosas da sua côr refendidas e perfiladas de ouro acantonadas, e no meio uma patena de prata, em 24 de janeiro de 1496, em que se festejava a Virgem Nossa Senhora com o titulo da Paz, *e por esta razão tomou este appellido e instituiu morgado, e descendem d'elle alguns fidalgos da provincia do Minho.*

D. Manoel tinha uma grande dilecção devota por este appellido. Teve um filho que se chamou Miguel da Paz. Fizera uma capella e um altar á Senhora da Paz na igreja do hospital de Todos os Santos com pomposa festividade no dia 24 de janeiro em que nobilitou o christão-novo, baptisado pelo seu antecessor. E' uma das primeiras mercês assignadas pelo rei.

Mas — curioso reparo ! — mestre João da Paz não apparece na lista dos physicos de D. Manoel! Elle deu-lhe brazão, afidalgou-o com cota d'armas, permittiu-lhe que vinculasse os seus bens na provincia d'Entre Douro e Minho, mas não lhe quiz as receitas. Dos medicos que trataram D. João 2.º tomou para si mestre Rodrigo de Lucena, mestre Rodrigo da Veiga, mestre Gil da Costa, mestre Diogo Lopes e outros, e com predilecção o hebreu Diogo de Alfaro a quem fez nobre tambem e fidalgo de cota de armas; porém mestre Paz, que lhe sobreviveu muitos annos, nunca pôz mão nas complicadas mixordias da sua botica. É de suppôr que o medico, opulentado pelos trinta dinheiros judaicos da perfidia, se retirasse socegadamente ás suas quintas do Minho, onde plantava figueiras em vez de enforcar-se n'ellas como seu avô Judas de Kerioth. Ainda assim, mestre João da Paz conservou muitos annos uma correspondencia de certo melindre com D. Jayme, duque de Bragança, á qual o snr. Fernando Pa-

lha, se refere no seu livro, e da qual se fallará depois.

Fr. Manoel de Santo Antonio disse que d'este João da Paz descendiam alguns fidalgos do Minho. Hoje hade ser difficil esgaravatar esse parentesco, porque o appellido *Paz* tornou-se infamante desde certa época em que a Inquisição principiou a queimar esta familia, a pedido e por ordem de D. João 3.º Logo reverteremos ao ponto.

Pelo Minho, com toda a certeza, se espalharam por allianças matrimoniaes senhoras d'esta familia de christãos novos, que deviam ser muito ricas, se as conferirmos com os nobilissimos esposos que compravam. Maria da Paz, natural do Porto, casou com Pero Lopes da Mesquita, da quinta da Corujeira, perto de Guimarães. Uma irmã d'este Pero da Mesquita, D. Helena, casou com D. Fernando de Noronha, neto por bastardia, do marquez de Villa Real. A familia *Prelada* descende d'este casal.

Mecia da Paz, filha de Francisco da Paz, tambem do Porto, casou com Braz Pereira Brandão, pagem da lança do infante D. Fernando, filho de el-rei D. Manoel, e senhor da quinta de Val de Amores, em frente de Miragaya. Este Braz Pereira, juntamente com sua mulher Mecia da Paz, em 12 d'agosto de 1569, doaram a sua formosa quinta de Val d'Amores á provincia da Piedade, da ordem de S. Francisco, para que n'ella se edi-

ficasse um mosteiro da invocação de Santo Antonio [1]. Uns escriptores modernos dizem que o sitio em que se fundou o convento era um matagal em que os portuenses se iam carnalmente conspurcar com as rameiras da cidade, e d'essa sordida serventia lhe viera o nome de *Val d'Amores*. Forte e lôrpa calumnia assacada aos portuenses do seculo XVI! Se elles profanariam a palavra tão lyrica *de Amores* n'aquelle chafurdeiro! Se os detrahidores da romantica vivenda de Braz Brandão lhe conhecessem o dono, formariam outro conceito da propriedade que elle e sua esposa doaram aos frades Antoninos. Braz Brandão, o pagem da lança, era, como hoje diriamos, um fidalgo artista, grande conhecedor das artes de pintar, esculptura e illuminura. Travara grande amisade com o celebre Francisco de Hollanda, architecto e illuminador de D. João 3.º Francisco de Hollanda hospedava-se no Porto em casa do seu amigo, e dialogava com elle em assumptos da arte uns dialogos que deixou escriptos. Joaquim José Ferreira Gordo, enviado pela academia real das sciencias a Madrid, em 1790, para investigar manuscriptos portuguezes nas bibliothecas, encontrou um codice de Francisco de Hollanda, assim intitulado: *Dialogo sobre o tirar*

[1] Catalogo dos Bispos do Porto, por D. Diogo da Cunha, 1.ª ediç. pag. 113 e 114.

pelo natural, tido no Porto entre elle e Braz Pereira que foi filho de Fernão Brandão, guarda roupa do infante D. Fernando. [1]

O mesmo Francisco de Hollanda, no manuscripto da *Pintura antiga,* escripto em 1549, e traduzido pelo conde A. Raczynski, lembra-se de Braz Pereira com uma honrosa referencia indicativa do aprêço em que tinha os seus dizeres. Reproduzo a versão do conde:... *Pour faire construire ses èdifices, le roi doit s'entendre en architecture; savoir si elle est pure ou altérée, ancienne ou moderne, romaine ou gothique: il doit savoir distinguer les bons dessins des mauvais; car c'est un grand malheur lorsqu'un roi ou prince ne la connaît point. Comment pourra t'il avoir de bonnes forteresses? Cela me rapelle le mot de Bras Pereira qui, en parlant du fort de Porto, l'appelait* FAIBLESSE *au lieu de* FORTERESSE... [2]

Se é possivel que Braz Pereira, distinguido como bom juiz das bellezas das artes por homem tal como Francisco de Hollanda, consentisse que a sua quinta de Val d'Amores fosse um valhacoito das michellas e dos polhastros do Porto! Como é que, no meado do seculo 16, seria matagal uma propriedade que já era quinta e com o mesmo nome, em tempo d'el-rei D. João 1.º, e

[1] Memorias de litteratura portugueza, tom. 3, p. 43.
[2] Les Arts en Portugal, pag. 69.

como tal a possuiu o celebrado Alvaro Gonçalves, o Magriço, até que o mesmo rei lh'a tirou, porque os portuenses lhe requereram contra as violencias do fidalgo?

*

Estas allianças da velha nobreza com a parentella do christão novo João da Paz, deviam desagradar aos puritanos. Exemplos de casamentos de grandes fidalgos com opulentas filhas de medicos hebreus já vinha de muito longe. Mestre Joanne, medico de D. Pedro 1.º, era o argentario João Esteves d'Azambuja que casou sua filha Beatriz Esteves com Pedro Lourenço de Tavora, senhor do Mogadouro. A riqueza dos Tavoras derivou d'aquelle Mestre João.

Se não me engano, o poeta Sá de Miranda protestou contra semelhantes enlaces em uma carta escripta a Manoel Machado de Azevedo, seu cunhado, senhor de Entre Homem e Cavado, e que se acha estampada a pag. 248 do *Memorial do marquez de Montebello,* impresso em 1642.

Trata de gerações, e principia:

É, Senhor, grande trabalho
Escrever de Gerações,
Nem todos são Scipiões;
E podem cheirar ao alho
Ricos homens, e Infanções.

Tinha razão, o poeta, a começar por si. Não quadram os fumos da sua fidalga vaidade com ser filho de padre e de mulher de baixa esfera, mettida a riso por Gil Vicente. Como quer que fosse, a seguinte quintilha, se lhe sublinharmos uma palavra, póde ser allusão aos cazamentos dos fidalgos do Minho com as *Pazes*. Elle não empregaria o italico porque era discreto, e porque não carecia d'esse relevo para que o cunhado o percebesse. Diz a trova:

Dinheiro, officios, privanças,
A nobreza nos desterra;
Judeus e Mouros á terra
Nos trazem suas lianças
Que he n'esta «paz» maior guerra.

Na quintilha VIII parece alludir a umas peças do brazão dado por D. Manoel a Mestre João: —*quatro rosas perfiladas d'ouro:*

Então sem contradicções
Vossos avôs mostrareis
Que reis deram e foram reis.
«Deixae-lhes dourar brazões
«Que vós lh'os desdourareis.»

Póde ser que eu esteja a forçar decifrações de mera phantasia; mas, quer acerte quer não, sempre dou margem a notar-se que Sá de Miranda era tão avêsso a mouros e hebreus, quanto o seu

inimigo de escóla poetica, Gil Vicente, propugnava a favor das raças malditas. O Seneca, na Tapada, vociferava contra a mistura do sangue nobre e christão ao sangue impuro das ricas israelitas, e o Plauto em Santarem deitava discursos nas portarias dos mosteiros para abroquellar os hebreus das iras da plebe concitada pelos frades. Mas o grande caso é que Sá de Miranda era commendador, e Gil Vicente nunca passou de farcista, e nem sequer chegou a escudeiro na lista dos moradores do paço.

Veremos agora a posição social de alguns membros da familia *Paz* na côrte de D. João 3.º Vivia ainda o medico, e tenho a certeza de que era vivo em 1536, por uma carta d'aquelle monarcha ao cardeal Santiquatro, que citarei opportunamente. Andavam na côrte um filho d'este, de nome Duarte da Paz, homem de notabilissima infamia, que A. Herculano tirou da sua obscuridade, e de quem fallarei com a diffusão que merece; Jorge da Paz, homem da Armaria; Fernão da Paz, cavalleiro e moço da camara da rainha; Francisco da Paz, charamelleiro. [1] Não se persuada o leitor que isto de charamelleiro fosse of-

1 Hist. Gen. da C. Real. Provas, t. 6.º, p. 595, 610 e 612.

ficio réles. Parece-me que, em salarios, era o melhor da côrte. Se não, comparem: os medicos e cirurgiões da casa d'el-rei tinham de moradia 2$000 réis. O medico recebia a maior um alqueire de cevada. Os charamelleiros tinham de moradia 32$000 réis e 8$000 réis de vestiaria. [1] A consideração que as charamellas gozavam revela-se no testamento do duque D. Jayme, citado pelo snr. Fernando Palha, a pag. 19 do *Casamento do infante D. Duarte.*

Tenho noticia de outros *Pazes* que já pertencem á geração immediata, e d'esses tratarei em logar competente.

Duarte da Paz era já viuvo, e tinha filhos, quando em 1532 foi para Roma, subsidiado pelos hebreus, para estorvar que D. João 3.º obtivesse do pontifice o tribunal da inquisição, que havia solicitado desde maio de 1531. Duarte condecorava-se com o habito de Christo porque servira trez annos em Mazagão voluntariamente; ou, se não demorou nos presidios de Africa os trez annos completos, pagou a quem lh'os preenchesse. Assim o permittia a lei. O habito fôra ganho por serviços, e não como graça especial do rei na vespera de o enviar a qualquer diligencia; por isso

1 Cartorio dos Filhamentos, impresso sem data.

o converso, quando o embaixador portuguez em Roma lhe intimou, em nome d'el-rei, que largasse o habito, respondeu que o tinha ganhado com os seus serviços.

Presumo que o leitor conhece muito os pormenores d'este Duarte da Paz pela *Origem do estabelecimento da Inquisição,* de A. Herculano; portanto, parece-me impertinencia recontar-lhe, passo a passo, os casos da sua perversissima sagacidade durante dez annos que esteve em Roma, zombando dos cardeaes, dos papas, de D. João 3.º e dos hebreus seus constituintes. Não posso, porém, abster-me de apontar ligeiramente os factos da sua vida, que motivaram a desgraça d'esta familia, atravez de seculo e meio, desde 1542 até 1706, em que morreu queimado pelo santo officio Heitor Dias da Paz, o ultimo que acceitou aquelle appellido como um suicidio.

*

Diz A. Herculano. «Era... necessario enviar a Roma um homem activo e habil a quem se houvessem de confiar as armas de que a gente hebrea podia servir-se em sua defeza e que principalmente consistiam em avultados cabedaes. Foi escolhido para isto um christão novo chamado

Duarte da Paz, cuja origem é obscura» [1]. Não é perfeita a noção que teve o grande historiador da origem de Duarte da Paz. Os linhagistas, com vontade ou sem ella, iam inscrevendo nos fastos das familias heraldicas a descendencia do judeu que viera de Mazagão quando em Portugal se reuniram os hebreus mais distinctos de Castella. Encontrou A. Herculano documentos com que affirma a importancia de Duarte da Paz, escrevendo que D. João 3.º *mais de uma vez aproveitara a sua destreza em commissões arduas* [2].

Bastaria esta consideração do rei a illuminar-lhe a obscuridade, se a tivesse de origem. Conjecturo, sem grande receio de errar, que Duarte da Paz era um dos contadores da camara de D. João 3.º *Contador* era um official da fazenda real. Havia trinta e dois na côrte; e, se o seu nome não se encontra nas longas listas das *Provas* da *Hist. geneal. da casa real,* é talvez porque as listas foram escriptas depois do seu exterminio do reino. Assim m'o insinua uma carta de Duarte ao rei, em 1532, em que lhe pedia não lhe respondesse; e, como signal de que recebera a carta

1 *Da origem e estabelecimento da Inquisição*, t. 1, pag. 266.

2 Id., p. 267.

ordenasse a D. Martinho de Portugal lhe dissesse a elle Duarte da Paz *que mandasse entregar em Lisboa ao procurador de sua alteza o cartorio que estava a seu cargo*. Além d'isso, e como prova de que Duarte da Paz corria com papeis do cartorio real em que superintendiam os contadores, encontro no livro do snr. Fernando Palha, pag. 46, estes indicios: «O duque D. Jayme escreve ao rei sobre uns autos que se suppunha elle duque queria esconder, e que o rei lhe mandou pedir. D. Jayme defende-se das falsas supposições que attribue a informação calumniosa de Duarte da Paz, de quem se queixa amargamente.»

O pai de Duarte, o physico de D. João 2.º, nobilitado por D. Manoel, conservava secretas e intimas relações epistolares com o duque de Bragança. D. Jayme devia saber que farte as manipulações que o medico poderia ter operado na agua da Fonte-coberta. Póde ser que os ligasse a alliança do delicto e a reciproca intimidade da congratulação. O certo é que em poder de João da Paz havia cartas do duque significativas de que o Bragança não duvidava revelar ao medico de D. João 2.º a má vontade que tinha a D. João 3.º. Duarte da Paz, na mesma carta ao rei, em um *Post escriptum —rogava-lhe que queimasse a carta que lhe remettia inclusa, escripta por uma alta personagem, carta que devia ser importante, e que o converso confessava ter roubado a seu proprio*

pai. O texto diz: *Esta carta do duque furtey a meu pae; mande-a V. A. queimar.* [1]

O medico João da Paz vivia ainda em 1536, e a mãe, e outros filhos, e os filhos tambem de Duarte, que já era viuvo. Devia ser profundo o odio que o rei lhes tinha; mas havia um breve do papa que defendia estes christãos novos. Teve de esperar quatro annos que o breve fosse cassado para se vingar á farta.

Da obra de A. Herculano não consta o facto de existirem vivos e incolumes em 1536 os pais, os irmãos e os filhos do perfido Duarte; mas no tomo XI do *Quadro Elementar*, continuado por L. A. Rebello da Silva, pag. 153, encontram-se estes notaveis periodos summariados de uma carta de D. João 3.º ao cardeal Santiquatro: *Quanto ao pae, mãe, irmãos e filhos de Duarte da Paz, a favor dos quaes o pontifice passára um breve, ninguem lhes tem feito nem fará nenhum mal por causa das culpas d'elle, e el-rei ordenaria mesmo que o cardeal o não pedisse, posto que os erros de Duarte da Paz não merecessem tanta clemencia. Quanto ao procurador dos hebreus, em especial, não lhe concede voltar ao reino, porque não deve beneficiar um homem que, deixando*

1 *Da origem e est. da Inq.* t. I, p. 283.

a côrte para se empregar no seu serviço, motivo porque o honrara com o habito de Christo, além de outras provas de confiança e favores, que lhe tinha dado, partira para Roma, e alli estorvara publicamente os seus negocios em vez de os ajudar.

N'esta occasião envia ao cardeal cartas que lhe escrevera o procurador dos hebreus, denunciando alguns principaes que se preparavam para fugir de Portugal, pedindo provisão para elle mesmo os poder agarrar. Compenetrado da sua serventia n'este mister, é que Duarte da Paz dizia ao rei que lhe estava fazendo serviços em Roma: *que não o culpasse por ter vindo a Roma, e por continuar a requerer o perdão dos christãos novos; «porque o faço, cuidando que sirvo n'isso a vossa alteza».*

Nos *Annaes* de Fr. Luiz de Sousa, pag. 397, lê-se que de Napoles, em 3 de fevereiro de 1536, viera carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, avisando que em Roma se deram quatorze punhaladas em Duarte de Paz, que ficára por morto, mas vivia, em virtude das boas armas que trazia.

A tal respeito, dizia D. João 3.º ao cardeal Santiquatro «que sentia muito as feridas que Duarte da Paz recebera em Roma, que lhe foram feitas ou mandadas fazer por um clerigo, com o qual tinha rixas, e pede a Santiquatro que affirme ao pontifice que não tomára parte em semelhante caso, porque se o golpe fosse dado por

sua ordem havia de ser de modo que lhe ficasse pouco logar para continuar em seus crimes.» [1]

E' curioso. O rei, desde Lisboa, ensinava ao cardeal e ao pontifice quem dera as quatorze facadas no converso em Roma; e, por sua parte, diz modesta e christãmente, que, se fosse elle que as mandasse dar, as facadas seriam talvez quinze.

*

A mim me quer parecer que as facadas foi um presente que lhe enviou D. Theodosio de Bra-

1 *Quadro elementar*, t. XI, p. 154.

E' preciso alguma cautela com as interpetrações e extractos resumidos de Rebello da Silva, muitos dos quaes claudicam por infieis e obra de fancaria. N'este que trasladei apparece D. João 3.º a lamentar que esfaqueassem Duarte da Paz. Isto é inverosimil, porque o *Piedoso* era fanatico, mas hypocrita não. Para corrigir o texto de Rebello darei o traslado da minuta do paragrapho da carta, reproduzido textualmente por A. Herculano. Diz assim: «Acerca das feridas que la lhe foram dadas, afirmay tambem a S. S. que nunqua em tal cuidey, nem foy em minha sabedoria, e crede vós tambem e o afirmay a S. S. que, se eu em tal cousa cuidara, se fizera de outra maneira *e que lhe ficara pouquo luguar para suas malicias*, e certo que eu receby muyto desprazer de tal lhe ser feito tanto em presença do Santo Padre, como dizes, e *que* o que me foi dicto depoys de seu ferimento *dizerem-me* que hum clerigo com que ele tinha debates lhe fizera ou mandara fazer aquelle ferimento». Accrescentou Herculano: «O que vae em italico está ri cado».

gança para vingar o pai já fallecido quatro annos antes, das calumnias de Duarte quanto aos autos em 1531, e da perfidissima entrega em 1532 da carta de D. Jayme, escripta ao pai do delator.

Em 1536 andavam em Roma agentes de D. Theodosio solicitando a dispensa para o casamento de sua irmã Isabel com D. Duarte, e n'esse mesmo anno foi o christão novo apunhalado. O ferido tanto conhecia os sicarios, que instaurou libello contra o rei e contra os do seu conselho. É de suppor que D. João 3.º, de boas-avenças com D. Theodosio depois do fallecimento do pai, lhe mostrasse a carta escripta a mestre João da Paz, talvez com a pontaria feita na execução que o duque mandaria fazer ao hebreu, desaffrontando-o assim de um estorvo que, durante oito annos, lhe tolhêra as diligencias em Roma. Porque Duarte da Paz, com dez mil cruzados que recebera dos judeus portuguezes, chatinava na curia, fazia grande figura, era conhecido *por il commendatore* em Roma, jogava forte, dava jantares lautos, privava com alguns cardeaes, era admittido a especiaes audiencias do papa, ao qual propunha veniagas, tinha muita boa apresentação, muita eloquencia, muito descaramento, e todas as infamias que, perdida a vergonha, triumpham temporariamente.

Nada mais curial que dizer o duque D. Theodosio aos seus agentes em Roma: «Mandem vocês os seus lacaios dar uma duzia de punhaladas

'nesse marrano». Quem havia de imaginar que elle sobrevivesse ás quatorze?

*

Ora isto é uma hypothese fundamentada em outra que o leitor póde rejeitar, póde mesmo rejeitar as duas, descompôr-me, se quizer, que eu por mais que me injurie, nunca direi que foi o leitor que deu as punhaladas em Duarte da Paz, nem matou o Francisco Moraes Cabral, auctor do *Palmeirim de Inglaterra*.

Cá está a hypothese: é o assassinio de Francisco de Moraes, em Evora, por 1572, á porta do Rocio, diz Barbosa Machado.

Francisco de Moraes quando desceu de Bragança, sua patria, entre 1527 e 1533, foi recebido na côrte na qualidade de moço da camara do infante D. Duarte. [1] São desconhecidas para mim

[1] Em 1521 residia em Bragança, segundo se infere de um manuscripto d'elle, talvez auctographo, que vi na bibliotheca do conde d'Azevedo, e de que tenho traslado. Diz assim: *Em sexta-feira de Endoenças do anno de 1521 vi no mosteiro de Sam Francisco em bragança um Diogo Lopes ferreiro vestido em manto bérneo, e touca foteada estar ante o Sacramento em roda de mulheres lendo por Celestina e parece-me que era no auto que falla do Centurio.* Em 1525, pela nota do mesmo, vê-se que demorava em Miranda do Douro: *No anno de 1525 em dominic*

as causas que motivaram separar-se Francisco de Moraes de seu amo depois que casou. É certo que entrou no serviço de D. João 3.º, que acompanhou a França em 1540 o embaixador conde de Linhares, e, se a affirmativa de Barbosa Machado merece fé, teve uma commenda da ordem de Christo e foi thesoureiro da casa real. Na volta de França casou em Evora, onde passou o restante da sua longa existencia, trasladando a portuguez ou compondo originalmente a *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, (controversia indecisa)

---

quando se cantava o Evangelho de Liber generationis, em terra de Miranda do Douro no arcebispado de Braga, Fernan de Annes capellão da igreja do Genesio se contratou com os freguezes que, porquanto o evangelho era comprido lhe diria a epistola duas vezes, e por consentimento d'elles ficou a missa sem evangelho e a epistola foi dobrada.

Em 1533 já estava em Lisboa ao serviço de D. Duarte: *Sexta feira de endoenças de 1533 vi no mosteiro de Santos de Lisboa representar-se um auto da paixão de N. Senhor, e todas as figuras eram christãos novos, e só o Christo era christão velho.* No mesmo anno, a 13 de março, diz que vira *na igreja da Concepção mestre Thomaz pai de Gil Vaz ouvir uma missa toda, e por derradeiro beijou a vestimenta ao padre, mas morreu queimado.* Em dia de Corpus Christi de 1534 estava em Evora com a corte, e conta que *sahiu na procissão Lopo Garcia da Nobrega alferes da cidade de Evora, com sua bandeira, segundo costume, vestido de loba cerrada, e por baixo um habito* (vestido) de sua mulher *por fazer mangas, tomado pela petrina com um ourelo como alva de clerigo, e na praça quebrou o cin-*

e outros escriptos de menos tomo, entre os quaes ha um que faz ao nosso intento, e Francisco Moraes intitulou COLLOQUIO—*Interlocutores—Fidalgo e Escudeiro.* Este colloquio e outras miudezas foram publicados pela primeira vez em 1624, cincoenta e dous annos depois da morte do auctor; mas soffreram uma importante mutilação, porque era impossivel que sem ella a censura deixasse correr o livro. Se o leitor possue as *Obras de Francisco de Moraes,* na modesta edição de 1852, abra o 3.º tom., e em seguida á pag. 404, na lauda 7,

---

gidouro, e o habito mostrou toda a sua operação que seriam 5 palmos de rabo por baixo da loba que lhe levava o moço. Contemplai agora—acrescenta o collector de ridiculos—*que festa teriam os rapazes, e que taes iriam as faces do Alferes indo o rei na procissão!* Dá noticias de Evora em 1536: *O primeiro christão-novo que matou sua mulher por adulterio foi Duarte Vaz mercador em Evora em 1536, e com tudo a matou com um canivete, posto que mestre Roque affirma que foi com um espeto.*

O unico impresso em que tenho encontrado noticia de ter sido Francisco de Moraes moço da camara do infante é a VIDA DO INFANTE D. DUARTE, *por André de Resende,* onde refere: *Vi eu hũa vez Francisco de Moraes seu moço da camara pedir lhe çerta merce, indo o Infante ja pera fora, e elle lhe respondeo que sim, quomo tornasse. Senhor, disse o moraes, quer V. A. que lho lembre Vasco da Mota? Respondeo o Infante dizendo; e bem, non me serves tu a mim? Se tu serves, por que buscarás outrem que me represente teu serviço? quando vires que me descuido tu mesmo mo lembra.*

ahi tem o *Colloquio* que o editor Manoel Carvalho denominou *Dialogo primeiro*. Persuado-me que da morte violenta de Francisco de Moraes foi esse colloquio, que encerra uma sinistra satyra, o motivo. Cheio de curiosidade, o leitor relê a composição que se lhe figura innocentissima, e não acha periodo ou sequer phrase que offendesse a casa de Bragança ou a prosapia de quem quer que fosse. Mas eu já lhe disse que a satyra é uma publicação posthuma e deturpada, como cumpria que fosse, para que o editor, se a publicasse genuinamente, não padecesse desastre identico ao auctor.

Tenho o *Colloquio* apographo trasladado, talvez, do original que se encontra em uma collecção de DOCUMENTOS DO SECULO XVI que o conde de Azevedo comprara na livraria do barão de Prime, e que antigamente havia pertencido á casa da Prebenda, dos Esteves da Veiga e Napoles. Fallece-me pachorra e ao leitor paciencia para nos determos em minudencioso confronto e restauração de periodos, phrases e vocabulos alterados na obra impressa. Basta-nos o essencial ao intento. Abra o leitor o livro indicado a pag. 19: e na linha 27, onde encontra as palavras *pobres escudeiros,* accrescente o que o auctor escreveu e foi jarretado na obra impressa: *Até o conde D. Nuno Alvares Pereira que deixou o estado de Bragança quereis que tivesse um quarto d'isso* (de escudeiro) *e dais por prova d'isso a capella*

dos corvos que está em Evora-Monte feita por João Gonçalves Barbadão seu avô. Por esta rasão ha ahi muitos que se desprezam de Pereiras... [1]

«Que por causa do Barbadão havia muitos que se despresavam de Pereiras»! Não podia desfechar-se mais penetrante injuria ao duque filho de outro que tivera successão real, neto d'el-rei D. Manoel, e presumptivo herdeiro na falta de D. Sebastião. A satyra de Moraes denota contra a casa de Bragança um odio cego que o levava estouvadamente ao precipicio. Elle devia saber que Damião de Goes, pela audacia de menoscabar a prosapia de D. Antonio de Athaide, conde

[1] Aqui ha equivoco ou falta de palavra no meu treslado. João Gonçalves Barbadão, se era avô de D. Affonso, filho bastardo do mestre d'Avis, não o era do conde D. Nuno Alvares Pereira, sôgro do 1.º duque. João Glz Barbadão dizem alguns genealogicos ser pai de Ignez Pires, de quem o mestre d'Aviz houve o filho. A mãe de Nuno Alvares era Eria Gonçalves do Carvalhal, e, como sabem, o pae era o padre Alvaro Gonçalves Pereira, prior do Crato, e o avô era o padre D. Gonçalo Pereira arcebispo de Braga que teve amores com a castelhana Thereza Pires. Quanto á filiação de Ignez Pires ha documentos que a impugnam; porém como os titulos de nobreza d'essa senhora, commendadeira de Sanctos, foram fornecidos a José Soares da Silva pela casa de Bragança, o credito que elles merecem não é bastante para destruir a tradição de cinco seculos. Ainda assim, veja as *Memorias de D. João 1.º*

da Castanheira e vallido de D. João 3.º, soffrêra deshonras e insultos publicos da mão do proprio offendido. As trovas do celebrado chronista diziam:

Mestre João sacerdote
De Barcellos natural
Houve d'uma moura tal
Um filho de boa sorte.
Pedro Esteves se chamou;
Honradamente vivia;
Por amores se casou
C'uma formosa judia.
D'este (pois nada se esconde)
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'aquelle conde
Que é conde da Castanheira [1]

Pois o conde da Castanheira esperou, uma noite, Damião de Goes na Rua Nova e deu-lhe rija bordoada. Não contente do insulto em segredo, D. Antonio procurou aviltal-o em publico. Encontraram-se, um dia, na Casa da India. Damião de Goes era feitor de Flandres, e o conde era vedor da fazenda. A' conta de negocios tiveram um começo de altercação que o conde rematou depressa pregando-lhe com as luvas na cara [2].

[1] Veja a longa satyra nas *Noites de insomnia*, t. XI.

[2] *Lembranças* (mss.) de Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho.

«Depois, diz D. Manoel Caetano de Souza, o segundo conde da Castanheira desforrando-se dos velhos e renovados ultrages a Maria Pinheira mandou creados seus moêrem com sacos de areia o ancião no pateo da sua mesma caza; e de modo se houveram que Damião de Goes apenas teve forças que o arrastassem á cama, onde se desprendeu da vida.»

Francisco de Moraes Cabral devia saber isto, e desastradamente deixou vogar copias do seu *Colloquio* por mãos de invejosos abjectos que as mostrariam ao duque D. Theodosio — um *Pereira*, o melhor *Pereira* das Espanhas, de cujo parentesco «se despresavam» alguns, no dizer do biltre, antigo moço da camara de seu pai, o infante D. Duarte!

E, depois, uma noute, á porta do Rocio de Evora é encontrado o velho por terra, sem falla, hirto, morto para alli, com quatro pontapés dos lacaios do duque. O septuagenario scismador de cavallarias andantes cuidou talvez que a sua vida e os seus talentos lhe eram defêsa, e foi dar o seu passeio fora de portas, inerme, a recordar-se por ventura, como um velho que visitam sonhos da mocidade, d'aquella amada Torsi, dama franceza, por amor de quem escrevêra a *Desculpa de uns amores*.

Desenganos são sinais
De morte ou de mores danos.

Quando vos houve mister
Folgastes de me enganar,
Quando enganado quiz ser
Vindes-me desenganar.

*

Não era tão facil de matar Duarte da Paz. As quatorze punhaladas fizeram-lhe fundos raspões no fino aço do arnez, e sangraram-no saudavelmente dos máos globulos de sangue que o traziam baldeado entre a religião de Moisés, de Jesus e de Mafoma. Sahiu de Roma para Veneza, e d'ahi escreveu ao papa invetivando promiscuamente contra os judeus, contra os christãos, contra os cardeaes, contra os ingratos, contra os estupidos, contra o rei; mas sobre tudo contra os seus correligionarios que lhe não pagavam as dividas. Considerava-se roubado, e concluia protestando dizer sempre *cousas honestas e verdadeiras em honra do salvador a quem rogo* (dizia cheio de arrobos e uncções) *que me defenda das traições, falsidades e dolos proprios de taes hereges.* Uma victima da iniquidade dos homens! Seja pelas almas!

Depois, imprimiu um libello contra os procuradores que o substituiram na defesa dos christãos-novos. O fiscal da fazenda e da camara apostolica, por parte dos officiaes da curia, processa-

ram-no e condemnaram-no á morte. A esse tempo ia elle caminho da Turquia, onde encontrou com certeza o repousado asylo que já tinham encontrado, com o pequeno sacrificio de mudarem de Moisés para Mahomet, Zacuto, e D. Salomão e outros hebreus foragidos de Portugal e Hespanha. Se lá se demorasse quarenta annos, poderia vêr bem prosperado e ministro do sultão um João Lopes, filho de um judeu portuguez, que entre 1585 e 1590 fôra ministro da fazenda de Xisto 5.º

«Em nossos tempos (diz uma *Carta que se escreveu na era* de 1602 *ao illustrissimo e reverendissimo snr. Theodosio de Bragança arcebispo de Evora)* vimos um João Lopes, filho de um judeu portuguez, nascido na judiaria de Roma, grande portuguez na linguagem, ser tido em tanta conta por Xisto 5.º que chegou a governar-lhe sua fazenda em Roma para levantar as rendas de sua santidade, que não o soffria o povo, e não ousavam a se queixar d'elle por ser muito privado de Xisto. E por morte do papa (1590) temendo que o matassem, fugiu para Constantinopla, onde dizem que está privado (vallido) do turco por invenções que lhe dá no seu estado da fazenda.» [1]

[1] Xisto 5.º, muito caroavel de hebreus portuguezes, tinha em tanta conta uns christãos novos descendentes de uns Veigas medicos de Affonso 5.º e D. João 2.º, parentes talvez de João Lopes, que lhes concedeu um Breve n'estes

Quando Duarte da Paz passava de Ferrara, onde esteve prezo, para Constantinopla, Pero Domenico, em 27 de abril de 1542, dizia a D. João 3.º que um certo converso, rico e nobre, tratava de obter do pontifice para si e seus parentes a exclusão de um inquisidor suspeito, e accrescenta: *que tinha procurado combater esta pretensão, mostrando quanto fôra prejudicial a que se havia concedido a Duarte da Paz e a seus parentes, pois o procurador dos christãos novos, depois de abusar d'ella, fugira para a Turquia, aonde se conver-*

termos, datado em 1585: «que elles e seus filhos, *in infinitum*, fossem n'estes reinos de Portugal e fóra d'elles reputados e havidos por nobres e illustres, e podessem gosar todos e quaesquer officios e dignidades, posto que sejam das militares e Ordens de Christo, S. João de Jerusalem, e S. Thiago da Espada e de commendas, beneficios ecclesiasticos e seculares, e que se possam chamar de *Dom*; e sejam livres em Hespanha e Portugal de pagar fintas e quaesquer outras contribuições, que costumam pagar os de *Nação hebrea*, christãos novos; e outro si havia por bem de os aceitar e a seus filhos e descendentes na sua parentella e geração da familia dos *Peretas*, de que S. Santidade procede, dando-lhe as suas Armas, etc.» *Nobiliarchia medica*, pag. 19 e 20.

Este Breve foi mandado executar por D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, em 7 de março de 1587.

Emquanto o vigario de Christo assim procedia com os hebreus em Roma, ardiam em Portugal os que não podiam acolher-se ao patrocinio do papa.

tera á religião do paiz, ficando os seus no reino, e praticando delictos porque não podiam ser castigados... [1]

Pero Domenico lembrou bem. Seis mezes depois, a bulla de 27 de outubro revogou a que tinha sido concedida a Duarte da Paz, pela qual tanto elle como seus parentes não podiam ser presos pela Inquisição. A rasão allegada na bulla é elle ter passado ao islamismo, depois de ter reincidido no judaismo.

*

Cassada a bulla, é estabelecido o tribunal da Inquisição.

Em 1542 começou a perseguição á familia *Paz*. De pae e mãe de Duarte não tenho noticia alguma. Seriam já mortos? Ter-se-íam salvado pela fuga? Iriam na onda de sangue que espadanou nos antros do tribunal, obscuramente, quando o rei saciava a sua sêde irritada pelas contrariedades que lhe pozeram em Roma os procuradores dos conversos? Nada pude descobrir; mas sei que um irmão de Duarte, aquelle Fernão da Paz a quem o infante arrancou os ca-

1 *Quadro elementar*, tom. XI, pag. 449.

bellos com o barrete ensopado em oleo de terebinthina, foi preso nos carceres da Inquisição e ahi se suicidou ou foi assassinado pelos proprios parentes afim de não fazer revelações, violentado pelos tratos, como André de Rezende suppõe. O frade, mestre do infante, louvando os castigos que seu amo lhe dava, com a santa intenção de o arrancar á convivencia dos hebreus, accrescenta: *Custavam porém estas graças* (graças!) *ao Infante alguma cousa do seu, por que sempre depois d'ellas lhe fazia mercê avisando-o e dizendo-lhe que aquillo lhe mandava fazer como castigo; mas o desmazellado não se soube guarecer nem remediar que não houvesse máo fim, por que, sendo prezo pela sancta Inquisição, sem querer confessar seu erro, elle mesmo procurou sua morte ou segundo alguns dizem, deram-lhe peçonha a fim que não revelasse o que outros receavam ser descoberto e sabido.*

E' muito verosimil a segunda hypothese. Fernão da Paz talvez bebesse em dose mais concentrada que D. João 2.º o veneno que o rei bebêra diluido na agua da *Fonte-cuberta*. Mestre João da Paz devia ter apurado os seus processos toxicologicos.

Um dos irmãos ou proximos parentes de Duarte fugiu para Segovia, onde se estabeleceu e viveu socegadamente observando as exterioridades christãs. D'elle descendeu Henrique da Paz que se tornou suspeito ao sancto tribunal, e fugiu para França

em 1638, assentando residencia na cidade de Rouan onde commerciava. Ahi mudou de appellido, assignando-se *Antonio Henriques Gomes,* com que auctorisou varias obras não vulgares, nomeadamente o *Sansão Nazareno* e *El Siglo Pitagorico y la Vida de Don Gregorio Guardaña,* que publicou em 1644. Barbosa, na *Bibliot. Lusit.,* dá-lhe Portugal como patria; mas Amador de los Rios nos seus *Estudos sobre os Judeus de Espanha,* com melhor critica, o dá nascido em Segovia, e nos diz o seu verdadeiro nome.

Henrique da Paz foi queimado em estatua pela Inquisição em 1660. [1] Luiz 13.º nomeou-o cavalleiro da ordem de S. Miguel, conselheiro e seu mordomo ordinario.

Com uma filha d'este Henrique da Paz casou em Rouan um residente que D. João 4.º mandára a França chamado Manoel Fernandes Villa Real, christão novo. Mad. de Saint'Onge, na *Histoire secrete de Dom Antoine Roy de Portugal,* particularisa especies da biographia d'este desgraçado:... *C'etoit un homme d'un agreable commerce, il n'avoit rien dans l'humeur de ceux de sa Nation; son esprit étoit d'un caractere à se faire beaucoup d'amis; aussi tous les gens de qualité e de*

[1] Histoire de la littérature espagnole de Q. Ticknor, traduite... par Magnabal. T. 3.º pag. 149.

bon goût se faisoient un plaisir de le voir; on étoit charmé de son air ouvert et de ses manieres aisées, tous ses dehors étoient d'un parfaitement honnête homme, et on ne pouvoit le connoître sans l'estimer... Villes Realles (Villa Real) *s'etoit marié à Rouen à la fille d'un riche Portugais, qui étoit dans le commerce; il laissoit sa femme chez son Pere, afin d'avoir plus de liberté; il donnoit dans tous les plaisirs des honnêtes gens; mais lorsqu'il ne pensoit qu'à se devertir, il reçût du Roy son Maître un ordre de se rendre en Portugal. Cela le chagrina...* [1] Prossegue a neta de D. Gomes de Vasconcellos de Figueiredo, irmão de celebre Cypriano de Vasconcellos, intimo do Prior do Crato, contando que seu avô lhe aconselhára que não fôsse a Portugal; mas que Villa Real teimára em ir, deixando-lhe como penhor de prompto regresso a esposa e os filhos que deixava. Este amigo de Manoel Fernandes sabia que o residente era christão-novo e que em um livro que publicara, em 1641, intitulado *Epitome genealogico do cardeal duque de Richelieu,* havia idéas que muito deviam desagradar a D. João 4.º

O certo é que Villa Real, apenas desembarcou

[1] Obr. cit., pag. 166 e seg.

foi preso, encarcerado na Inquisição, e garrotado no auto de fé de 10 de outubro de 1652.[1]

A viuva e filhos de Manoel Fernandes Villa Real ficaram em Rouan na companhia de seu irmão e tio Diogo Henriques Basurto, poeta como seu pai e auctor d'um poema estimado que chamou: *El triumpho de la virtud y paciencia de Job. Dedicado a la Magestad christiannissima de D. Anna d'Austria, madre de Luiz XIV.* Roan, 1614.

---

1 Manoel Fernandes Villa-Real, cavalleiro fidalgo da casa do serenissimo senhor D. João 4.º, publicou em Paris, em 1643, em lingua hespanhola, contra D. João de Caramuel, uma defeza dos direitos de D. João de Bragança ao throno: *Anticaramuel, o defença del manifiesto del reyno de Portugal.* Publicou em 1645 a *Decada* XII da Historia da India de Diogo do Couto. Em 1729 havia em Lisboa parentes d'este christão novo garrotado por denuncia do celebre padre Francisco de Santo Agostinho de Macedo, um ordinario poeta que Manoel Fernandes Villa Real chasqueara em França. Os parentes do imprudente satyrisador da poesia dos frades, setenta annos depois, davam publico testemunho da sua piedade. No PARAISO SERAPHICO por fr. João Baptista de Santo Antonio, tom. I, pag. 415, vem esta verba testamentaria: *Luiza Gonçalves, moradora 'nesta côrte, no testamento que fez dos seus bens, deixou de esmola para os logares santos reis, 40$000 que pagou seu marido Francisco Fernandes Villa Real em 11 de janeiro de 1729.* Com estes 40$000 reis amordaçava o plausivel hypocrita a hyena de S. Domingos de Gusmão.

Da mesma familia *Paz* era Francisco Gomes Henriques, mercador de sêdas, de alcunha o *Forra Gaitas,* garrotado e queimado em 1654. A sentença diz que elle vociferava estas blasfemias: que *Christo não era filho de Deus* — e perguntava insolentemente: *Esse Deus que coisas fez? que sol? que lua? que estrellas? não achou já tudo feito?* E achava que havia muitos deuses na nossa sancta religião — *Deus na Sé, Deus em S. Domingos, Deus em S. Roque, Deus em S. Julião! Tantos Deuses!* O farçante! Chamava á missa *misca,* e á confissão *confiscação.* E que o Evangelho *era um livro de letras pretas e vermelhas sem casta de authoridade alguma* e outras patifarias que pareciam de Calvin e Luther. [1]

[1] Consta-me que já fui malsinado pela critica por escrever *Luther* e *Calvin*, quando os doutos escrevem lusitanamente *Luthero* e *Calvino*. Doutos e semi-doutos sabem que Jean Calvin era francez. Ora, se a *Bernardin* de Saint-Pierre, a *Larochejaquelin*, a *Girardin*, a *Martin*, não convertem portuguezmente em *Martino*, *Girardino*, *Larochejaquelino* e *Bernardino*, não ha razão para que de *Calvin* façam *Calvino*. É certo que o heresiarcha, alatinando-se, assignou-se *Calvinus;* mas nem por isso degenerou da terminação franceza, nem os seus compatriotas o denominam pelo appellido latinisado. Chamam-lhe *Calvin*, pela mesma razão que os portuguezes, quando citam *Diogo de Gouveia*, não dizem *Didacus Goveanus*, como elle subscrevia as suas obras latinas, nem a Alvaro *Paes* chamam *Pelagio*, assim assignado na obra *De plantu Ecclesiæ*.

Garrotaram-o simplesmente, devendo ser mais severos.

Andou o sancto officio mais equitativo com outro descendente de Duarte da Paz, chamado Heitor Dias da Paz. O seu ascendente, em tempo de D. João 3.º, fugira para Traz-os-montes e estabelecera-se em Villa Flor com outros da sua nação, deixando o appellido *Paz* e adoptando os de *Moraes Taveira*. Heitor nascêra por 1680; e, quando soube de quem procedia, reassumiu o appellido anterior, matriculando-se na Universidade

---

A mesma razão impera e manda que ao outro herisiarcha allemão Martin *Luther* não chamemos *Luthero;* porque então diremos de *Mesmer*, *Lavater* e *Murger*, procedentes da Allemanha, *Mesmero*, *Lavatero* e *Murgero*. Além de que, appellidos de linguas extranhas são intraduziveis.

Mas ha muito peores desinencias e deturpações nos escriptores aliás elegantissimos do seculo 17. A Mary *Stuart* chamam Maria *Estuarda* e a *Seymour* chamam *Semeria*. Quanto a Anne *Boleyn* já ninguem é capaz de a restituir ao nome baptismal: para nós hade ser sempre *Bolena*. Entre os arcebispos de Braga biographados por D. Rodrigo da Cunha, pelo padre José Correia e recentemente pelo snr. conego Figueiredo encontrei um *João Cardolaco*. Andei muito tempo intrigado com este nome até que afinal descobri que o arcebispo era francez e se chamava *Jean de Cardillac*. Na *Breve noticia sobre a Ilha dos Açores* por Perestrello da Camara é muito fallado um corsario chamado *Mulerque*. Quem cuida o leitor que era este *Mulerque?* era o fidalgo gascão chamado *Mont-Luc*.

de Coimbra, na carreira de Medicina, com o nome de *Heitor Dias da Paz*, em 1701. Quando cursava o terceiro anno foi prezo, aos 10 de janeiro de 1703 nos carceres do santo officio de Lisboa. Consta da sentença que, nos interrogatorios, respondeu francamente que era judeu. *E pelo reo foi dito que não queria mais procurador nem mais interrogatorio, por serem desnecessarias mais deligencias, visto que elle já de si dissera ainda mais do que as testemunhas contra si tinham deposto.* Procedera com mais seriedade que o seu parente Francisco Gomes Henriques. Não ultrajou o Christo nem metteu a riso os diversos deuses das varias egrejas.

Protestou com hombridade de martyr voluntario e com uma serena e eloquente apologia das suas crenças *que era judeu extreme; cria firmemente em Adonai, Deus de Abrahão, Isac e Jacob, assim e da maneira que o manda a lei de Moisés.* Foi condemnado a ser queimado vivo.

O pregador do auto da fé de 12 de setembro de 1706 era aquelle celebre padre Francisco de Santa Maria auctor do *Ceu aberto na terra* e do *Anno historico.* Esmerou-se, porque assistiam ao auto D. Pedro 2.º e seus filhos.

O orador apostrophou directamente Heitor Dias da Paz que o fixava com uma impudentissima serenidade ironica. Dizia-lhe o frade: *E' vós que n'este tremendo cadafalso sois o reu de maior*

delicto, olhai que em vós n'esse infeliz estado se verifica com propriedade lastimosa o que dizem as palavras do meu thema: De malo ad malum egressi sunt. *Saireis de ser condemnado no juizo dos homens e entrareis a ser condemnado no juizo de Deus. ... Saireis d'um fogo que brevemente acaba e entrareis em outro fogo que para sempre dura. Oh filho da minha alma! é possivel que assim vos deixeis guiar só da vossa imaginação, e vos ateis tão fortemente á vossa teima em um negocio de tanta importancia?... Nos pontos de medicina que estudaveis é sem duvida que havieis de estar pelo que vos diziam os vossos mestres; pois se nos pontos de medicina vos guiaveis pelo que vos diziam os doutores medicos nos pontos de fé, por que vos não guiaes pelos doutores theologos que tantas vezes e com tanto zelo e espirito se empenharam em vos reduzir ao caminho da verdade?*

A apostrophe estirou-se por largo espaço. Entre muitas frioleiras communs de todos os pregadores de autos de fé, o padre Francisco disse uma bestealidade que sobrepujou a todas, e devia dar ao penitente grande jubilo por se vêr fóra da communhão religiosa de tal sandeu. Elle ejaculára esta calumnia á colonia hebraica: *affirmo que na vossa nação falta ha muitos seculos, por justo castigo de Deus, o dom da sabedoria, e dominam as trevas da ignorancia.* Foi para responder

a este parvoeirão que D. José Rodrigues de Castro e Antonio Ribeiro dos Santos escreveram a *Bibliotheca rabinica hespanhola* e as *Memorias da litteratura sagrada dos judeus portuguezes.*

Heitor Dias da Paz devia sorrir; e os inquisidores, e o prégador, e D. Pedro 2.º e mais os seus meninos, pouco depois, sorririam christãmente vingados, quando o viram amarrado ao poste a retorcer-se mordido pelas serpentes de fogo.

N'aquelle martyr terminou, ao cabo de seculo e meio, a vingança de D. João 3.º

Não sei que mais diga dos exterminados descendentes de mestre João da Paz, baptisado por D. João 2.º, e feito fidalgo de cota de armas, tres mezes depois da morte de seu padrinho, por el-rei D. Manoel.

Pela alma do *principe perfeito* não farei suffragios por que esteve inteiro; mas para as dos outros, na hypothese de que os corpos apodreceram, é obra meritoria e boa pedir a luz perpetua.

*

O snr. Fernando Palha capitúla de *inepto e fanatico* D. João 3.º, mas faz resvalar no escudo da justiça as injurias que os historiadores modernos dardejam contra o filho de D. Manoel. Eu, pela

minha parte, não encontro provas persuasivas da inepcia de D. João 3.º quanto aos seus processos de reinar. As emprezas ruinosas do oriente achou-as no seu auge quaes lh'as legára o pai, o *Venturoso*, continuador da iniciativa do *sabio* D. João 2.º Deduzir a inepcia do fanatismo sería uma derivação violenta e illogica. Quaes eram os sabios do seculo XVI e XVII que não fossem simultaneamente fanaticos? A sollicitude afanosa com que implantou no reino o tribunal da fé, a meu vêr, nada prova contra elle, nem lhe avantaja a benignidade dos seus antecessores. O mesmo era matar judeus não processados, como em tempo de D. João 2.º, ou desterral-os roubados nos bens e nos filhos como em tempo de D. Manoel, ou rebanhal-os em masmorras e leval-os d'ahi processionalmente aos supplicios publicos das praças. Até se me figura que o processo legal e moroso salvaria muitos que, abandonados ao velho rancor da plebe e dos officiaes de prelados fanaticos, teriam o destino dos hebreus de 1506 em Lisboa, dos da Covilhã e d'outras sangoeiras que devastaram algumas povoações do reino.

Guarde me Deus de inutilisar duas paginas d'este livro a remoçar a odiosa questão dos fundamentos que absolvem ou condemnam o creador do santo officio em Portugal. O assumpto dá margem a controversias de grande fôlego, e não terá pouco que fazer quem houver de im-

pugnar victoriosamente a LIÇÃO XI de Guizot que estabelece e demonstra que a Inquisição foi mais uma instituição politica do que religiosa, e que o seu verdadeiro plano consistia mais em manter a ordem que em defender a fé.

Está assentada a reputação da estupidez de D. João 3.º na vaga noticia de haverem pedido a sua demissão de mestres do principe trez dos escolhidos por D. Manoel, — Diogo de Ortiz, o medico Thomaz de Torres e o jurista Luiz Teixeira. Pelos modos, allegaram da sua justiça, pedindo dispensa do professorado, que do seu real alumno apenas conseguiram que elle percebesse, e muito mal, o latim; e, portanto, requeriam a sua exoneração. Não descontaram na preguiça cerebral do principe a atonia nervosa em que o traziam Isabel Moniz e Antonia de Berredo, gentis meninas e mães dos seus bastardos.

O principe D. João aprendeu d'estes mestres, inverosimilmente escrupulosos da capacidade intellectual do discipulo, e d'outros professores o latim, o grego, e jurisprudencia e as mathematicas. Diogo Sigêo e o bispo D. Antonio Pinheiro tambem lhe ensinaram o que quer que fosse. Só de lingua grega teve dous professores — o doutor Luiz Teixeira para a traducção, e outro para a conversação — que veio directamente de Athenas, grego completo em tudo, porque até se chamava João de *Menelau*. Os chronistas não dão importancia

a este Menelau. Pois deu-lh'a o principe, que o fez rei d'armas em Portugal, fidalgo da sua casa, e por armas «em campo vermelho uma serpente de prata picada de verde, amedrontada de uma aguia de ouro armada de azul que está sobre ella.» Estas armas dos Menelaus, bem differentes d'outras armas do grego marido de Helena, tambem Menelau, as tinham os descendentes do mestre de D. João 3.º na sua quinta do Seixal, onde viviam no reinado de Filippe 2.º Mas isto, se não convence que elle sabia a lingua grega, tambem não persuade que fôsse estupido. Concedido até que elle entendesse mal Horacio e Ovidio, isso que faz? Quantos seus vassalos doutorados, quantos fidalgos e desembargadores em altos empregos que soubessem latim como Alvaro Paes e Jeronymo Osorio!

Os contemporaneos que lhe dedicaram os seus livros tanto lhe apologisam as virtudes como o amor ás lettras e aos letrados. [1] O dominicano Diogo Ximenes, em 1552, dedica-lhe o seu ENCHIRIDION. Já no titulo hellenico dá a perceber que o rei sabia grego. «Quem ha ahi (exclama o

1 *Historia de la iglesia que llaman ecclesiastica*, etc. Lisboa, 1541. *Libro llamado de privados e doctrina de cortesanos, por Antonio de Guevára.*

frade na Dedicatoria) que lhe não conheça a humanidade e mansidão como de homem de povo e auctoridade mais que de rei? Aquelle propiciar a todos e não impecer a ninguem! Aquillo é que é ser principe ás direitas! A clemencia que, mais que tudo, faz amados os principes! Ouvidos, bolsa e entranhas tão abertos ás miserias alheias! Zêlo tão incendido na honra de Deus e divino culto!... Reformação de costumes no secular e ecclesiastico do reino! Aquella sua paz tão armada, e armas tão pacificas quando não são precisas! Aquella concordia e lealdade de matrimonio! *Amor ás lettras e favor aos que as cultivam!*... O' principe nascido para Deus e homens e digno de nunca morrer!»

Sabem de sobra que o frade não bajulava quanto ao amor ás lettras e aos seus cultores. Ninguem o desbalisa da fama de ser o monarcha mais generoso com estudiosos que mandava a Paris instruir-se; e, se não fosse o terror da Reforma, — terror natural que avassalou todos os soberanos da Europa — o que seria a Universidade de Coimbra por elle reformada com professores taes como Jorge Buchanan, Nicolau Grouchio, Teives e Gouveias, etc.

Os primeiros poetas do seu tempo escreviam-lhe congratulações, epitafios e cartas — Sá de Miranda, Gil Vicente, Andrade Caminha e Antonio Ferreira. Diz-lhe o Ferreira:

... Lettras
Com que as armas ornaste, honrando Phebo
Egualmente com Marte, que florecem
Agora mais que nunca.

E no epitaphio:

pai verdadeiro
Da religião e lettras João terceiro.

Sá de Miranda na derradeira quintilha dá a perceber que o rei sabia latim:

Assi, que seja aqui fim,
Tornem as praticas vivas;
Perdestes meia hora em mim,
Das que chamam successivas
Estes que sabem latim.

Se elle o não soubesse, era indelicadeza impropria de fidalgo tão da côrte ensinar ao rei o que os latinos chamam *horas successivas*. Gil Vicente sujeitava á sua critica o sermão que prégou aos frades de Santarem, e eu vou jurar que o rei fanatico de si para si entendeu que Gil Vicente era um parvo; e quanto a retribuir-lhe o serviço, provavelmente creou o anexim «quem te incommendou o sermão que t'o pague.»

Não se me offerece algum testemunho evidente da inepcia de D. João 3.º O retrocesso apparente que se nota na sua iniciativa de progresso nas

lettras e no professorado de Coimbra é um indicio do seu bom juizo ou da prudencia dos seus conselheiros. Quererem que D. João 3.º abrisse os braços á Reforma que perturbava as nações visinhas é uma encravação absurda de rei philosopho n'um cyclo em que todos os monarchas formavam um cordão sanitario contra a peste calvinista e lutherana. E de mais a mais, um tal rei, purista em orthodoxia catholica, um fanatico explorado pelos ministros na obra da Inquisição que se lhes abriu como um manancial de recursos — uma medida fiscal, — diz o snr. Fernando Palha, «um expediente financeiro.» Mas teria o monarcha alguma parte na consciencia doble de D. Antonio de Athaide e Pero d'Alcaçova Carneiro?

O fanatismo do rei existia — insiste o snr. Fernando Palha - tudo o attesta; mas n'este caso não foi a causa determinante do facto, foi apenas um auxiliar poderoso da empreza, e não foi unico.

Com certeza, não. Os judeus não eram bons, nem facilmente corrigiveis. A familia *Paz* era um especimen da nação hebraica em todo o ponto da terra onde chegou a dispersão d'esses milhões de homens acossados por um despreso de que elles tiravam farta desforra com a sua astucia, com o seu trabalho e com as onzeneiras emprezas do seu dinheiro. Em Portugal, mais que em paiz al-

gum, nos seculos XIII e XIV, haviam sido tão oppressivamente poderosos que o seu dominio podia considerar-se o resultado da corrupção das fidalgas que os queriam para maridos, da corrupção das mechanicas que se lhes prostituiam e da corrupção dos magistrados que lhes vendiam a justiça. Em umas Côrtes de D. João I.º os commerciantes hollandezes, domiciliados em Portugal, representavam d'este theor: *E outro sim vossa senhoria saberá que nós recebemos muitos aggravos e grandes perdas pelos vossos sobreditos naturaes, e isto pelas muito prolongadas rasões e demandas em que nos trazem aquelles que de nós compram nossos panos e mercadorias, e especialmente judeus, porque a maior parte d'estes são tão conjunctos e afeiçoados com os que tem cargo de julgar que com elles não podemos percalçar direito, em tanto que nos retem os nossos dinheiros que nos devem, com que tratamos nossas mercadorias um anno, dous e trez trazendonos assim em demandas.* Tinham por si os juizes, e á sombra d'essa protecção luctaram longo tempo com o senado do Porto para lhes não pagarem 200 maravedis porque tinham aforado o campo do Olival. Nem a dignidade nos contractos lhes tolhia o sestro de se enriquecerem tortuosa e descaradamente. O povo não os odiava porque se abstinham de toucinho e escarneciam as imagens. As imagens e o toucinho eram pretex-

tos para resfolgar uma vingança retrahida atravez de seculos e á proporção que se sentia humilhado pela sua riqueza e intelligencia. O castigo era urgente e indeclinavel.

A inquisição foi uma fatalidade necessaria então. Talvez que a perseguição actual aos judeus da Allemanha não tenha outra explicação, e por isso ao snr. Fernando Palha e a nós se nos afigura monstruosa. Aproximemos D. João 3.º de 1536 do imperador Guilherme de 1882, e veremos á distancia de trezentos annos os mesmos quadros revoltantes e uma bandeira religiosa hypocritamente desfraldada e espadanada de sangue.

Não sei se precisamos do fanatismo do principe piedoso para exprobrar um tribunal que Sebastião José de Carvalho conservou aberto como uma necessidade e um *elemento de ordem*, na phrase de Guizot.

Assim como, na genealogia das familias, ha individuos aleijados que não suspendem a gestação de organismos perfeitos, assim na genealogia das ideias, na psychogenia, ha monstruosas aberrações d'onde, não obstante, promanam beneficios impulsores de civilisação. E quando esses abortos, quer na derivação das familias, quer no encadeamento das ideias, não tem condições regulares de vida physiologica ou de facto util socialmente, uns — delirios biologicos—morrem sem significação do fim a que vieram ; outros—delirios do animalismo

humano—anomalias de um phenomeno transitorio, não tem na historia das revoluções progressivas um capitulo encadeado ao precedente e ao consequente facto inductivo. D'esta ordem nos parece o exterminio das colonias hebraicas da Allemanha.

Que ha tres seculos D. João 3.º delegasse no santo officio a manutenção da ordem, comprehende-se, porque a heresia, que era a desordem, troava ao longe nas batalhas religiosas. Pois assim mesmo ha ahi sociologos estranhamente incongruentes que invectivam as monarchias da Peninsula porque se fechavam á invasão da Reforma, anniquillando os inimigos interiores; ao passo que, ao cabo de trez seculos, assistem sem espanto ás aggressões que o catholicismo sustenta contra a Rasão livre. A Inquisição no seculo XVI assombra menos que o *Syllabus* no XIX. Em todo o caso, Pero d'Alcaçova Carneiro comprehende-se; Bismark é mais impenetravel. Receará elle, absurdamente patriota, que a intelligencia remoçada, e operosissima dos judeus dominantes por ella e pela riqueza prevaleça ás faculdades decadentes da raça puro germanica? Se isso é possivel, ahi estão justificados os conselheiros de D. João 3.º, sem os culparmos de fanatismo, nem sequer zelosa piedade da morte iniqua do filho de Deus. Pela audacia gananciosa, quer commercial, quer politica de alguns chamados «judeus» que ahi subsistem no reino, calculem como, ao cabo de

cem annos, os seus avoengos nos teriam — a nós, calaceiros e vadios — absorvido a auctonomia intellectual e a propriedade, se D. Manoel e o filho não lhes tolhessem o cerebro creador e o braço laborioso! A esta hora, o nosso, tão nosso, tão querido Portugal, jardim da Europa, e vasta crypta sagrada de tanta ossada de santos authenticos, seria o reino de Israel que o imperador Juliano, o Apostata, não podéra reorganisar.

*

Mas, isso lá, fanatico sincero, sem liga de hypocrisia, não havia outro como aquelle rei contagioso que os mais cultos homens da sua idade idolatraram.

Lembram-me dois casos que não andam em chronicas e que dão o relevo do fanatismo de D. João 3.º e dos sabios que o influenciaram ou eram influenciados por elle O doutor Gouveia Senior escrevia a Sua Alteza em 1548, de Pariz, onde reitorisava o collegio de santa Barbora, pedindo-lhe uma esmola para um padre fr. Duarte que lá andava estudando com trinta cruzados que lhe dava o rei. Diogo de Gouveia pede que se lhe dê mais alguns cruzados pelas razões expendidas na carta que merece ser integralmente trasladada, tirante

a ortographia: *Senhor. Já vossa Alteza sabe que eu heide trabalhar por edificar pedras vivas; e sempre me presei d'este officio, e, se por usar d'isto, me não fizerem o que é feito a outros por edificarem pedras mortas, com toda a minha pobreza me tenho por mais rico e mais prospero que elles, com todas as dignidades do mundo, e nem por isso não heide deixar de continuar meu officio de que sempre me presei e presarei em quanto viver, que é de dar modo que n'esse reino haja homens letrados e que hajam de fazer o officio que fez o Filho de Deus neste mundo. Vossa Alteza fez mercê e esmola ao padre frei Duarte de trinta cruzados cada anno para sua sustentação em quanto estivesse em Paris: elle está já no começo de ser Licenciado d'aqui a dous annos, nos quaes cumpre que faça seus actos, a saber sorborra grande, ordinaria e pequena, e para isto elle não tem se Vossa Alteza o não ajudar como fez aos outros. Elle por ser tão bom religioso e trabalhar como faz pela boa fé, merece toda esmola e mercê; porque é um dos pillares d'ella n'esta terra e mais na sua ordem, que está muito gastada; que assim Deus me salve esta alma que ouvi dizer á minha meza doutores da sua ordem, que são verdadeiros catholicos, estas proprias palavras: «Deus nos trouxe cá este homem para grande bem nosso.»* Agora vai dar as fortes rasões para que o rei lhe augmente a es-

mola: *por que elle quando não pode por boas razões e palavras convertel-os* (os herejes), *se é um logar onde o não vêem, não faz consciencia de levar o herege pelo cabeção e servil-o de punho sêcco. Isto é certo que o fez a muitos; por isso e por sua vida merece toda amercê e esmola que lhe fizer Vossa Alteza, etc.* [1]

Este Diogo de Gouveia, o *grande*, tão encarecido nas suas lettras e virtudes era assim. Invocando o testemunho dos justos ceus, jurava que o padre Duarte era digno da esmola real porque dava sôcos nos herejes, quando os apanhava de geito. E o certo é que o padre foi servido. Foi este mesmo Gouvea o que quiz bater em Ignacio de Loyola, seu discipulo, com umas vergastas, porque o futuro santo trazia desvairados por mysticas os seus condiscipulos. Ignacio, — o tenro estudantinho de quarenta annos — sabendo que ia apanhar ignominiosamente, receiava entrar na quadra onde o esperavam já armados de chibatas os mestres e o reitor. Para se alentar ao sacrificio, esclamava o estudante: *Como y contra el aguijon tyraes cozes? Pues yo os digo, don Asno, que esta vez aveys de salir letrado; yo os hare*

1 *Dissertações chronologicas*, J. P. Ribeiro, tomo IV, pag. 204 e 205, ediç. de 1867.

que sepayes baylar! [1] O santo não levou; pelo contrario, o Gouvea desfez-se em desculpas, e foi depois um dos seus maiores amigos, e o promotor da entrada dos jesuitas no reino. Ha um lance ainda mais significativo da ferocidade fanatica de D. João 3.º, sem a parte comica dos murros do padre Duarte.

Quando vivia nos paços da Ribeira el-rei ouvia missa na sala que depois chamaram dos Tudescos, por estar guarnecida de soldados allemães. Em 1534, quando o rei assistia á missa, um inglez, no momento em que o padre levantava a hostia, atirou-se a elle para lh'a arrancar dos dedos. Foi preso. Não se averiguou se era um mentecapto. Na tarde d'esse mesmo dia, estando D. João 3.º na balaustrada que olhava sobre o terreiro, foi o inglez trazido maneatado deante de el-rei, ataram-no de braços e pernas aos cabos de quatro furiosos cavallos que «despedidos ligeiramente para diversas partes, o despedaçaram vivo.» D. João 3.º, findo o espectaculo, foi acabar a digestão do jantar, saboreando nos risos de uma consciencia pura os equivocos do jogral D. Fer-

1 *Ribadenera, De la vida del padre Ignacio*, pag. 71, ediç. de 1586.

nando de Roxas. [1] Depois, em testemunho da sua dôr, vestiu-se de lucto, pôz gôrra, e nunca mais vestiu de gala nem fez a barba. Sahiu com toda a nobreza em uma procissão geral e ia chorando e mais os fidalgos; e, quando chegaram a S. Domingos, deante da capella do Senhor Jesus, desataram a berrar — *Deus, misericordia!* [2]

*

Delineando os personagens que figuram no *Casamento do infante D. Duarte,* o snr. Fernando Palha dá uns traços essenciaes e vigorosos do duque D. Jayme n'um periodo que não póde ser mutilado: «Era singular o caracter do duque, cheio de contradicções e de inconsequencias. Os actos de toda a sua vida mais parecem concebidos por diversos individuos do que pensados e executados por um só homem. Humilde em excesso a ponto de abandonar a casa e o estado para ir professar em Roma, escolhendo o habito

1 *Claustro dominicano*, por fr. Pedro Monteiro. Lanço primeiro, pag. 272.

2 *Id.* e *Tratado da verdade do Antechristo*, fl. 15.

de S. Francisco, o mais pobre dos habitos; delicado em pontos de honra, o que é bem contrario á humildade christã, a ponto de por meras suspeitas assassinar barbaramente a sua primeira mulher; valente quando á testa das tropas reaes e das suas proprias acommettia em Africa a praça de Azamor; timido quando respondia ao desafio que de Castella lhe mandou o conde de Urenha por causa da morte de D. Leonor, escuzando-se para o não acceitar com a qualidade de herdeiro do throno que já não tinha; prodigo quando á sua custa armava e vestia cinco mil infantes e quinhentos cavalleiros para a empreza de Azamor, quando por baixo preço vendia a Vidigueira e Villa de Frades a D. Vasco da Gama para lhe facilitar e obter o titulo de conde; mesquinho quando recusava á filha o dote necessario para casar com um principe de sangue real; altivo até ser insolente quando tratava de mostrar ao rei que em pouco tinha a sua alliança, quando adoptava a orgulhosa divisa do «*depois de vós, nós*»; rebaixando-se até á supplica quando ao mesmo rei se queixava de ter em pouco os seus serviços, de não attender os continuos requerimentos que pelos filhos lhe fazia; orgulhoso como todos os da sua casta, considerando-se pouco menos de que o proprio rei, professando o odio ao casamento, zeloso dos bens da sua casa, tudo esqueceu quando, obedecendo só á paixão, casou

segunda vez com D. Joanna de Mendonça, que nem tinha fidalguia nem riqueza, que a tornassem digna de occupar a cadeira do dócel do paço de Villa Viçosa.» [1]

Perfeitamente caracterisado, salvante, a meu vêr, o que ahi ha desairoso para o marido que *por meras suspeitas assassinou barbaramente a mulher*. Quer convicto, quer movido por primorosos sentimentos de cavalheirismo com a memoria da desgraçada duqueza de Bragança, o snr. Fernando Palha ractifica duas vezes mais, na mesma pagina 12, a innocencia da assassinada: «Naturalmente desconfiado, não amando a mulher que lhe impunham, facil lhe foi dar accesso no animo ás calumniosas insinuações com que um familiar de sua casa, por motivo desconhecido, talvez de boa fé, manchou a reputação da duqueza»... Eu não creio no crime de D. Leonor; creio sim *no testemunho dos contemporaneos que todos apregoam a sua innocencia.*»

Este testemunho dos contemporaneos falta na minha modesta livraria. O chronista que conheço mais proximo e coevo do assassino da duqueza é Damião de Goes. Tinha doze annos quando se deu a catastrophe nas casas do Reguengo em

1 Pag. 11 e 12.

Villa Viçosa. Pois este historiador minudencioso, quando tem de commemorar a morte da duqueza escreve com uma intencional brevidade: *Depois da morte da qual senhora, elle (o duque) se casou no de 1520 com uma dama formosa, prudente e discreta por nome D. Joanna de Mendonça.* Quanto ás boas qualidades da duqueza morta nem uma palavra; louva a prudencia e a discrição da segunda mulher, como quem argúe a imprudencia e indiscrição da primeira. Parece-me que os escriptores verdadeiramente coevos do desastre não foram mais explicitos abonadores da innocencia da duqueza que Damião de Goes; ainda assim, não me ufano de poder contrariar as provas que desconheço e hajam de me ser contrapostas pelo snr. Fernando Palha.

Segundo os meus velhos apontamentos já impressos em um livro intitulado *Excavações*, desde pag. 19 até 34, quem nomeadamente consignou por escripto a traição da innocencia de D. Leonor de Mendonça e de Antonio Alcoforado foi um Tristão Guedes de Queiroz, genealogista da Casa de Bragança, fallecido em 1696. A que distancia estava dos coevos!

Foi este o mesmo linhagista que bem ou mal documentou a fidalguia do pai de Ignez Pires, filha de Pero Esteves, e mãe do bastardo de D. João 1.º afim de expungir o *Barbadão* de Veiros. É tambem elle quem assim explica a tragedia

conjugal de D. Jayme, segundo affirma D Antonio Caetano de Souza. Conta o equivoco da joia dada pelo duque á mulher, que a deu a uma das suas creadas, amante de Antonio Alcoforado. Viu-lh'a o duque no chapeu do fidalgo seu creado, e pergunta á duqueza pela joia. A interrogada mentiu, dizendo que a tinha. Exigiu o marido que lh'a mostrasse. E d'ahi, as suspeitas, e depois o assassinio barbaro. Um romance mal amanhado, bom para o soláo de Ignacio Pizarro, e para a tragedia de Luiz de Campos.

Os outros depoimentos que se me offerecem vem tambem arrolados na *Historia Genealogica*, tom. v. Ahi se mencionam umas «Memorias antigas» na fé suspeita de Tristão Guedes, que as manuseou no archivo da casa de Bragança. Essas Memorias deviam estar enfeixadas com os seguintes depoimentos: Mecia Vaz, mulher de boa vida e devota, comadre das principaes pessoas nobres do Alemteio (é o mais que se póde dizer — comadre!) Dizia esta creatura que a duqueza assassinada era uma santa, e que o sangue da martyr estivera fresco muitos annos, e que o duque atormentára as criadas para as obrigar a depôr contra a ama. Uma religiosa, que por nome não perca, escreve á duqueza D. Catharina, agradecendo-lhe a trasladação dos ossos de D. Leonor para o seu mosteiro da Esperança. Que sabia como as coisas succederam, por lh'as refe-

rir seu pai que fôra creado do duque D. Jayme, e outros fidalgos da casa, concordes em que a duqueza padecera innocente. Que um certo fr. Martinho, varão contemplativo, quando o cadaver da martyr chegou ao mosteiro de Montes Claros, exclamára: *Vinhaes embora minha santa comadre, que por vós estava esperando.* Isto é concludente; mas ainda ha mais. No dia seguinte, este penitente frade resou uma missa que durou tres horas por alma da duqueza, e durante esse extasis de tres horas viu-se andar esvoaçando uma pomba branca pelo altar. As testemunhas mais preciosas tem estes toques de veracidade. Francisco Manoel de Mello suppõe que o duque D. Jayme envenenado juntamente com seu irmão D. Filippe por ordem de D. João 2.º, resistiu ao veneno, que matou o irmão, mas enfermou do juizo, *adoleció del seso*. Dá a intender que o matar a esposa foi um impeto de demencia. D. Antonio Caetano de Souza cujo testemunho nada pesa no processo, opina *que as suggestões diabolicas por permissão divina perseguem aos bons christãos, como o duque era*. Segundo este, o autor do conjugicidio é o biabo.

Do Auto do summario que o duque fez lavrar, ás duas horas da manhã, pouco depois dos dois assassinios, deprehende-se que o duque encontrou no quarto de sua mulher Antonio Alcoforado, de maneira que tirou a limpo que *dor-*

miam ambos. Matou a mulher immediatamente, e mandou ali mesmo matar o adultero. Os dois cadaveres estavam no mesmo pavimento; ambos degolados, mas ella com cinco feridas por uma das quaes se via o cerebro. Sobre a cama da duqueza estava um barrete preto que as testemunhas disseram ser do morto Alcoforado. Estavam ambos trajados com riqueza, e na mais apurada louçania da epoca.

O auctor do *Romanceiro Portuguez*, Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, achou na Torre do Tombo, Gav. 11, maço 8.º, n.º 16 o processo, do qual extrahiu copia do Auto de que condensei summariamente as scenas da rapida tragedia:

Anno do nascimento etc. Aos dois dias do mez de novembro de 1512, duas horas ante-manhã pouco mais ou menos, em Villa-Viçosa nas casas do Reguengo, onde ora pousa o snr. duque de Bragança, foi chamado o bacharel Gaspar Lopes, ouvidor de sua senhoria e João Alvares Mouro, juiz ordinario na dita villa. Pelo dito senhor duque etc. foi dito ao dito ouvidor e juiz, perante mim tabellião, que elle tinha morta a senhora duqueza sua mulher D. Leonor, e assi Antonio Alcoforado, filho de Affonso Pires Alcoforado, moço fidalgo da sua casa, por os achar ambos, e achar que dormiam ambos, e lhe commetterem adulterio; pelo que o dito ouvidor e juiz se foram a uma camara, onde a dita senhora sohia dormir; e ahi jazia morta a dita senhora duqueza e assi o dito Antonio Alcoforado, junto na dita camara, um junto do outro, o qual foi vista a dita senhora pelo dito ouvidor e juiz, e Gonçalo Lourenço, ta-

bellião que era presente, e eu Alvaro Pacheco; e tinha uma grande ferida por baixo da barba, degolada, que cortára o pescoço cerce todo, e outra grande ferida por detraz, na cabeça, que lhe cortava a cabeça quasi toda, que lhe appareciam os miolos; e junto com a dita ferida tinha outras tres muito grandes feridas. E o dito Alcoforado tinha o pescoço corto; e em a cama da dita senhora estava um barrete, dobrado de voltas, preto, que diziam esses que ahi estavam que era do dito Antonio Alcoforado, e o dito ouvidor, e juiz mandaram fazer este auto, para por elle perguntarem algumas testemunhas sobre o dito caso, e mandaram ao dito Gonçalo Lourenço e a mim tabellião, que assignassemos este auto; a qual dita senhora duqueza estava vestida, e tinha uma cota de velludo negro barrado de setim preto, com uns perfiles de tafetá amarello, e um sainho de velludo negro, e uma cinta de setim raso oleonado; e assi o dito Antonio Alcoforado estava vestido; e tinha um gibão de fustão prateado, com meias mangas, e colar e pontas de velludo rôxo, e umas calças vermelhas, e uns borzeguins pretos, e çapatos, e um saio preto, e uma custa de coiro preto com uma guarnição de prata: e antes que se acabasse este auto de fazer, chegaram Diogo de Negreiros, escrivão, deante o dito ouvidor, e viu os sobreditos na dita camara jazer mortos: etc.»

Nem a justiça de então, nem os historiadores subsequentes negaram a authenticidade d'este instrumento. O duque fez citar por editos os parentes da duqueza que quizessem defendel-a. Foi á revelia ou trancou-se o processo como escandalo inutil. D. Pedro Girão quiz provar á espada e lança a honra da irmã. D. Jayme não tinha a

maior confiança no velho juizo de Deus ou no acaso d'uma cutilada. Negou-se. Seria de mais — deshonrado pela mulher e acutilado pelo cunhado.

Agora, isso de remorsos, que diz o padre Souza, que é? E o andar o duque foragido e forticado em Evora Monte com mêdo á perseguição do rei, que fundamento tem?

O duque matou a mulher em 2 novembro de 1512, e logo em agosto de 1513 sahiu para Azamor com o commando de 18:000 infantes e 2:500 cavallos, sendo 5:000 infantes e 500 lanças dos seus vassallos. Como elle se mortificava e como o rei o perseguia! Um horror! Na volta de Africa foi recebido nos braços de D. Manoel, e em Roma Leão x mandava exalçar em um sermão as virtudes e façanhas do duque D. Jayme. Em 1518 encarregou-o el-rei de receber nas fronteiras D. Leonor sua terceira mulher. As pompas luxuosas com que o duque se penitenciou no desempenho d'essa cavalheirosa empresa escreve-as o snr. Fernando Palha, a pag. 18. Em 1520 casou com D. Joanna de Mendonça. Então é que o remorso lhe cravou as garras. A duqueza morta ia-se pôr a gemer ao pé da cama d'elle, quando estava deitado com a duqueza viva; e D. Joanna, tolhida de medo, tambem ouvia os gemidos; mas o duque para disfarçar o medo e afugentar a alma gemente da primeira mulher, em dez annos, fez

nove filhos na segunda. Parece que o espectro de Leonor não impeceu á fecundidade de Joanna.

*

O mais solido testemunho que eu posso apresentar da culpa da duqueza, barbaramente punida, é o snr. Fernando Palha quem m'a subministra, estampando no seu excellente livro uma verba do testamento do duque D. Jayme. Eram volvidos vinte annos sobre a catastrophe. Se a matou innocente, o terror de si mesmo e o opprobrio de sua infamia, ao avisinhar-se a morte, devia amordaçal-o para que não vociferasse a calumnia do adulterio. Não! O duque, pouco menos de moribundo, declara que sua primeira mulher morreu criminosa. Eis as proprias palavras pela primeira vez divulgadas pelo snr. Fernando Palha: *Segundo direito, de meus filhos Theodosio* e *Isabel é toda a fazenda que da duquesa sua mãe ficou, e porque se* PERDEU PELA CULPA, *eu pratiquei com letrados e acharam que me não valiam testamento nem havia obrigação de se cumprir; ainda que alguma cousa d'isto pareça (appareça) não se cumpra, nem alvarás de promessas, nem dividas, nem cousa nenhuma, porque as cousas feitas com intenção damnada não devem haver effeito, por-*

que alguns alvarás que me requereram algumas pessoas eu os não quiz cumprir, antes me descontentaram muito emprestarem dinheiro a minha mulher em segredo pois eu lhe dava o que lhe cumpria.

Vê-se, bem esgaratada a verba testamentaria, que D. Leonor, apezar do seu opulentissimo dote, necessitava pedir dinheiro de emprestimo *com intenção damnada,* diz o marido. Vê-se outro sim que o duque não pagou e recommenda aos filhos que não paguem as dividas da mãe, e aproveita o ensejo de fazer saber a sua filha D. Leonor que a mãe foi adultera, *que se perdeu pela culpa,* e que pedia dinheiro de emprestimo para fins illicitos, *com intenções damnadas.* Com pouco mais, podia incutir na filha de Leonor a suspeita de que seu pai era Antonio Alcoforado. E quem sabe o que ia no intimo do duque D. Jayme quando elle escrevia ao rei *que se amava a si mais que aos filhos, e aos filhos menos que á sua casa?*

*

Ao fechar a brochura do snr. Fernando Palha, donde se derivaram a este volume tantas paginas caturramente compactas, tantas divagações alheias do assumpto, deixo com saudades o livro

precioso que marginei com as minhas reflexões como se estivesse palestrando com o auctor entre os nossos amigos de ambos, na sua inspirativa bibliotheca. Ainda bem que não levantarei ainda mão d'estes estudos, pois que é da mesma especie reconstituinte de factos quasi ignorados o seu segundo livro intitulado A CARTA DE MARCA DE JOÃO ANGO.

Em varias obras francezas e n'esta que se me offerece de prompto, o *Dictionnaire de la conversation,* mais popular que outro qualquer livro mal feito e mal pensado, falla-se de *Jean Ango* ou *Angot*. Louis du Bois conta que este dieppez era filho unico de uma familia pouco remediada, e recebera boa educação gratuita. Depois viajou como official de marinha pela Africa e nas duas Indias. Como enriquecesse, fez-se armador, e abalançou-se a perigosas e lucrativas emprezas. Em 1520 era rendeiro de casas grandes em Dieppe, onde construiu um grande palacio, no qual se hospedou Francisco 1.º de passagem para a Normandia, e o cardeal Berberini que se maravilhou das riquezas do corsario. Francisco 1.º deu-lhe o

titulo de visconde e nomeou-o governador geral da provincia.

Até aqui não ha que contradizer, excepto a pobreza dos progenitores de João Ango. Já o pai d'elle era tambem corsario e rico. Pertencera ao grupo dos armadores de Honfleur, na Normandia, que desde 1508 expediram navios para as costas do Brazil. Entre esses distinguiam-se Ango, pai, e um Dionisio ainda mais celebre corsario.

O que unicamente nos interessa d'esta biographia é o seguinte periodo: «Tendo os portuguezes, em perfeita paz, capturado um dos navios do capitão dieppez, a vingança foi immediata áquelle acto desleal. Equipou desesete navios, e favorecido pela ausencia das frotas portuguezas occupadas nas Indias, fez bloqueiar o porto de Lisboa e devastar a barra do Tejo e tudo que se lhe deparou. Ango só suspendeu as hostilidades quando o rei de Portugal mandou a Paris um embaixador encarregado de pedir a paz ao rei de França que o mandou a Dieppe para que se conciliasse com o motor da expedição.»

Aqui está a parvoa e calumniosa bravata que o snr. Fernando Palha desmente radicalmente.

Ferdinand Denis e o snr. Pinheiro Chagas na sua *Historia* habilmente escripta pelos moldes d'aquelle respeitavel e consciencioso escriptor regeitaram por simples intuição critica, á mingua de argumentos incontestaveis, o estolido disparate

mantido pela vaidade franceza; mas não o refutaram concludentemente porque desconheciam os documentos agora publicados pelo snr. Fernando Palha. *O ter adquirido*, escreve o prestante investigador — *a correspondencia completa de D. João 3.º com D. Antonio de Athayde, quando seu embaixador em França, habilita-me a restabelecer a verdade dos acontecimentos, desterrando d'esta vez para sempre, a tradição popular para o dominio das fabulas, e relactando com exactidão os factos em que teve origem, que nem todos denunciam força da parte do governo do soberano portuguez.* (pag. 10.)

Os documentos que não denunciam força provam astucia muito abonatoria da côrte do filho de D. Manoel. A sagacidade ardilosa que ressuma das notas diplomaticas de D. João 3.º ao seu embaixador, denota quanto a velhacaria é velha e engenhosa nas relações internacionaes. Mas mortifica vêr a pusillanimidade e o temor que se disfarçavam com a mascara das cautellas e evasivas prescriptas a D. Antonio de Athayde: — Que se elle embaixador visse o animo de Francisco 1.º propenso a revogar a carta de corso concedida a João Ango, então — altivez, arreganho, ares grandes de quem não pede, mas lembra o que se lhe deve. Porém, se os negocios se figurassem mal, que não diga palavra aspera a Francisco 1.º, e finja que, não podendo o seu rei esperar mau exito,

embaixador necessita pedir novas instrucções — para dar tempo, até vêr. E que não se abra com ninguem — que se metta em casa.

Esgotados os expedientes da paz, a attitude de D. Antonio parecia gravida de uma declaração de guerra de Portugal á França; mas o valido de D. João 3.º de sobra conhecia o alquebrado pulso nacional para poder defender o mar e as colonias da pirataria franceza — inimigo formidavel e invencivel que em trinta annos nos tinha aprezado passante de trezentos navios.

D. Antonio desceu a transacções com o corsario; mas clandestinas, para que se não soubesse que o rei de Portugal se livellava hombro a hombro do pirata visconde a quem Francisco 1.º pagava liberalmente a hospedagem e o serviço das suas esquadras. Felizmente que um almirante de França tambem entrou na veniaga, *vendendo por 10:000 cruzados os interesses dos seus conterraneos* — os interesses da livre navegação.

Por esse tempo, quando se entabolavam estas mercancias, dez navios francezes cruzam nas aguas dos Açores com o proposito de atacar as naus da India. Um rei portuguez forte e digno mandaria recolher o seu embaixador, depois de ter atirado um cartel a Francisco 1.º Nada de basofias. D. João 3.º participa o caso infame ao seu delegado, mas recommenda-lhe que não se queixe nem dê a perceber que o seu rei o sabe,

aliás lhe cumpre retirar-se immediatamente. Se a noticia se divulgar, que finja não acredital-a. Tristes recursos, embora a tramoia inculque habilidade! Se lhe tirarem a seriedade convencional das tricas diplomaticamente consagradas, a coisa chama-se *comedia*.

Não me proponho seguir o processo destramente feito pelo snr. Fernando Palha em face dos documentos. *Diante d'elles,* conclue o escriptor — *desvaneceu-se como fumo a legendaria versão dos escriptores francezes. Que é feito do bloqueio de Lisboa? Que é feito da visita dos embaixadores portuguezes ao palacio de João Ango? A desforra do corsario reduziu-se ao arresto de alguns navios de commercio que, na fé dos tratados, demandaram os portos de França, e a mandar ás aguas dos Açores dez navios (se d'elle eram) para tentar aprezar alguma nau da India, tentativa que Antonio de Miranda, capitão da armada portugueza, logo repelliu como merecia.*

*

Nas cartas de D. João 3.º ha dois lanços obscuros que estimularam a minha curiosidade mettidiça. O rei mais de uma vez mostra ardente desejo que o seu enviado Gaspar Palha feche um

contrato de 1:600 ducados e o seu perdão com um certo Leão Pançado, de Genova.

Em outro documento lamenta que não possa Gaspar Palha sahir para Genova, detido como está em França por ter ferido mortalmente quem quer que fosse... «*o caso que aqueceo (aconteceu) a Gaspar Palha e desprouveme disso por aquecer no luguar em que me dise luis afonso e pelo descontentamento que por iso recebestes mas pela booa emformaçam que dele tinheys de como tinha la bem servido e tinha abilidade para la me poder bem servyr, averey prazer que se viveo o ferido trabalhes por os fazerdes amiguos e de elle fiquar desembaraçado do caso para ir assentar de todo o negoceo de leão pançado...* [1]

Quem era Leão Pançado e quem era o ferido em Paris?

O genovez logo se me figurou piloto; mas eu não podia conciliar o facto de ser piloto com a necessidade do perdão regio. Seria judeu fugidiço? Teria sido corsario, pilotando intelligentemente em navios francezes? Consultei o snr. Fernando Palha que satisfez cabalmente a minha curiosidade n'este extracto de uma sua carta: «Encontrei n'uma nota d'um livro escripto pelo actual

1 Docum. VII pag. 63.

prior do Loreto a relação dos genovezes que acompanharam Fernando de Magalhães. Entre elles menciona: Leon Pancaldo, de Genova.

«...O genovez escapou da tormentosa viagem, e, não querendo continuar no serviço de Hespanha, retirou-se para a sua terra. D. João 3.º, seguro do lado de Castella, com receio que aquelle homem fosse renovar por conta de outra potencia a tentativa de Magalhães que elle considerava invasora dos seus direitos, mandou-lhe offerecer o *seu perdão* (pois intendia que o precisavam todos os que tinham ido ás Molucas) e dinheiro para elle não navegar senão por ordem sua. Parece-me que esta deve ser a verdade.»

Quanto ao acutilado de Gaspar Palha é por emquanto e já agora ficará sendo segredo para mim, se o leitor o não souber ou m'o não communicar. Os Palhas eram uma raça de valentões, e, *por dá cá aquella palha,* muito acutiladiços. Conhecem perfeitamente os quatro irmãos Palhas do tempo de D. João 2.º, seu grande amigo, e elles amigos do rei até ao excesso. Garcia de Rezende podia explicar com intentos mais honrosos a morte do almirante. Achei que um Palha matára Antonio de Mello, do Porto; mas este feito é do seculo XVII. Tenho noticia de outras façanhas que a um d'elles, por homicidio, custou a decapitação em tempo da rainha D. Catharina.

A pancadaria era tão trivial n'essa raça de bravos que as espadeiradas no corpo do incognito em Paris não chegaram a entrar nos cartapacios heraldicos. O que sei é que D. João 3.º estimava notavelmente Gaspar Palha, cujos descendentes collateraes não acharam graça na munificencia dos Filippes e a dispensavam pela sua riqueza. A representação dos Palhas, de Santarem, está hoje nos marquezes de Fronteira. Alguns genealogicos dizem que foi embaixador ao Grão-turco aquelle Gaspar Palha. Provavelmente confundiram Francisco 1.º de França com o Grão-turco. Para os nobiliarchas do seculo XVI e egualmente para os chronistas, Paris era Constantinopla na devassidão. Não admira que para sustentarem a honesta allegoria chamassem Grão-turco ao irmão de Margarida de Navarra.

Os dois livros de Fernando Palha, de uma seriedade germanica, vieram á flôr da torrente de varias obras de fina execução. Rimas de um esplendor boreal: — os poemas sempre novos e queridos de Thomaz Ribeiro, as delicias de José de Souza Monteiro, de Crespo, de Fernando Caldeira, de Joaquim Coimbra, de Narciso de La-

cerda, de Fernando Leal, de Coelho de Magalhães, de Joaquim de Araujo, de Christovão Ayres; a reedição da *Morte de D. João*, um livro que, traduzido em francez, seria conhecido em todas as nações, e considerado o primeiro poema humoristico da Europa moderna; os *Sonetos* esculpturaes de Anthero do Quental que fez dos motejos da ironia e das frechas do sarcasmo uma philosophia; — prosas crystallinas: — as generalidades historicas regaladamente realistas de Oliveira Martins; os valorosos *Combates* de Silva Pinto; os opusculos archeologicos, eruditos e reconstituintes de Martins Sarmento —; as topographias laboriosissimas de Pinho Leal, no *Portugal antigo e moderno;* — as esmeradas edições da casa editora *Avelino Fernandes*, livros de amenidades discretamente escolhidas, n'um genero amavel, que nos dá ares de um anachronismo serio n'este periodo de romanceria carnavalesca; as arrojadas travessias de Serpa Pinto e Capello e Ivens, escriptas sem grandes louçanias, com a energica propriedade competente ao assumpto; — os livros elementares e scientificos da casa *Clavel & Barbosa;* as eruditas e vernaculas ethnographias do par do reino Costa Lobo, que acompanham o traslado de *Outo satyras de Juvenal;* — a critica facetada, pertinaz e triumphadora de Ramalho Ortigão; — os *Contos* de Fialho d'Almeida, puro *zolaismo,* o unico reflexo da escola

nas nossas lettras, — a realidade dissecada com a frialdade de um escalpello muito brunido, mas que faz vibrações de nervos como os romances antigos feitos de gemidos, de trevas e de lagrimas; — os romances realistas, educadores de Julio Lourenço Pinto que apontam á perfeição, ao passo que o auctor esmoita nos seus jardins de linguagem demasiadamente opulenta as florecencias asfixiantes da locução; os romances preeminentes, de uma vitalidade imprescriptivel, de Teixeira de Queiroz e Eça de Queiroz, que eram hontem e hão de ser ámanhã uma lição sómente improficua e importuna para a mulher estragada irreparavelmente.

Pelo que é dos livros de Fernando Palha, ao vulgo da imprensa jornalistica pareceu tão exorbitante e fóra dos seus habitos intender em escriptos d'essa especie aspera — que preferiu fazer de conta que, pelo abstruso da sua essencia archeologica, os dous livros deviam ser notas a algum tratado muito escuro de Saumaise ou Champollion, o egyptologo; ou então algumas escavações gloticas emparceiradas impertinentemente com os specimens sãoskritos do snr. Vasconcellos Abreu. Tanto o glossologo como o historiador foram recebidos no reino com um silencioso acatamento que em outra qualquer nação menos conhecida poderia dissimular ignorancia cabisbaixa e taciturna como a dos idiotas tristes.

Os cabos-de esquadra litterarios, os mestres que todos os dias mastigam e gosmam sciencia historica nas cathedras dos lyceus e cursos superiores não se preoccupam com as feições dos reis e dos aulicos, no seculo em que D. Duarte, o infante da má indole, foi abrolhar na arvore de Bragança o gomo de que bracejaram estas ramarias que felizmente nos cobrem. Quanto á *Marca de Ango*, importa menos saber se a historia de França nos deshonra com as ficticias proezas do seu corsario do que assentar com a maxima precisão *se existia mais elemento ethnico de raça árica na região de entre Douro e Minho* — o que se prova *pelo regimen emphiteutico*, como pretende em um rapto de inspiração, o professor Theophilo Braga, um orientado.

O snr. Fernando Palha abstrahido affectivamente nos seus estudos, talvez não desse conta do silencio dos seus conterraneos de quem provavelmente nada esperava, ou tenciona esclarecel-os em pacientissima catequese até lhes alvorecer aos cathecumenos o desejo de derivarem das versões vasconsas de novellas francezas á conversação dos livros nacionaes.

Cumpre notar marginalmente que os livros de Fernando Palha não entraram á divulgação pela *montre* das livrarias, quero dizer — foram gratuitamente repartidos, penso eu, pela maioria dos escriptorios da imprensa diaria e por outros

individuos que o auctor considerou interessados no retrocesso aos velhos usos de aprender alguma coisa, nas horas vagas da inspiração subjectiva. Quem sabe o que o jornalismo teria escripto profusamente encarecedor para os livros, se o auctor necessitasse de os vender? Assim como a virtude não precisa premiada por que a si mesma se recompensa, tambem o escriptor abastado deve prescindir que lhe louvem os livros, por que já não é mediocre satisfação podêl-os distribuir gratuitamente. Mas o elogio, n'estas condições, deixa de ser uma formula artistica e selecta do criterio que escolhe e distingue; mais parece um pregão philantropico da mercadoria suspeita — uma obra de caridade que tem os perigos da caridade pouco esclarecida. O escriptor de fancaria, porque precisa vender a obra, é animado a perpetrar delictos repetidos, e não desanda na carreira em busca de um atalho que o condusa a mais competente modo de vida. E o bom productor, embora descarecido da protecção pecuniosa do publico, não podendo abster-se da honrada ambição de fazer alguma coisa util com as suas vigilias e com os seus capitaes, recebe o mutismo desdenhoso da critica como um testemunho da sua inutilidade, e retira-se.

Fernando Palha e Francisco Martins Sarmento estão sosinhos n'esta exploração de minérios cujas acções não tem cotação nenhuma. Eu seria um dos que lhes seguissem de longe o exemplo, se não

vendesse ha pouco o meu cerebro, a minha memoria, quero dizer — a minha livraria ao generoso Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro.

Na minha idade, depois de trinta annos de trabalho, o escriptor que vende os livros para não ser devedor insoluvel, despede-se d'elles com um grande desvanecimento de ter nascido em Portugal, e cuida que praticou uma sagaz façanha sonegando-os a uma penhora do fisco, por ter tido a usuraria temeridade de ganhar com o auxilio d'elles alguns cruzados. O unico ponto de analogia que as leis indigenas permittem entre o escriptor e o taverneiro seu visinho — é obrigar o taverneiro a pagar o tributo de cada pipa que armazena e obrigar o escriptor de cada livro que... Não é assim: o taverneiro paga na proporção do consumo, e o escriptor paga por um calculo do que pode produzir, isto é — consumir-se. Tributar litteratos em Portugal é um acto de iniquidade tão transcendente que chega a perder a côr que tem de tragedia para ficar sendo uma perversa chalaça.

Na secretaria competente acham-se relaxados ou clandestinamente insoluveis uns titulares constellados de commendas. O doutor Silva Gayo, da ordem de S. Thyago, auctor do *Mario*, quando morreu, devia os direitos da commenda, e deixava uma familia muito amada e pouco menos

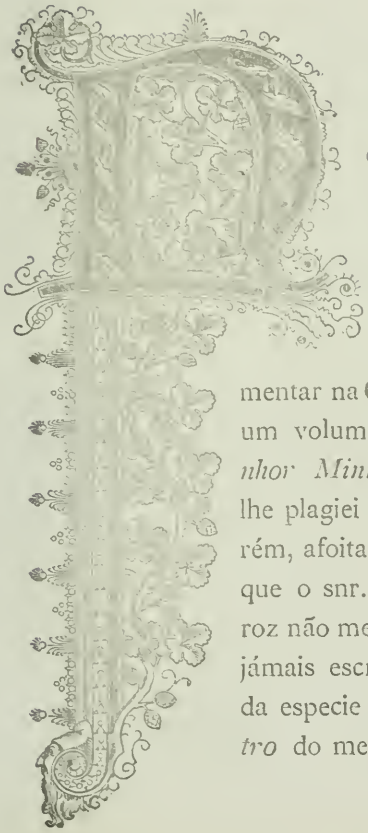
de pobre. Pouco tempo depois do seu trespasse, a fazenda nacional penhorou-lhe a livraria para embolsar-se dos direitos da mercê. Que mercê! — parecia uma ladroeira.

*

Este patrocinio ás lettras coincide com a ascensão dos grandes poetas e prosadores aos conselhos da coroa. É tão sensivel o amparo que os escriptores recebem dos seus antigos parceiros na galé das lettras, que não consta irrefutavelmente que os litteratos tenham levado muitos pontapés, quando não pagam para as despezas do Estado. Sabe-se apenas, até á evidencia, que os penhoram sem lhes bater, e os deixam morrer na miseria, sem effusão de sangue, incruentamente.

O Snr. Ministro

ADVERTENCIA



o catalogo das *Obras em preparação* do primoroso romancista snr. Teixeira de Queiroz, está inscripto, como elementar na COMEDIA BURGUEZA, um volume intitulado: *O senhor Ministro*. Claro é que lhe plagiei o titulo. Posso, porém, afoitamente gabar-me de que o snr. Teixeira de Queiroz não meditou escrever nem jámais escreverá um ministro da especie do meu. O *Ministro* do meu amigo, provavel-

mente funcciona nos conselhos da corôa. O meu não foi lá; mas, por outras vias, iria muito mais acima — quizesse elle. Se não intendem, esperem que lhes eu dardeje a flecha de luz. Quando sahir á praça a desejada novella do auctor de uma obra de primeira execução chamada o *Antonio Fogueira,* e o publico a defrontar com esta minha, dir-se-ha que estraguei um titulo promettedor de justos e proficuos castigos — boas sovas em todos os ministerios. E, se o snr. Teixeira de Queiroz estiver zangado comigo pela audacia do boçal plagiato, vingal-o-ha a formidavel critica do senso geral que me está eminente.

O SNR. MINISTRO

I

Que feitiços tens, Amalia! Trazes namoradas todas as serpentes do inferno biblico. Tens comido impunemente quanta fructa ellas te ofereceram. Não ha sciencia que não saibas nem descendente de Adão que não seduzas. Elles comem quantas maçãs lhe atiras ao regaço. Já os tens achado que comeriam bolotas, heim? Fazes porcos como Circe, uma das tuas avós, os fazia; e fazes parvos, como outra tua avó, Eva, fazia rebeldes a Deus.

O homem era um pouco farçola e bastante

bebedo, quando assim puxava as cordoveias do estylo.

E a trigueira, debruçando-se no peitoril do mirante, atirava-lhe folhas de rosas inverniças, e dizia, sorrindo entre velhaca e amorosa, com muito despeito:

— Maganão! alanzôa para ahi... Cuidas que te não percebo? Já não engulo araras, menino. Fallo-te em alhos, respondes-me em bugalhos. O que tu queres é passar tempo. Vens barrado. Alicantinas, não? Chiam todos a mesma cantiga. É como diz a mana Rosa: *estylo e mais estylo.* Ella é que sabe responder a essas perlengas. Eu cá não aprendi a namorar pelos livros. Quando me mandam versos, mudo de rumo, e desconfio logo que me querem lograr...

O estudante, com ar de justificação zombeteira, atalhou:

— O que eu te disse, Amalia, não era verso.

— Isso sei eu — accudiu ella beliscada na vaidade do seu ouvido em materia de metrificação. — Até ahi chego eu. O Trigoso, um terceiranista que me fez a côrte, dizia-me: *eu não faço versos; mas, se estou comtigo, acho-me sempre poeta.* O que elle dizia, mais cosido ou mais assado, era isso que tu me respondes quando te pergunto se estamos a gastar tempo. Respondes-me com as cobras do inferno biblico. Lérias. Bem me fio eu em arólas. Queres que te diga, Tiburcio? Fran-

queza. Perdes o tempo e o palavriado. Não faças comedia comigo. Essas chirinolas das novellas dizia-me o Caldeira que andavam ainda no giro para uso das tolas.

— Quem é o Caldeira? — pergunta a minha curiosidade.

— Era o namoro da mana Christina.

— Tens uma collecção rara de auctoridades! O Trigoso, o Caldeira, o Borges... Já me citaste um Rocha, um Velloso... — tudo namoros da familia, heim?

— É como dizes; tudo namoros da familia... mas sem macula...

— De peccado original? Isso é bonito e novo n'uma familia tamanha. Quantas meninas namoravam?

— Oito irmãs que somos.

Cada uma com seu namoro... — conjecturava elle, sacudindo a cinza do cigarro com o dedo minimo.

— De cada vez, achas que não?

— Não acho, nem procuro isso, palavra de honra. Perguntava eu se elles eram todos pessoas aptas para largarem sentenças que te sirvam de regra de bem viver. Citas tanto a miudo as maximas de Trigoso, de Rocha, de Borges e Caldeira... Esses sujeitos não eram asnos, ó Amalia? dize-me a verdade: esses sujeitos não eram asnos maiores da marca?

— São quasi todos doutores de capêllo — respondeu ella com desdem esmagador.

— Adivinhei então, vês?

E ria-se ás guinadas batendo as palmas, o farcista ebrio.

— Olha que riso tão tolo! — accudiu ella com raiva dissimulada em gestos de desprezo — Já o snr. Tiburcio da Gandarella adivinha que os doutores de capêllo são asnos! Que faria, se elle não fosse apenas um estudante de padre em Braga! Já viram? estás muito gaiato esta noite, filho! Rica joia!

— Não encordôes, Amalia — redarguiu o estudante da Gandarella, accendendo com agarotadas gingações o cigarro no palito phosphorico ao qual formava com a mão recurva um guarda-vento. — O' filha, tens sempre mostarda ingleza n'esse gentil nariz grego! Eu não sabia que estavas tão identificada aos capêllos da Universidade, e que o teu coração era tão sensivel á troça dirigida ao corpo cathedratico!

— Eu respondia-lhe — replicou ella enfurecida — se não viesse ahi o tio Padre. Safe-se! ande depressa! não me comprometta!

*

Ao fundo da rua dos Pellames tremeluzia o lampejo baço de tres côtos de vela de um lam-

pião enfumaçado e pingado de cebo. Na penumbra da lumieira lugubre contornava-se a figura derreada do padre João Evangelista, amparado á bengala, e resguardado da cassimba da noite por um guarda-chuva de seda vermelha com punho de marfim de roscas surradas e amarellas. Padre João, examinador synodal e antigo missionario, sahia de tomar o seu chá com sopas de cavacas em casa das senhoras Avellares. Arrotava cidrão que comêra extraordinariamente a pedido da fidalga velha. Vinha por isso receiando quebra no aço do seu estomago; e, pondo a mão no bucho tympanitico, consultava se devia n'aquella noite abster-se do seu caldo de gallinha e vacca para não sobrecarregar a tripa. Elle entendia que um homem, desde os gorgomilos por ahi abaixo até onde a physiologia o faz e desfaz, era tudo tripa singular e a todos os respeitos unica. Já perto de casa, ouviu proferir o seu nome. Era a mulher do sapateiro Leonardo que lhe pedia duas palavrinhas á parte, se fazia favor.

— Dize lá, que temos, Maria? Depressa, que faz frio.

— Vai indo, Joaquim, — disse ella ao creado portador do lampeão. E segredou-lhe que a sobrinha estivera desde as sete até ás nove horas no mirante a tagarellar com um estudante. Não queria intrigar viva alma, mas teria escrupulo de não avisar o tio, tão boa pessoa, se ella escorre-

gasse, que era o mais certo, porque o estudante já tinha deitado a perder a Garabulha, da rua dos Sapateiros, uma rapariga pura como as estrellas do ceu, apezar do que se rosnou com o arcediago, Deus o tenha á vista, um pobre velho — accrescentava quasi lagrimosa — que morrera inchado, que por signal até era ella, a Garabulha quem lhe esfregava as canellas com genebra, e lhe dava as mézinhas, com licença d'elle padre João que a ouvia, a fallar verdade — com nojo.

— Está bem, está bem, Maria — interrompeu o padre — darei providencias. Obrigado pelo vosso zelo, visinha. E adeus; que está a giar.

*

Ainda não se disse que este romance está correndo em Braga; mas o leitor já o farejou na fragrancia da scena que recende os aromas de todas as historias que ali se passam. Um padre a sahir de lampeão de casa das senhoras Avellares é Braga por fóra e um pouco por dentro no que respeita ao cidrão arrotado. Se se ajuntasse a isto que havia vozes alternadas entre portas e adufas entoando deplorativamente o terço, seria um pleonasmo e desperdicio de genio.

Ora, aquella menina que sustentou um colloquio aspero e, como quer que seja, desusado entre dois sexos que se amam, era filha de um bedél da Universidade. Este bedél, natural de Braga, procedia de paes fidalgos. Era filho segundo; mas, na estupidez, tivera partilha egual com o primogenito. Pareciam dois morgados. Chegára até ao segundo anno juridico; porém levara-lhe sete a chegar ahi. Em ferias d'esse anno, amou a irmã do padre João Evangelista Lopes, menina de bons costumes, que fazia os caldos substanciaes de que as ricas fibras do padre se urdiram, e pouco mais fazia, a não ser namorar com castos fogos e decencia o academico Rozendo de Queiroz, com quem casou. A familia d'elle pôl-o na rua logo com 200$000 réis de legitima, e a maldição posthuma dos Tavares Queirozes Coimbras, seus avós pela linha de Ordonho II. Foi um dia de horror e lucto. Fecharam-se as janellas manuelinas e amantaram-se de baetas golpeadas as armas dos portões das quintas. Um tio, ex-capitão-mór, que habitava o paidieiro solarengo da Torre de Candoso, mandou dobrar a defunto a sineta da capella e borrou na arvore genealogica da familia o nome de Rozendo. Para provarem onde conviesse que o marido de Apolinaria Lopes nunca tinha nascido, tentaram subtrahir a folha do livro dos baptismos, aliciando o vigario. Alguns afagaram a esperança de que o villão, refractario ao opprobrio, mor-

resse de fome. Um velho coronel de milicias de Barcellos, que jazia entrevado, jurou que, se não estivesse tolhido, iria traspassal-o do peito ás costas com a sua espada, e, apontando para ella, podia dizer como Virginio da filha quasi polluida por Appio Claudio: *Está pura!* Toda aquella familia visigothica era uma pouca vergonha com abundancia de gritos, ferocidade e lagrimas.

No entanto, Rozendo de Queiroz, contente em sua pobreza, e banhado do nutriente luar que dão as luas dos noivos, estava em Coimbra agenciando o officio de bedél com que já tinha enganado a fome o bom historiador da India Fernão Lopes de Castanheda.

Indemnisou-o a fortuna dos que muito amam pela resignação com que elle, fidalgo e quasi bacharel, acceitou o humilde cargo, dando-lhe em nove annos oito filhas. Havia n'elle e na esposa um geito particular de se propagarem em meninas galantes, umas que vieram a ser alvas e loiras, outras morenas, de tranças negras, todas á competencia de belleza, consoante a physica e a metaphysica de cada admirador.

No decurso d'estes nove annos, o padre João Evangelista que vivia da missa de seis vintens e dos defuntos, quando a irmã casou, metteu-se com bom dia pelo caminho da fortuna sem deslizar do trilho da religião. Guiava-o o padre-mestre Larraga com a sciencia da vida e da alma.

Fez-se confessor e ganhou fama. É o que diziam debaixo dos Arcos do Campo de Sant'Anna, no botequim das Carvoeiras, os diffamadores da terra. Não dava ferias á faina d'este essencialissimo sacramento - accrescentavam os maledicentes. Abria as portas sideraes do ceu e os alçapões lobregos do inferno, a toda a hora, umas vezes com as chaves que lhe transmittira, mediante o principe dos apostolos, a sublime victima da crueldade judaica; outras vezes, corrompendo a theologia casuistica, abria as portas do ceu com pé de cabra, mettendo na bemaventurança gente impossivel. Como a idolatria transportára ao olympo o burro de Sileno, pouco havia que espantar na longanimidade com que padre João fazia predestinados. Dizia elle, pondo os olhos no espaço — e n'isso concordava toda a rua das Conegas — que as tres irmãs Moitas suas confessadas e já defuntas estavam inteiras na cova e inteiras no ceu. Era uma das suas façanhas sobre o diabo; porque, tendo ellas sido usurarias, intriguistas, feias e concubinarias sacrilegas de frades do Populo e de Tibães, afinal, cahiram em si, de si cahiram para o peito edificante do seu pai espiritual, e acabaram aureoladas de resplendores de Marias Egypciacas, deixando ao seu confessor 30:000 cruzados em peças e dobrões.

A casa do padre João Evangelista Lopes era um ovo, diziam os seus emulos no confessionario,

increpando-lhe a cubiça. Padre Miguel asseverava que elle fazia asneiras em materia de penitencia, porque não sabia Moral, e em todas as disciplinas ecclesiasticas dera de si o mais descompassado quadrupede. Mentia. Padre Veiga, tambem examinador synodal, chamava-lhe larapio simoniaco, porque ladroava os bens mundanaes, explorando fraudulentamente as almas que, recommendadas por tão indigno ministro ao supremo juiz, baqueavam irremediavelmente no inferno. Entretanto, elle, imperterrito como todos os martyres da iniquidade, ia confessando, absolvendo e herdando de maneira que a sua casa já não era um ovo de gallinha vulgar como o de Colombo: era um ovo de abestruz — ovo, cuja casca, diz o grego Luciano, partida ao meio, dá dois chapeus para homem.

Estava, pois, rico, rijo, encarnado, barriga panda mas compacta, estomago apenas moroso em esmoer escabeches e frigideiras; e só á volta dos 62 sentira os primeiros rebates da gota no joanete do dedo grande do pé direito.

Não tinha filhos padre João. A este respeito, dizia elle, sem distincção de sexos, que era uma vestal. Tinha a consciencia da chalaça; e confessava que dizia sandices para não granjear muitos inimigos invejosos. Padre Mathias espirrava uns froixos de rizo sarcastico e gosmava: «A respeito de vestal, tó-carocha! que m'o venha dizer a mim

esse hypocrita, a mim, que fui seu condiscipulo. Fallem-lhe na Tamanca e na Margarida da Carvalhosa e na Ricort.» A primeira e a segunda tinham sido duas flôres de latrina: uma resvalára da miseria ao charco; a outra mais ingenua que as illustres romanas que afivelavam mascara para se arrolarem nos bordeis, desceu do seu palacete armoreado com o bello rosto apenas velado de caracoes, e prostituiu-se como as mulheres de Ezequiel aos frequentadores das alfurjas do Porto. Faz-se muita scena do Velho Testamento sem o ter lido. Quanto á Ricort, isso é uma historia longa e triste que virá a seu tempo.

Affirmava padre Mathias que entrára n'estas e n'outras patuscadas de camaradagem com o outro. Assim lhes era mister no officio adoptado. Seriam confessores imperfeitos e myopes espiões da alma, se não soubessem desfranzir os refolhos do vicio e esgaravatar com unha experiente o latibulo do peccado no peito das penitentes. Mas ninguem podia asseverar que padre João Evangelista Lopes saboreasse os dôces venenos da paternidade.

De vez em quando, vinham de Coimbra duas ou tres filhas de sua irmã Apollinaria, e levavam á mãe fartura de teias e prezuntos que sobejavam ao confessor. O bedél Rozendo affizera-se ao emprego, vivia com certo desempeno, e era bem aceite ao reitor, seu parente em grau proximo.

Além do ordenado de bedél, percebia bons salarios de solicitador de cauzas. Aprendera a legislação com um fiel de feitos, a quem ensinou em troca o que sabia dos tres annos juridicos. Quasi que o inutilisava.

As oito filhas do bedél eram umas nymphas do Mondego que tinham mais direito ao verso hendecassylabo que as outras que de Ignez

a morte escura
Longo tempo chorando memoraram.

Entre 1840 e 46 não foi a Coimbra Lamartine subalterno que as não cantasse no estylo doentio de então. Soláos e madrigaes. Um ideal de castellans medievas, com umas rimas tão perfumadas de petrarchismo que nem ellas tinham olfacto capaz de sentir o insidioso azote filtrado nos bagos de myrra. Aquelles amores que viram pennujar o buço do snr. dr. Pedro Penedo e o meu, se andassem cantados trinta annos depois, fariam zangarriar guitarras em fadinhos de uma melancolia sem grammatica sobre os bancos gordurosos da tia Maria Camêlla — Deus lhe falle n'alma. Estes actuaes poetas da carne — gregos na lingua e gregos na plastica — injuriando as lagrimas e caricias genuflexas do romantismo, diriam que as oito filhas do bedél eram um ramilhete de flores paludosas, anemicas, chloroticas. Ora, os menes-

treis d'aquelles dias cheios de luz sonora, e suaves noites trinadas pelos rouxinoes do sinceiral, com quanto palermas felizes e ingenuos, enxertaram as oito pequenas em Shakspeare. Um bardo triste como um mocho embalsamado quando versejava, e o mais devasso Petronio nas orgias da estalagem do Paço do Conde, rimou tres costaneiras á mais velha das oito, e intitulou-as na estampa: *O livro de Julieta*. Elle, o Romeu, collaborava, em um d'estes proximos annos, no Codigo Civil e escrevia na *Gazeta dos Tribunaes* sobre a lei da avoenga, com egual enthusiasmo. Julieta e o Codigo, — duas paixões grandes que lhe açabarcaram a alma. Havia uma *Porcia* que veio a maridar-se com o presumptivo Bruto, o qual se acha no Tribunal de Contas á espera de occasião geitosa para morrer pela patria como o outro da historia. Uma d'ellas era *Ophelia*, justamente aquella Amalia que, ha pouco, a mulher do sapateiro denunciou ao padre João Evangelista.

II

Aquelle Tiburcio Pimenta, setimo adorador de *Ophelia,* não era sujeito vulgar. O ter nascido na Gandarella, na encosta de um sêrro, em uma casa de cantaria estreme, empardecida por dous seculos; — ser filho de um lavrador que sulcava as leiras e rossava o matto; e o ter-se aleitado nos seios tumecentes de mãe espadauda que mettia hombros ás chêdas do carro e dava alôr aos bois com dois gritos estridentes — estas clausulas não bastaram a moldu-

ral-o no feitio trivial dos estudantes sertanejos do Minho.

O pai, quando o rapaz ia nos dezeseis annos, disse á mãe, um dia, chamando-a de parte, que Tiburcio era um brejeiro, e assentou esta pavorosa revelação no escandalo de certas cantigas cantadas ao desafio com a Joanna Gaitas na esfolhada do Manoel d'Além. E recitou incorrectamente uma das trovas, em que Tiburcio, defendendo-se da chalaça com que ella o ridicularisava por ser arganaz e esgrouviado, lhe replicára d'este theor:

Eu bem sei que sou magrinho;
Mas que queres, rapariga?
Se eu não posso como tu
Fazer maior a barriga!

Era uma farpa certeira que feria Joanna Gaitas não só na sua barriga, mas tambem no seu mau costume de andar quasi sempre gravida de consoantes para as cantigas e de creanças para a roda. O rapaz foi applaudido e recebeu abraços da canalha; mas, no intervalo da troça, a poetisa, arquejante de colera, cravou os olhos coriscantes na cara da sobrinha do prior, que esbamboava a empurrões o peito da visinha em transportes de riso, e, apenas as casquinadas esmoreceram, sahiu ella com esta desforra vibrada n'um tom de voz em que soluçava a raiva:

Se tu não podes fazer
Tua barriga maior,
Isso tratas de arranjal-o
Á' sobrinha do prior.

Isto não era calumnia. Deu-se aqui o caso unico conhecido de dois poetas se descomporem em publico sem faltarem á verdade. Com certeza, Tiburcio depositava as flores da sua decima sexta primavera no decote do collete vermelho de Francisca, em quanto o prior, tio d'ella, lhe ensinava a elle a conjugar os verbos latinos. Sciencia por sciencia. Um ensinava o *Novo methodo*, o outro o velho.

Não se sabe como Joanna Gaitas entrára no segredo d'estas conjugações de duas especies. Ou ella viu, ou lh'o communicaram os rouxinoes da deveza, por onde o estudante, recitando a syntaxe, á sombra das carvalheiras, acontecia de encontrar-se com a sobrinha do prior, quando ao entardecer, descia do monte com o rebanho das ovelhas, e com a roca descarregada e as massarocas no regaço. Deviam de ser os rouxinoes, porque lord Byron diz que foram elles os mestres do amor de Haydée a D. João. Estes encontros pode ser que os visse a lua silenciosa na sua castidade, e tambem a Gaitas, que conhecia todos os reconcavos do matagal em que o Cupido das aldeias traiçoeiramente costuma armar os seus laços debaixo de flacidos coxins de folhagem.

Fosse como fosse, a trova de Joanna fez pavor em todas as caras preparadas para a gargalhada. A rebeca e a viola calaram-se. A requinta ainda assobiou um guincho, porque era obrigatorio aflautal-o no remate da cantiga. A sobrinha do prior, que devia desmaiar, para ser verosimil, exclamou: «Olha que bebada aquella!» As mulheres, velhas e novas, olhavam umas para as outras, e tinham vontade de averiguar se aquillo era cantiga ou proza de costumes. O estudante sumiu-se por detraz das rimas do milho com uma vergonha que muito o recommendava; e, quando o creado de Tiburcio remettia contra a Gaitas para lhe assentar um sôco no alto da cabeça, encontrou á frente d'ella o farfante João da Granja, soldado do 10 de infanteria, que estava de licença na Gandarella, e tinha pela cantadeira sentimentalidades de uma agudeza egual á do ferrão do seu páo de marmelleiro.

O dono da esfolhada era regedor; e, como n'essa qualidade, intimasse o Granja a dar-se á prisão em nome d'el-rei — «que eu figuro aqui» — dizia o funccionario esmurraçando o proprio peito, — o soldado, bradando «qual rei nem qual diabo» pegou de fazer varrimentas com o páo ferrado, amolgando os tampos á viola e um cotovêllo á auctoridade. Reboliço, alarido, sacholas, fouces rossadoras, engaços, estadulhos, e as mu-

lheres a chamarem pelo Poder Moderador e pelas almas bemditas.

Tiburcio, o trovador, como outros poetas laureados pela immortalidade, fugira no ardor da refrega, á imitação de Horacio na batalha de Philippes. A sobrinha do prior não se sabe se fugiu na piugada d'elle. A cantadeira, apezar do seu paladino do 10 de infanteria, mostrava ao outro dia, a quem as queria vêr, duas contuzões roixas de tamanco nas visinhanças do osso sacro. Era o stygma com que a fatalidade marca o talento, se elle ousa affrontar os hypocritas: para Hypatia a pedrada e a lavareda, para Leonor da Fonseca Pimentel a forca, para madame Rolland a guilhotina, para Joanna Gaitas o tamanco.

Ao outro dia de manhãzinha, o vigario, quando ia dizer missa, teve noticia da desordem e dos motivos. Repetiram-lhe, augmentados e peorados, os versos da cantadeira e os commentarios prolixos que lhes fizeram, como se Joanna Gaitas dissésse alguma coisa escura e duvidosa como um terceto do Dante. O padre desistiu da missa. Como sentira impetôs de colera, ser-lhe-hia mister reconciliar-se. Desandou para casa do pai de Tiburcio, levando na mão a galheta do vinho destinado á consagração e as duas velas que elle costumava tirar dos castiçaes, acabada a missa, e levar comsigo para a residencia afim de não ser velhacamente defraudado da cera que outros pa-

dres lhe gastavam com bons ou ruins defunctos.

— Acabo agora mesmo de saber — disse o prior esbofado ao lavrador que jungia os bois com as sôgas — que na esfolhada do Manoel d'Alem a Gaitas disse que seu filho Tiburcio... Vocemecê hade saber tambem...

— Ouvi dizer que sim, snr. prior — confirmou Pimenta as reticencias, encostando-se a um dos galhos.

— E então? que me diz? que lhe parece isto?

— Parece-me uma borracheira.

— Só?! Eu vou mais adiante, snr. João. O que disse a Gaitas é muito serio, bole muito comigo, snr. João Pimenta.

— Se o caso é serio, então não sei o que foi. A mim o que me contaram ha cousa de meia hora quando eu me ergui para deitar penso á burra foi que o pedaço d'asno de meu filho lhe deitara uma cantiga a respeito de cousas e tal et cœtera; e vai n'isto a porca da mulher respondera como costuma quando lhe dão na mazella. Se o snr. padre prior vai a dar cavaco cóm o que diz a Gaitas, então leve o diabo o estudo a mais o juizo de quem não entende as coisas. Eu, aqui onde me vê, sou um rustico; pois, se a Gaitas me disser que eu roubei estes bois, faço de conta que é uma cadella que me ladra...

— Homem! — interrompeu o padre, sentan-

do-se no carro, e depondo a galheta e os cotos da cera — o caso é muito serio, porque a honra da minha sobrinha foi abocanhada.

— Tambem a do meu rapaz, e mais eu não me atrigo com isso.

— Faz differença, snr. João. Seu filho é homem e nada perde.

— Boa vai ella! Então um rapaz que faz uma patifaria não perde nada? Isso não o diz um padre de missa, queira perdoar, snr. prior.

A mãe de Tiburcio sahira da cozinha terrea com a roca dos tomentos á cinta, salivando as arestas asperas da estriga, redopiando o fuzo, e, a passo vagaroso, abeirou-se do carro.

— Faça de conta — continuou o lavrador gesticulando — que a sua sobrinha e mais o meu filho roubaram aquelle cordão d'oiro que minha mulher tem ao pescoço. São ambos dois ladrões, tanto monta elle como ella. São ou não são? Eu cá intendo assim as coisas, physicamente fallando.

Isso faz differença, homem — emendou o prior. — Os ladrões da honra d'uma moça innocente não são castigados, nem a honra perdida pode tornar-se a adquirir como os cordões d'oiro. Emfim, vocemecê quer ir para o seu trabalho, e eu para as minhas obrigações. Afinal, vou informar-me; e em quanto me não convencer de que seu filho está innocente, diga-lhe que, se fôr a minha casa, encontra as portas fechadas; e só

as encontrará abertas, quando entrar casado com minha sobrinha.

O reitor apanhou as abas da sotaina e sahiu do quinteiro pinchando uns grandes passos de nenhum modo theatraes por sobre o tojo e o sargaço da estrumeira picante. A mãe do Tiburcio, assim que o padre transpoz a porta de carro, fez um tregeito de ante-braço e mão que lá chamam «manguito». É um gesto anguloso que exprime mudamente todos os desdens e ironias figuradas da rhetorica; não se acha assignalado como indecente nos compendios de civilidade, mas ainda não está bastante usado em desavenças de deputados nas salas das sessões onde se fazem as leis e os manguitos para a nação; — usa-se, todavia, nas aldeias como expressão de solercia e fina velhacaria.

— Ouviste-o? perguntou ella ao marido — Olha se o entendes... Pr'aqui pr'onde o frade deitou o capêllo! — e repetia o trejeito acima descripto em termos pudibundos.

— Quem sabe, mulher, quem sabe se o brejeiro... — suspeitou João Pimenta.

— Quem? o Tiburcio?! Olha o fedelho do pequeno! Tão pura tivesse eu a minha alma! Ainda faz deseseis annos para as castanhas. Credo! o meu filho é ainda uma donzella.

O marido franziu as azas nazaes, fechou o

olho esquerdo, arregaçou para a direita o beiço inferior com o respectivo queixo, e disse:

— Aquillo, donzella? Estás a lêr, mulher. Os rapazes hoje em dia são uns garotos.

Este melindroso dialogo ácerca de Tiburcio sustentou-se limpamente de parte a parte, até que o lavrador e a mulher pararam com o carro no portêllo de um campo por onde se alastravam grandes aboboras porqueiras que loùrejavam d'entre a folhagem murcha. Elle tirou o apeiro aos bois, e soltou-os ao pasto, dando-lhes palmadas nos lombos macios e lusidios de gordos. A mulher pegou de carrejar aboboras para o carro, asseverando sempre que Tiburcio era uma donzella. (Tão donzella como Ignez de Castro, mãe de varios filhos, que de si dizia ao avô das loiras creanças:

«Se de humano é matar uma *donzella.*»)

Entretanto, o vigario na residencia perguntava por Francisca, afim de interrogal-a. Disseram-lhe que já tinha sahido com a rêz para o monte, e que nem sequer levara migalha de broa; que chorava tanto, dizia o creado da lavoura, que podia lavar a cara com lagrimas.

— Então é certo que a rapariga deu em droga!... — disse entre si o padre.

III

ESCANDALO! Ninguem, a fallar verdade, se sentia escandalisado na freguezia, tirante o vigario, tio da Francisca; mas os da junta de parochia, ouvindo dizer na feira dos 13 a Euzebio Macario, pharmaceutico de S. Thiago da Faia, que o Tiburcio, depois de um escandalo tão fallado, não havia arcebispo que lhe desse ordens de missa, espalharam no concelho que a Francisca do vigario e mais o estudante do Pimenta eram um escandalo. E resultou d'ahi algumas raparigas erradas a quem a opinião pu-

blica da Gandarella e terras visinhas dava nomes obscenos, chamarem-se depois *escandalos* decentemente; e aconteceu cada membro da junta de parochia ter em casa um ou dois escandalos sem o saber.

A Francisca denunciada pela Gaitas na trova do capitulo II, ao quarto bofetão que lhe deu o tio padre, confessou o seu erro, desculpando-se com o diabo que a tentára. O reitor, porém, que tinha tido fragilidades, dispensava-se do 2.º inimigo da alma para as entender ao natural; bastava-lhe o 3.º, a Carne, reconhecida como tal pela egreja catholica e pelo abbade de Salamonde.

Entabolou-se uma correspondencia de recados azedos entre o vigario e o lavrador, em quanto Tiburcio Pimenta com sete pintos que lhe deu a mãe e n'um largo trote sobre a egua do pai, passou da Gandarella para a Rapozeira, onde tinha um tio materno parocho, homem profundo e sério que chamava ao 6.º mandamento *o escôlho do genero humano;* mas era indulgente com os naufragos.

A rapariga foi apartada da familia como leprosa na casa da tulha, um cazarão escuro onde estava o fumeiro e a broa, e uma colonia de ratazanas cuja fundação se perde na origem dos tempos e da Gandarella. De noite dava gritos. Era a sua paixão e os ratos. Elles pareciam arrastar as ferropéas lendarias das almas penadas.

Marravam contra as arcas do milho, trepavam aos balaios das broas, tinham pégas muito sacudidas, n'um reboliço vertiginoso, e davam uivos sinistros. A Francisca desatava a barregar, e, nas trevas, atirava as socas ás ratazanas que se raspavam por um pouco, e sahiam outra vez das suas luras insondaveis para lhe roerem o coiro dos tamancos saturados de gordo pelas fricções de toicinho. O vigario ouvia este ingranzéo, sahia da cama com as menores suspensas, a arrastar os ourêlos esbeiçados e a escarrar pigarros rispidos de nicotina. Punha-se a escutar á porta da tulha e quando a sobrinha dava gritos de magua e terror, encanudava os beiços pelo boraco da fechadura e dizia: «Ah cabra!» Ella estarrecia e callava-se com a cabeça enrodilhada na manta.

A rapariga não conhecera pai, e apenas se lembrava de chamar madrinha a uma creatura que fazia o serviço interno da casa, e morrera quando ella era pequena. O padre Santa Barbora tinha vindo parochiar na Gandarella algum tempo depois do cêrco do Porto. Fôra frade no Alemtejo, e trouxera comsigo uma irmã viuva com uma filha de dez annos. A freguezia suspeitou do parentesco, principalmente depois da irmã do padre ter rachado com um alguidar a cabeça de uma creada a quem o vigario envolvia n'uns olhares voluptuosos e talvez no capote de tres cabeções. A cachopa esmoucada por ciumes veio contar

para a rua scenas d'uma fraternidade um pouco selvagem.

Dizia-se que o padre se safára com os fundos do convento, porque entrou a comprar terras e aforar montados de modo que arranjára uns bens que trazia arrendados por doze carros e tencionava casar a sobrinha com um lavrador abastado. A irmã, ou o que era, tinha morrido, e a pequena por ali medrou sem educação, creada na bruteza perigosa das espadeladas, das estrigadas, das descamisadas do milho e das solidões da serra por onde pastoreava o gado e se espreguiçava na primavera quando as aves urdiam os seus ninhos, e a egua do tio, com as narinas aflantes, nitria, dando-se curvas esbeltas e uns ares de boulevardiére. Pode-se dizer que foi a Natureza que a espetou nos galhos do diabo, — a Natureza tentadora a quem o Creador encheu de feitiçarias taes e tamanhas que, se não fosse a arte da Moral com o subsidio do cathecismo, a castidade seria um exclusivo das senhoras maiores de cincoenta annos, rodeadas de cavalheiros não menores de setenta.

O reitor ensinava latim a pinto por mez, e era caro. Tinha discipulos de longe que depois de cinco annos de conjugações e regencia com muita broa e feijão á mistura, eram uns verdadeiros sepulcros de uma lingua morta. Como todos se destinavam ao sacerdocio e á interpretação problema-

tica do missal, nenhum era reprovado em Braga. A' vista dos milagres que fizera, o padre mestre Santa Barbora gabava se de ser capaz de ensinar latim ao garrano de Euzebio Macario quando este lhe perguntava se o José, que tambem foi seu discipulo, o *Fistula,* teria pancada para as linguas.

O Tiburcio Pimenta entrara para a aula quando a Francisca ia nos doze e elle nos quatorze annos. Eram amigos de infancia. Acocoravam-se ambos, em pequenitos, nos rêgos d'agua a fazer muinhos de bugalhos e navios de cascas de bolotas. Jogavam as pedrinhas e outros jogos em que o que perdia levava ás costas o que ganhava. Era ella quasi sempre a que perdia. Os contactos, as curvas sensitivas, os relevos quentes, inflammatorios eram-lhes já conhecidos, quando se aproximaram em uma idade que a memoria d'estas pueris brincadeiras avermelha o pudor nas faces. Mas o pudor das aldeias do Minho e as castanhas principiavam a desapparecer por esse tempo.

Está explicado o meio. São duas victimas inconscientes da mezologia, sciencia moderna que tem do grego a etymologia sufficiente para desculpar as patifarias antigas. O peor foi a Joanna Gaitas entrar tambem no meio, e entender que as suas musas deviam fazer epopea da coisa. Como foi que ella farejou o phenomeno que podia dar

de si uma distenção na epiderme abdominal de Francisca? Não o sei nem o posso perguntar com mais decencia.

A meu vêr, a Gaitas que fazia o seu *Paradou* em todas as carvalheiras bem copadas, ou nos amieiraes das orlas do rio, assistiu a alguma scena edenica d'aquelles dois seres primitivos, desabados da sua innocencia por terem acceitado da mão da natureza organica, insidiosa o pomo vedado. Foi a sciencia é o que foi. Elle de mais a mais sabia o que Adão nunca aprendeu — traduzia o Eutropio, já tinha lido o *Meu visinho Raymundo* de Paulo de Kock, e alguns capitulos do *Velho Testamento*. Ella é que estava pura e analphabeta como Eva — uma besta mociça, sem macula de *Abc* quando cahiu não sei em que devesa — quem o sabia era a Gaitas e os justos ceus, onde está o olho iniludivel do creador d'isto e d'aquillo.

Entretanto, lastimas ouviam-se na casa da tulha por horas mortas, ao passo que o Tiburcio Pimenta, cheio de salpicão e vinho de Basto, dormia assobiados somnos na residencia do tio padre, onde nos domingos lhe apparecia o condiscipulo José Macario a contar-lhe o que se passava em Gandarella.

O padre mestre encarregara o Viegas, — um cirurgião adultero que apanhou mais tarde por ter polluido o leito conjugal de Euzebio — de en-

tender-se com João Pimenta respectivamente á sahida que se havia de dar áquelle negocio.

— Que case já com ella o rapaz — dizia o Viegas ao lavrador — que o padre dá-lhe as terras que valem bem 4 contos.

— Terras tenho eu de mais — snr. doutor, respondia o Pimenta. A questão é outra. A minha patroa quer o filho padre ainda que tudo que temos o leve a breca. Quando ha annos o rapaz esteve a morrer de sarampo ella prometteu á Senhora dos Remedios de Braga qne o Tiburcio havia de ser padre, se não morresse. Que quer o snr. doutor que lhe faça? E' promessa é promessa, e leve o diabo quem as não cumpre.

— Mas a senhora dos Remedios não hade querer que a pobre rapariga fique perdida, atalhou philosophicamente Viegas.

— Qual perdida nem qual cabaça! Tem ella quatro contos? Se os tem, maridos que a queiram hãode ser tantos como tortulhos. O meu filho, que tem mais de doze se Deus quizer, é que não anda; e, se casar com ella, faço de conta que morreu; mas não tenha medo que não casa. Eu já fui onde a elle, e perguntei-lhe: Rapaz tu prometteste alguma cousa á rapariga? Falla a verdade! — Disse-me que não.

— Então mentiu-lhe — atalhou o Viegas — Ella disse ao tio que esperava casar com seu filho.

— Pois não esperaste? — acudiu ironico o la-

vrador. — Quer saber o que elle lhe prometteu? Umas socas de verniz forradas de azul e um guarda-chuva vermelho na feira de S. Miguel. Se elle me não disse isto, ainda um raio me parta.

O Viegas riu-se da postura tragica de João Pimenta com um braço apontado ao bôjo de uma nuvem parda.

E, como visse que a mulher do lavrador vinha chegando com uma cara tempestuosa e muito suja, Viegas foi dar parte da sua commissão ao padre-mestre.

— Pois em quanto eu fôr vivo — exclamou apopletico o reitor — padre é que elle nunca hade ser! Juro-lh'o, doutor, pelas ordens sagradas que tenho.

O Viegas contou o caso ao Eusebio Macario.

O pharmaceutico, disse que, se a rapariga fosse sua filha, que rebentava a pontapés o Tiburcio e mais o patife do pai e a estupida da mãe. Depois, na ausencia do facultativo, disse á mulher Rosa Canellas:

— Diz que a rapariga tem 4 contos... Era um arranjo bem bom para o nosso José...

Começava a fermentação do futuro cavalleiro da ordem de Christo.

IV

TIBURCIO Pimenta foi para Braga continuar o seu latim e começar a logica. Era esperto, mas pouco applicado. O professor de philosophia racional e moral, o snr. Pinheiro, notou-lhe uns vislumbres de materialismo, espontaneos e não reflexos da leitura dos racionalistas. Os seus condiscipulos attenciosos davàm-lhe ousio a dizer triumphaes asneiras de envolta com acêrtos luminosos como as faúlas que espirram inconsciamente d'um brazido. Tinha gestos e attitudes quando discorria. Pensava então

nas glorias do pulpito e já compunha sermões romanticos que, aos dezoito annos, andava prégando por casa dos conegos, do padre Martinho e das snr.as Botelhas — umas beatas que embebedavam com geropiga o prégador e o auditorio. Vaticinavam que Tiburcio iria prégar aos infieis, e mandavam-no lêr, em quanto ellas choravam, nos *Annaes da Propagação da fé,* casos de martyrios edificantes, desejando-lhe egual sorte. Tiburcio então fazia-lhes á surrelfa, com ademanes garôtos, aquelles *manguitos* que aprendera da mãe.

As snr.as Botelhas de Traz da Sé eram duas irmãs, de idade canonica, com uma mocidade equivoca, muito realistas e boas proprietarias. Tinham casa com brasão, e pergaminhos de raça de *Botelhos,* antiquissima. Gabavam-se de ter muitos conegos, um cabido inteiro na geração, e o tio chantre que lhes deixára os bens e grossos cabedaes em moeda. Organisavam a miudo assembleias de padres e orchestras de musicas executadas por sacerdotes peritos no violão, na flauta, na rabeca e no rabecão. Havia bassos e falsêtes estimaveis. O padre Martinho Antonio fazia trinados e gymnasticas de garganta muito disciplinada. Era um presbytero novo, espadaudo, de boas chalaças, com umas exultações de justo e um temperamento sanguineo sopeado pelos concilios e pela convivencia com senhoras refractarias ás armadilhas do pec-

cado mortal, 3.º na serie. A sala das festividades onde Tiburcio Pimenta prégava era adornada de commodas e contadores de pau santo em que havia algumas imagens de bemaventurados, boas esculpturas, com resplendores de prata faiscantes, envidraçadas em urnas. Ardiam dezenas de velas de cêra em castiçaes antigos de prata lavrada com bobeches de papel azul em recortes, diante das imagens que vermelhavam com reflexos metallicos as suas carnaduras envernizadas. Um S. Pedro de Rates, o livido bispo-martyr, tinha o semblante escarlate de conego, depois de um jantar de entrudo, n'uma indecisão entre as contentes vegetalidades physiologicas do sangue que se chylifica e as ameaças rubras de uma apoplexia. O Santo Antonio, como sempre, refeito, bochechudo, muito risonho. Estes celicolas, muito faceiros, ao sopé de um calvario escabroso, onde se hasteava o madeiro com o Christo muito carminado de chagas esponjosas, não davam o tom tragico da legenda, excepto a Magdalena que rolava umas lagrimas do tamanho de camarinhas suspensas nas maçãs do rosto com uns reflexos vitreos. No centro da quadra allumiada como camara ardente, erguia-se a estante com as musicas á frente das cadeiras em que se assentavam os musicos, e arrumavam o instrumental, quando passavam a uma salêta onde estava um aparador de mogno. Garrafas crystallinas, facetadas, opalisavam a lim-

pidez dos vinhos antigos e das geropigas capitosas; bandejas cinzeladas de velha prata, com brazões, cuguladas de queijadas e dôces muito finos de filamentos de ovos resplandeciam entre jarrões japonezes com camelias e alecrim do norte em flôr. Libações saboreadas e vagarosas solemnisavam em brindes muito serios, com a voz cava a sahir das profundezas d'um intimo respeito, as virtudes de D. Eufrasia Botelha, um anjo de bondade, e de sua irmã D. Hypolita Botelha, a candura personalisada — duas joias inestimaveis, dois raros espelhos de perfeição — acrescentava o padre Martinho enchendo o calice do 1830.

Tal era o meio em que Tiburcio prégava sermões.

Havia raro quem estudasse francez em Braga n'aquelle tempo. O clero estava providencialmente afastado d'esse manancial sujo de gallicismos. Tiburcio estudou apaixonadamente aquelle idioma com o professor José Valerio Capella, um dos 7:500, que tinha um ôlho de vidro, e um mânancial inexgotavel de anedoctas obscenas. Tiburcio declamava o *Telemacho* aos condiscipulos de logica arrebatados da emphase e dos *rr* que elle ringia e arrastava com as energias glotticas d'um marujo de Marseille.

Por esse tempo deitou elle a perder a Garabulha da Rua dos Sapateiros, uma que esfregava as pernas ao arcediago e lhe dava as mézinhas,

como contou a mulher do sapateiro Leonardo ao padre João Evangelista Lopes no 1.º capitulo d'esta empada ethnologica.

A caracterisação de Tiburcio não era nada clerical. Vestia á moda e de casimiras caras muito coloridas; usava luneta de um vidro estreme sem aro, refegando-lhe as duas palpebras com um grotesco de caricatura do Gavarni de 1840; o seu vasto chapeu branco de castor foi o primeiro que entrou no Arco da Porta Nobre e levou o assombro aos logistas pela rua do Souto fóra até ao campo de Sant'Anna. Frequentava a sociedade fina. Dizia-se que era rico, e contava-se o caso da Francisca, multiplicado com uma dezena de meninas da Gandarella, cortadas em flor, umas tisicas, outras hydropicas e algumas doidas.

O Eusebio Macario, legitimista n'esse tempo, a pedido do padre-mestre Santa Barbora, já tinha escripto alguns trechos allusivos no *Periodico dos Pobres:* — «Que o seculo 19 estava corrompido, desde que o throno e o altar tinham cahido na maior corrupção; que os seductores de môças eram os mesmos que andavam estudando para padres. E que religião se havia de esperar, se taes padres são os que hão de propa*gandar ella???*» Este calembour, um tanto brazileiro, era collaboração do Viegas. Propa*gandar ella — Gandarella.* Era para dar a conhecer a terra do Tiburcio. Em

Braga intendeu-se subtilmente o insidioso trocadilho, que andou por mãos de conegos e chegou ás do prelado. O estudante não dava importancia á piada. Dizia que não queria ser padre, que tencionava formar-se em direito.

A mãe e o pai foram ao Bom Jesus, e ficaram pasmados quando encontraram o filho, no campo dos Touros, vestido d'aquelle feitio, com um cacête de correia e ponta de veado pendente do pulso. A mãe, já perto do filho, punha a mão aberta sobre os olhos para convergir a luz diffusa, e dizia ao marido:

— O' João! olha que elle não é elle!

— Então é o diabo por elle — ponderava o João Pimenta.

Lá na Gandarella constava que o Tiburcio já tinha ordens menores e prégava sermões que era um pasmar. A tia Jeronyma Pimenta attribuia a sabedoria do seu padre a Nossa Senhora dos Remedios de Braga. Dizia o Viegas que os melhores *remedios de Braga* para o padre Tiburcio haviam de ser, não os da *Senhora*, mas os de *S. Marcos*. O padre-mestre desmentia o boato das ordens, e reiterava o seu juramento de que o Tiburcio, em quanto elle fosse vivo, não abriria corôa. Isto constava á tia Jeronyma que batia com o tamanco no sobrado, exclamando:

— O vigario ha de roêl-a! No dia em que o meu Tiburcio cantar missa, heide mandar comprar

tres duzias de bombas reaes á Lixa, que lh'as heide mandar estoirar mesmo nas ventas do vigario!

E' imaginar quantos ramos de estupôres congestivos ameaçaram a cabeça d'esta mãe desditosa, quando viu o filho vestido «como *pantomineiro!*» — dizia ella a gorgolejar uns soluços tamanhos que pareciam vomitos.

Tiburcio levou-os ao seu quartel na estalagem da rua dos Chãos, e desenganou-os. Declarou que não queria ser padre mau; e que não podia ser padre bom. Que o seu destino era outro, e todos lhe diziam que havia de ir longe, se se formasse em leis, por que a sua vocação era a politica, fazer guerra aos Cabraes e civilisar a sua patria.

O pai escutava-o com a boca muito aberta e a mão encornetada na orelha para lhe perceber a torrente das suas razões aliás bem redigidas de ideias e lingua; a mãe estava a chorar e a limpar abundante puz que lhe affluia dos olhos e do nariz que esmoncava com phrenesi. Esgotado o palavrorio, Tiburcio esperou a resposta do pai, o qual, depois de uma longa pausa, ergueu-se com as mãos fincadas nos quadris, e disse com uma grande e resignada serenidade:

— Pois em fim... que te leve o diabo! Arranja-te lá como quizeres. Pinto, não me apanhas nem mais um. Em dois annos comeste-me sete

centos e cincoenta e tres mil reis. Comeste por uma vez. Eu bem t'o dizia, Jeronyma! Olha que elle não se ordena; e, se vai n'este gastar, temos de vender as terras, e estamos a roubar o outro filho... Não t'o disse eu, mulher?

E a mãe:

— Deixa lá, home! Isso não hade ser assim. O nosso Tiburcio ha de ordenar-se. A Senhora dos Remedios de Braga ha de fazer o milagre — e olhava supplicante para o filho que enchia o cachimbo sentado na cama, bamboando os seus butes de verniz com espórins. — Faz-me a vontade, filho — proseguia ella, pondo-lhe as mãos nas faces muito carinhosa e esperançada. — O vigario diz a toda a gente que não hasde dizer missa; e, se elle leva a sua por diante, eu dou um estoiro como uma castanha. O' Tiburcio, já agora que tens gasto tanta dinheirame, anda pr'a diante, canta missa, e depois, se não quizeres fazer vida de padre, não faças, que tens que comer, graças a Deus.

Não o commoveram os rogos da mãe consternada; mas o programma paterno; — *Pinto, nem mais um,* abalou-o deveras.

Onde havia elle de arranjar dinheiro para formar-se em direito ou, sequer, vadiar em Braga? Recorrer á mãe, que o adorava, seria inutil, por que ella, ás escondidas do marido, tinha-se empenhado em algumas duzias de moedas, e dera-lhe

um annel de pedras que herdára de sua avó, e avaliava em centos de mil reis. Este annel, com grande embaçadella de Tiburcio, valia tres tostões, o peso da prata em que tinha encravados uns bagos de crystal; mas o seu condiscipulo de logica, o José Macario, que já então era conhecido por *Zé Fistula*, nas Travessas, enganára uma uzuraria das Conegas, a viuva do Pêgo, uma ladra, empenhando o annel por 15 pintos que repartiram os dois.

Este episodio parece baixo em historia tão levantada; mas quem sabe os processos perscruta logo que este pormenor é um elemento mezologico, e que d'ahi deve explosir algum objectivo immanente ou transcendente. Com effeito, o cambalacho fraudulento do annel, por intervenção do *Fistula,* prova que Tiburcio Pimenta se emparceirára com o mais desaforado malandrim das provincias do norte.

O José Macario e o Tiburcio acamaradaram-se n'uma pelintragem desbragada durante um inverno. Fistula espatifava a legitima materna, 600$000 reis limpos e seccos. Embebedavam-se nas pastelarias do André, do Antonio do Cantinho e do Domingos Aleixo, um mouco que recheava as frigideiras com um grande lardo de môscas picadas. A's vezes os dois bragantes sahiam a cahir do Catrambias onde havia petiscos acirrantes e o rico verdasco, na rua do Alcaide.

Conheciam muito as iscas, depois da meia noite, no Cunilheiro, no Campo das Hortas; e, se lhes não abriam a porta, iam á tasca do Coixo onde se jogava até ao dia, depois que o Caçoula, na rua d'Agua, fechava a porta. Frequentavam de madrugada o botequim da Açucena na Cruz de Pedra, onde havia grande banzé de ordinandos vestidos de saragoça de varas, aspectos muito selvagens, com tombas nos sapatos, a matarem o bicho e a comerem forminhas com as mãos muito calejadas e espigadas de cravos. Os menos alcoolisados bebiam pelos pires, n'um farfalhar suino, uma bojuda chicara de café por 10 reis, e diziam que era muito superior ao café-forte das Carvoeiras, debaixo da Arcada. Mas as bebedeiras mais caracteristicas dos dois apanhavam-nas na tasca do Chineleiro, a S. Miguel-o-Anjo, ou na estalalagem do Manoel da Rua d'Agua, um que chamavam «o gallego domesticado.»

Foi o Fistula quem aconselhou Tiburcio a mentir ao pai — que sim, que se ordenava; — e a apanhar á mãe um cordão de 4 moedas e meia para comprar uma batina e uns sapatos de fivellas d'aço.

A boa creatura, antes de recolher-se á Gandarella, muito alegre e penhorada com a Senhora dos Remedios de Braga, tirou o cordão do pescoço, e disse-lhe: — Ahi o tens, tua avó morreu com elle. Assim com'assim, p'ra ti era. Compra

a batina, e leva-a quando fores a casa, que a quero pendurar na varanda ao sol quando passar o reitor. Elle diz que nunca hasde ser padre? Pois hade rebentar que o hade levar o demo, Deus me perdoe!

Com as 4 moedas e meia do cordão comprou Tiburcio uma judia de panno verde com capuz de borla e alamares de troçal. No domingo em que a estreou foi que viu pela primeira vez na missa dos Congregados a Amalia Queiroz, sobrinha do padre João Evangelista Lopes. Ella sentiu-se penetrada, pela setima vez, até ás concavidades menos exploradas do seu peito. Tinha deixado em Coimbra um byroneano que a chrismara romanticamente em *Ophelia,* um poeta de soláo, que descera de *Hamlet* a *Falstaff,* namorando uma servente oleosa, de bons dentes e carnes duras, com quem se atascara nos marneis da mancebia. Amalia estava muito escamada e sedenta de novos amores — a vingança lôrpa das abandonadas.

A filha do bedél já o conhecia como estroina, de finas pilherias, e muito querido das mulheres tricanas e até das finas senhoras. O tio contara-lhe que o ouvira prégar um sermão em casa das Botelhas, — coisa muito bem feita, se era d'elle; mas que lhe constava que o rapaz pegára a asnear com as femeas, e que não queria ordenar-se.

Não podia recommendar mais cordealmente o estudante á sobrinha.

Ora ella, quando o viu á porta dos Congregados, com a judia verde de alamares pretos, com o chapeu de castor branco, verniz, luvas côr de têlha, luneta e polainas azues com botões amarellos, achou-o bonito, com todas as fascinações dos romances da *Bibliotheca economica*. Lembrou-se então do seu sordido e extincto *Hamlet* que trazia uma capa e uma batina remendadas com linha branca, o gorro lustroso de pomadas ordinarias, os calcanhares das meias de dentro sujas esbeiçando pelas de laia, os sapatos cambados e o trapo do cabeção surrado como uma rodilha. Sentiu então que tinha ainda fibras virginaes para as setimas nupcias do seu coração. Entrou em casa muito leve, n'uns pulos de arveloa, a cantar coisas — barcarolas, a chacara dos *Renegados*, o *Lundum da Figueira*, ratices academicas.

V

AMALIA Queiroz tinha estas explosões de alegria, estes deslumbramentos de rapariga pletorica; mas não pensassem que a passageira embriaguez a desviasse da vereda do decoro. O pai dizia frequentemente ás oito filhas que trabalhára muito em novo para ser honrado, e que o conseguira — o que era melhor que ser rico; «depois de velho e doente, dizia elle, continúo a trabalhar para que as minhas filhas sejam honestas.» A mãe d'ellas, a D. Apolinaria, irmã do padre João Evangelista, sabia-

lhes a vida, conhecia-lhes os namoros, ouvia lêr as prosas e os versos que lhe choviam em casa como no seio de uma Arcadia; ria-se com as pequenas e dizia: «Eu só respondi a uma das muitas cartas que recebi de vosso pai: foi quando elle me deu parte que ia pedir-me em casamento a vosso tio padre João.»

E mais nada.

Em casa do bedél Queiroz não se resava por contas, não havia jejuns, desconheciam-se as *Horas Marianas,* era imperfeitissimo o conhecimento da cartilha. Além d'isto, os recursos eram muito escassos, apezar do subsidio de padre João. As meninas trabalhavam de costureiras, faziam doce de compota, recortavam flores, e furtavam horas ao descanço da noute para poderem de dia, nas janellas, corresponder á graciosa dramatisação shakesperiana em que a academia as afidalgára. Por via de regra, as mulheres, n'um meio semelhante de uma quasi pobreza, de trabalho sem repouso e pouco lucrativo, bonitas, lisongeadas, com liberdade, e sem futuro, taes mulheres, na corrupção centralisadora de Coimbra, — aquella saturnal permanente de sceleradados — resvalam, ou pelo menos, desacreditam-se. Ellas não. Até a maledicencia as respeitou. Alguma tinha tido sete, outra nove namoros, e as mais d'ahi para cima. Pois é como se explica a incombustibilidade d'aquella familia no

meio da academia vulcanica d'aquelle tempo. Assim que a poesia escripta começava a dissolver-se em prosa — assim que o filho das castas musas parecia querer levar o coração á sua *Porcia* ou *Julieta* por escada de corda, ella dava-lhe com os versos e com a janella na cara. E o certo é que todas casaram vantajosamente com bachareis e doutores que hoje são ornamentos cathedraticos, desembargadores incorruptiveis, velhos parlamentares muito roazes aposentados nos intestinos do paiz; em fim do seio da pobreza e do trabalho sahiram pela porta da honra aquellas formosas raparigas que pareciam predestinadas para baixos e talvez vergonhosos destinos. Apparecem, ás vezes, estas excepções que desmembram a mal articulada escóla pessimista que do amago de um meio de pobreza tira sempre fatalmente a deshonra.

O padre João Evangelista Lopes sabia que suas sobrinhas eram bem procedidas, e coadjuvavam as despezas diarias com as suas habilidades. Quando a irmã lhe pedia dinheiro, mandava-lhe metade — *que não tinha mais*, mas de si comsigo pensava: «se eu lhe mandar o que precisam, as raparigas não trabalham; e, se não trabalharem, lá vem os vicios filhos da ociosidade.» A irmã, quando vinha a Braga com alguma das pequenas, contava-lhe os namoros d'ellas, o juizo com que se portavam, rompendo as relações logo que farejavam projectos para mau fim. O padre, se-

gundo a sua experiencia de confessor, reprovava a liberdade que lhes dava a mãe, e comparava, por hypothese, as sobrinhas a cantaros que alguma vez deixam as azas na fonte. Elle tinha os ouvidos cheios de corrupções e do estrepito de cantaros quebrados;—e então em Braga que, n'aquelle tempo era uma verdadeira cacaria de cantaros com as almas competentes!

Ora ahi está porque o padre ouviu, sem commoção, a denuncia da mulher do sapateiro, a respeito do namoro da sobrinha com o estudantorio. Não obstante, quando chegou a casa, e Amalia lhe perguntou se queria ceiar na cama, que já estava aquecida com botijas, disse que não se sentia bem do estomago com o cidrão. A pequena pôz o chá a abrir e veio com a chaleira para o quarto do padre que já estava na cama. Ella aconchegou-lhe a roupa dos hombros, compoz-lhe as almofadas do espaldar do leito de armação com seis degraus, e sentou-se no segundo. O padre arrotou uma trovoada flatulenta de cidrão. e ficou bom, e disposto para o seu caldo de gallinha e vacca. A sobrinha assistiu á ceia; e, quando se retirava, depois de accender a lamparina, o tio mandou-a sentar-se—que tinha que lhe dizer. Contou o aviso que recebera, e queria saber o que havia a tal respeito.

Amalia expôz desembaraçadamente e sem subterfugios que gostára do Tiburcio, e recebera

algumas cartas a que tinha respondido por que eram serias e dignas de resposta. E acrescentou:

— Se o tio as quizer vêr, mostro-lh'as; que eu tambem não me importa que elle mostre as minhas.

— Ha que tempo durava isso? — perguntou o padre com a pitada engatilhada ao nariz.

— Ha mez e meio.

— Vamos adiante. Fallaste-lhe?

— Oito ou nove vezes da janella do quintal, á noitinha, em quanto o tio não chegava.

— Em que termos se acha isso? Quer casar comtigo?

— No principio, pareceu-me que era essa a sua tenção; mas nas duas ultimas vezes que lhe fallei desgostou-me muito porque lhe estranhei os modos trocistas, um ar de mangação que me aborreceu; e estou resolvida a não lhe escrever nem fallar mais. Eu tinha tenção de pedir licença ao tio para me retirar para Coimbra.

— Se estás aborrecida d'esta casa, vai; mas, se te retiras por causa d'esse sujeito, dás a intender que tens pouco juizo...

— Nenhum receio, meu tio. Não o quero vêr, por que... gostava d'elle... e preciso esquecel-o. Eu e minhas irmãs fazemos assim. Quando não somos correspondidas como desejamos, antes que nos deixem, deixamos nós os namoros.

A mãe disse-nos que faziamos bem, e não nos temos dado mal.

— Pois n'esse caso — obtemperou o padre — escreverei a tua mãe para aqui vir com alguma das filhas, e depois irás para Coimbra. O que eu não posso estar é sem alguma de vocês por que não tenho outra familia. E agora, toca a descançar. Vai com Deus e com Nossa Senhora.

Amalia entrou na sua alcôva, e antes de se deitar leu as cartas de Tiburcio Pimenta, e fechou-as para lh'as remetter ao outro dia. Mas quem a visse adormecida notar-lhe-ia nas grandes e lustrosas pestanas um residuo de lagrimas. Chorara como as frageis. As mais amargas lagrimas são as que custam a virtude.

VI

Fistula aconselhára a Tiburcio a canalhice do cordão da mãe para a batina, e escrevêra depois ao pai, ao boticario, contando-lhe a compra da judia, a pandega real em que o Tiburcio andava por Braga, tomando grandes carraspanas, e que deitára derriço a uma sobrinha do padre Lopes, o herdeiro das Moitas da rua das Conegas. O Viegas mostrou a carta ao reitor da Gandarella, que espalhou a noticia, de modo que o João Pimenta e a mulher a receberam por diversos canaes. O lavrador mandou

o filho mais velho informar-se a Braga. Além do que era exacto, o irmão do estudante, que via com inveja e pezar as despezas de Tiburcio prejudiciaes ao casal, regressou com informações peiores do que obtivera. Como lhe contassem que o Tiburcio estivera n'um baile de entrudo em casa das Narcisas da Senhora á Branca — as irmãs do capitão Narciso do 8, muito pagodistas — vestido de vivandeira, o irmão foi contar que o Tiburcio andava por Braga, de noite, vestido de rameira — e explicou.

A tia Jeronyma benzeu-se com a mão esquerda, e o pai, dando com o ôlho da sachola uma iracunda pancada n'um canhôto de carvalho, disse que o seu regalo era que o canhôto amolgado fosse a cabeça de Tiburcio.

E, como era de esperar, não lhe mandou a mezada nem mais respondeu ás cartas do filho.

Este desastre coincidiu com a resolução heroica de Amalia Queiroz. Quando Tiburcio recebia o massête das suas cartas devolvidas sem explicação, o major Mathias, seu banqueiro, davalhe parte que fôra suspendida a mezada. O amigo Fistula aceitou um bom quinhão das suas maguas, quanto á falta da mezada, e rasgou-lhe horisontes novos com este leviathan de luz:

— Vê se o padre Lopes dá dote á sobrinha e casa-te com ella... E, se te deixasses pilhar dentro de casa? isso então é que era pechincha... Fa-

zias-te fino, e o parrana do sotaina pinga-te muita peça de duas caras pr'a lhe casares com a sobrinha. Havia de ser o caso comigo... — concluiu o brejeiro com um assobio prolongado e dois estalos de dêdos á guiza de castanhêtas.

Por vaidade, Tiburcio não contou que Amalia o despedira; mas comprehendeu a causa do imprevisto desfecho, quando o Macario lhe disse:

— Tu hontem quando foste ao *rendez vous* levavas um grande pifão, não te lambias. Eu tambem sahi tão bebedo do Catrambias, que fui com a banza para casa da hespanhola e fiz tamanho estardalhaço que ella gritou á del-rei. Pozeram-me na rua, e já era manhã quando entrei em casa com a viola sem cravêlhas. Uma reinação! Bebedeira assim! E tu? como a cozeste? A rapariga deu fé?

— Não — disse Tiburcio abstrahido, recordando-se envergonhado — eu não estava muito bebedo.

Mas sentia-se humilhado, despresivel e infame, lembrando-se que tinha jogado larachas e ironias biltres á pobre Amalia; recordava-se, porém, que ella, em seu perfeito juizo, lhe esgrimira tambem umas phrases gaiatas, e o mettera a riso como filho de Gandarella e estudante de padre. Não obstante, o espinho da vergonha exulcerava-lhe o coração; acceitaria melhor o abandono motivado por um capricho, por uma des-

lealdade; mas pela repugnancia que fazia um bebedo a uma senhora delicada, isso exacerbava-lhe o amor na proporção da sua indignidade. O Fistula não o contagiara, delindo-lhe os triviaes sentimentos de pundonor e remorso. Pensava em desculpar-se, em solicitar o perdão de Amalia antes de sahir de Braga. Depois iria occultamente pedir a sua boa mãe que lhe pagasse a passagem para o Brazil. Se não podesse ganhar a vida na imprensa jornalistica, iria trabalhar no commercio, e esperar que o seu destino se definisse por um d'esses accidentes fortuitos que ás vezes respondem á invocação anciosa e supplicante dos infelizes extraviados. Tiburcio Pimenta devia considerar-se victorioso no Brazil senão pela força do talento, pelo esforço da vontade que dá os confortos da riqueza e opéra os milagres das transfigurações humanas, ao passo que o talento apenas faz as ruidosas inutilidades dos livros.

Restituindo á filha do bedél as cartas recebidas, ajuntou-lhes um bilhete breve em que lhe pedia perdão das offensas que elle devia ter feito para merecer tão inesperada repulsa. Como a não podia condemnar por injusta, se condemnava a si proprio como embriagado quando a offendeu, e tão embriagado que mal se lembrava se alguma das suas palavras era insultante. Attribuia a vinolencia á necessidade de se aturdir e distrahir de dissabores domesticos. Insistia muito

em convencel-a de que não estava nos seus costumes embriagar-se. E terminava dizendo-lhe adeus, o adeus das separações eternas, porque, não tendo ninguem que o amasse em Portugal, e não podendo ser padre sacrificado a seus paes, ia para o Brazil trabalhar como pobre, visto que seus pais se não consideravam obrigados a sustental-o.

Amalia não sentia pelas allucinações alcoolicas o horror que Tiburcio imaginava. A bebedeira, vitalismo normal na academia de Coimbra, se não dava fóros invejaveis de distincção aos ebrios, tambem lhes não deteriorava os appellidos.

Amalia conhecia as brilhantes auroras academicas de mais nome litterario e bôjo para vinho. Era então muito celebrado o systema hyperbolico de um gentilissimo rapaz, talento de primeira linha, que bebia *Bairrada* por uma redoma de um corpulento Menino-Jesus, e arrastava, pela calada da noite, a sua capa esfarpada na Ponte, invocando as nymphas do Mondego ou insultando-as obscenamente. Um titular que ainda hoje rejuvenesce nas mocidades do folhetim, punha a sua meza de pinho pintado na rua, e entre o compendio e o candieiro de latão esfumaçado tinha um alguidar de vinho que emborcava para poder engulir os commentarios do dr. Liz Teixeira. A phalange dourada dos bebedos ia alguma coisa para os discursos no Penedo da Saudade, em

noite de luar, quando não preferia a gymnastica de murro e espadeirada nos futricas. A academia era apenas philosophica para os cabulas abastados, matriculados em *philosophia;* de resto não havia mentalidades assaz orientadas que arrasoassem contra as bebedeiras. As familias mais honestas de Coimbra nunca fecharam as suas portas ao academico portador sincero da sua indigestão de *Lavradio* ou *Porto*. D. Amalia poderia regeitar um noivo que vomitasse trechos lyricos e vinho com lampreia na sua presença; mas isso não era rancor, nem dignidade ferida, — era hygiene.

Como quer que fosse, o bilhete de Tiburcio commoveu-a pela humildade, e pelo adeus da separação eterna a que era obrigado o pobre môço, que os paes queriam sacrificar á vida sacerdotal, á reles missão de confessar na Gandarella decrepitas peccadoras, cheias de escrupulos e arrôtos de alho.

Respondeu ao bilhete brandamente magoada pelos ares joviaes, em tom de galhofa, com que elle fallara dos namoros das suas irmãs, que não tinham nodoa na sua reputação; — que ella se considerara offendida e escarnecida. Intendera não poder continuar taes relações por brincadeira. Que em vista da sua carta, se fosse rica, pedia-lhe que não sahisse para o Brazil; mas como era pobre, não podia estorvar o seu destino. — Uma

carta de muito juizo. Na embriaguez não fallou por ser um logar-commum.

No dia em que recebeu a amavel resposta, Tiburcio, á hora do costume, passou á porta de Amalia que o esperava. Trocaram um sorriso melancolico de reconciliação e despedida. Ella tinha olhos de quem chorou.

O projecto do Brazil não offerecia grande consistencia. Aos dezenove annos, um sorriso de mulher espelhado n'uma alma intelligente, deslumbra as miragens rutilantes da rua do Ouvidor. O aspecto austéro da dignidade tambem se amenisa e dulcifica, — se era dignidade o estimulo que impulsionava Tiburcio para o rude tirocinio das notas brazileiras. Enraisou-se talvez fulminantemente no seio do rapaz um amor serio, quando se lhe antepozeram os panoramas agros da vida, — o sacerdocio como condição para seus paes, aliás ricos, lhe fornecerem o alimento e o vestido. Entrou a pensar como arranjaria a empregar-se e casar-se com Amalia, e ir vivendo em ditosa e reputada mediania até que Deus lhe chamasse á sua divina presença os paes, condição indispensavel para o formal de partilhas. Começava a operar-se o *vulgarissimo parricidio mental* de que falla Balzac. O primeiro expediente que lhe occorreu na noite da vigilia, começou logo por ser um delirio: imaginou fazer-se homem de letras.

Sentia-se com estylo já experimentado, liam-lhe os versos com applauso, já tinha escripto algumas objurgatorias d'uma mordacidade canina contra os Cabraes, traduzira uma *Lenda* de Victor Hugo e duas *Canções* de Beranger, e anavalhára com o ridiculo umas poesias-charadas de D. João de Azevedo e de José Borges, de Infias.

Taes eram os seus documentos para concorrer ao logar fantastico de homem de letras n'esta ilha Barataria. Pensou em fundar um jornal ameno, de prosas e versos, no Porto! Iria ajoelhar-se aos pés da mãe, e pedir-lhe vinte moedas para fundar a empreza. Depois, teve um segundo e peor delirio. Sonhou que, publicado o prospecto, se abriam as cataratas do ceu e a Providencia por entre trovoadas e coriscos de gloria lhe chovia saraivadas de assignaturas para o seu semanario.

Communicou á mulher querida a sua allucinação, n'um estylo cinzelado com muitos arabêscos, como se já estivesse no escriptorio da redacção a deitar perolas aos assignantes. Depois, partiu para a Rapozeira a intender-se com o vigario, seu tio materno, para combinarem o modo de elle fallar á mãe, a occultas do pae e do irmão que o hostilisava.

Amalia não cedia ligeiramente a chimeras. Nem os homens nem as illusorias perspectivas da vida a enganavam. Creada e educada em estreiteza de recursos, affeita ás severidades da fortuna

esquiva de seu pai, não sentia as ambições que se repastam em pradarias de esperanças e põe fantasmagorias onde está a realidade ferrea e inflexivel, contra a qual se quebraram os pulsos do fidalgo Rozendo de Queiroz, em um combate de trinta annos.

E depois, sendo Coimbra o confluente da mocidade em que a fantasia dá mais ala ao pensamento, não ha terra em que menos se aclimem as chimeras,—estas andorinhas primaveris. A alma do estudante caloiro, em oito dias da rua da Sophia e Calçada, e algumas ceias no Paço do Conde d'aquelle tempo, ficava-lhe devastada como a algibeira no dia 15. As mulheres de Coimbra tem parte d'aquella atmosphera saturada do cerebro das gerações que desde D. Diniz ali deixaram a sua mocidade — turbulenta ou casmurra, em troca de umas cartas de bacharel.

Não ha em Portugal mais tristes, mais canhêstras, mais despcetisadas senhoras que as de Coimbra. Todas aquellas physionomias argilosamente duras que recebem a viração balsamica do jardim botanico como estatuas de pedra de Ançan, parece que tem na cara a mathematica, e no coração aquillo simplesmente que a anatomia lhe attribue. Não distinguem um poeta de um theologo. Almas formadas de luar e trilos de rouxinol, ou individuos que fizeram a sua encerebração na brôa e nos farinhaceos provinciaes,

são para ellas duas coisas identicas ensacadas em umas batinas semelhantes. Ali não ha illusões, esperanças desvanecidas senão as das loterias. Não ha quem illuda cegamente, generosamente crente, nem quem se deixe illudir. São comteanas, littreistas *ab ovo* aquellas senhoras que pareceriam aboboras-meninas mechanicas, se não estivessem cheias de juizo e positivismo. Não consta que ahi houvesse uma paixão desastrosa, — uma mulher que resvalasse aos braços d'um amante pela rampa madrigalêsca de um soneto. Vem de longe o positivismo. Sá de Miranda cantou e chorou copiosamente a *Delia*, e Antonio Ferreira a *Serra*. Ambos logrados. A primeira não acreditou que o filho do conego Gonçalo chegasse a commendador; a outra nunca imaginou que o seu infatigavel soneteiro chegaria a desembargador do civel. Por ter ali nascido e assimilado aquelles ares epidemicos é que Amalia de Queiroz não compartiu das chimeras de Tiburcio quanto ás prosperidades jornalisticas. E está sobejamente explicado o sensato disparate d'ella mostrar a carta do rapaz ao tio João.

O padre leu a carta, releu-a como quem se esforçava por não sentenciar sem perceber o difficil articulado; fechou-a vagarosamente, embainhou os oculos de grossa prata n'um estôjo de pau com fechadura d'aço, e, feita uma grande pausa meditabunda, disse:

— O tal sujeito é tolo; e, tu se não és tambem tôla, manda-o pentear macacos. Com que então, o criançola, que ainda não fez latim nem logica, vai fundar uma gazeta no Porto, para com os lucros da sua sciencia sustentar uma familia! Elle deve saber, visto que é sabio, que os melhores poetas de Portugal, mais por aqui, mais por ali, mendigaram; mas os que eram pobres tiveram o bom juizo de não cazarem. Camões, Bocage, Tolentino, etc., etc., morreram solteiros. Elle deve saber que ha por esse Portugal sabios velhos que estudam ha meio seculo, e vivem miseravelmente como o Monteiro da Rocha, e o José Liberato e o Martins Basto e centenares d'elles. E cuida o estudantinho que a nação portugueza vai abrir uma excepção em obsequio á sua sabedoria! Se elle não fosse tão creança, chamava-lhe asno. Seja-o embora; mas, se não quer ser tambem um máo homem, que te deixe em paz. Disse.

Amalia retirou-se lagrimosa, mas sem algum gesto de impaciencia.

O padre João tinha já escripto á mana Apollinaria que viesse buscar a filha quanto antes, e lhe trouxesse alguma das sobrinhas. Acrescentava que a Amalia lhe não dera algum desgosto serio, mas que era preciso retiral-a de Braga para ella não ter que soffrer nem mortificar os seus parentes, e que ella mesma desejava retirar-se.

VII

Entretanto, expunha Tiburcio ao tio da Raposeira os seus planos com arrebatada eloquencia; mostrava lhe as suas philippicas impressas contra os Cabraes, um artigo longo e inedito intitulado *O Seculo das luses e Portugal tenebroso,* varios cabeçalhos de romances, etc. O vigario estava pasmado e jubilava vaidosamente.

— Tu podes ir longe — dizia. Pena é que não te ordenes, porque podias ser um segundo José Agostinho de Macedo.

É claro que elle não intendera o sobrinho ou nunca lêra o frade. Tiburcio é que formava do tio, com a maior equidade, um conceito benemerito da sua ignorancia, não obstante conhecer-lhe o axioma, talvez plagiado: *O 6.º mandamento é o escôlho do genero humano.* Não deixou mais nada, na corrente das idéas, o vigario da Raposeira, e esse pouco deve-se a elle ter naufragado varias vezes no citado escôlho.

Depois da leitura, e ainda no calor do enthusiasmo communicado ao tio, Tiburcio passou bruscamente á especialidade do dinheiro. Mudou o vigario de cara, como se tivesse duas, e assim que o palavroso litterato lhe deu uma aberta, disse compungidamente:

—Não podias vir em peor occasião, Tiburcio! Tenho 4 pintos de meu. O milho não dá mais de cruzado. O vinho está a pinto o almude. Perdi nos bezerros seis moedas, e a egua russa que me dava na feira do S. Miguel 16 moedas, vendi-a agora com uns alifafes por 12$000 reis.

Uma cadeia de desgraças em que a mais cara tinha sido pagar a passagem de dois filhos para o Brazil. E não mentira, senão na quantia que lhe restava que eram umas 20 peças que houvera da piedade d'uma confessada, e que elle reservava prudentemente para a passagem de mais dois rapazitos que andavam na escola.

Tiburcio tranquillisou-o: que não viera pe-

dir-lhe dinheiro, mas sim que mandasse chamar, a mãe, com qualquer pretexto, porque tinha esperanças de o obter.

A tia Jeronyma, ao receber no dia seguinte o recado do irmão, palpitou-lhe que ia vêr o seu querido Tiburcio. O marido e o filho iam á feira dos 13 no outro dia. Não tinha que dar satisfações então. Pegou n'um pé de meia onde tinha doze pintos, e atirou-se com o desempeno de velha mãe, remoçada pelo amor maternal, para cima da egua.

Chorou muito abafada, com a face no pescoço de Tiburcio. Elle contou-lhe em termos chãos as suas esperanças e as suas necessidades: que ou havia de ir para o Brazil ou occupar-se n'outro modo de vida que se lhe offerecia no Porto. Como elle balbuciasse em explicar o modo de vida por que decerto a mãe o não perceberia, perguntou ella que modo de vida era.

O padre illustrou a irmã dizendo-lhe que ia fazer d'isto que se chama folhas. Por *folhas,* intendeu ella se o filho iria ser latoeiro, e ficou banzada, e quasi a choramingar. — Entendes Jeronyma? — perguntou o irmão — *Folhas* é isto de gazetas onde vem noticias do que se passa em toda a nação. Hasde ter visto o prior a lêr as gazetas. Pois é isso.

Ella não sabia o que era; mas tinha o queixo inferior descahido como se estivesse á coca de uma idéa. Chegou a desconfiar que o filho iria

fazer *Reportorios*. Tiburcio, proseguindo, affirmou que podia ganhar um rôr de contos, mas precisava já de vinte moedas para começar o seu modo de vida, ou embarcar. A mãe jurou pelas dores de Maria Sanctissima que não tinha mais que 12 pintos de seu; mas dava-lhe licença de vender o annel de brilhantes que lhe emprestára, visto que a necessidade era tamanha, e que a alma de sua mãe lhe perdoasse.

Tiburcio, não obstante a gravidade pathetica do lance, custou-lhe a suster o riso. Pintou-se-lhe na memoria a Pêga da rua das Conegas, uma manhã, agarrada ao capote do Fistula, berrando á porta da Sé que elle lhe roubára 15 pintos sobre um annel de pedras falsas que valia tres tostões. O José Macario arengava solemnemente ao povo apinhado que aquella mulher ou se enganava ou estava douda, por que nunca a tinha visto em dias de vida. A Pêga teimava que era elle o ladrão, que por signal se chamava o *Zé Fistula;* e os garotos e as peixeiras, em grande hilaridade, por que tinham raiva á usuraria, gritavam estridentemente: «O' Pêga, larga o Fistula!» e elle podéra evadir-se para as Travessas, deixando a onzeneira entre as mãos dos garotos que lhe puxavam pela côca da mantilha. Tiburcio, que presenceara o conflicto, viu todo este scenario em quanto a mãe lhe fazia magnanima cedencia do annel com permissão da defunta avó.

— A minha boa mãe está enganada — observou Tiburcio. — O annel é de pedras falsas sem algum valor. Eu quiz empenhal-o em uma hora de afflicção, e disseram-me os ourives que não valia nada.

A espavorida mãe jurou ainda pelas dores de Maria Sanctissima que o annel valia 40 moedas de ouro, e o reitor confirmou o juramento asseverando que n'essa quantia fôra avaliado em Guimarães para partilhas. E acrescentou: — o teu filho mais velho levava-o no dedo quando ia ás romarias. Queira Deus que elle não vendesse os brilhantes e lhe mandasse incravar pedras falsas...

— Pois seria isso, seria — disse reportadamente a velha — Bemdito seja Deus, fui bem desgraçada com os filhos... Em fim, paciencia. Eu tenho ainda por lá uns cordõesinhos e uns anneis de ouro e duas vacas ao ganho. Sempre se arranjarão as vinte moedas. Empresta-m'as tu, Manoel, que eu t'as darei em duas metades por todo o mez que vem, e dá o dinheiro ao nosso Tiburcio.

O vigario prometteu ir pedir as vinte moedas emprestadas ao brazileiro da Lameira. Tiburcio beijou muito commovido as mãos da mãe, e acompanhou-a até meio caminho, olhando com saudade para os montes e matagaes onde passara a infancia. Depois recebeu as vinte moedas, e partiu para Braga n'um desapoderado galope, n'uma

alegria de quem para todo o sempre assentou e definiu a sua brilhante posição. Aquellas vinte moedas iam ser como os peixes da lenda christã multiplicados pelo milagre do talento. Aquelle ouro atirado ao vesuvio do seu genio sahiria refundido em palacios, recamados de riquezas, entre as quaes levantaria o altar de Amalia. O' mocidade!... O' formoso portico do inferno da experiencia!

VIII

NICLES! — disse o Fistula, tirando com o raspar da unha do dedo grande um estalo sêco dos dois dentes incisivos muito tartarisados do cigarro.

— Então que é?! perguntou Tiburcio alvoroçado, quando chegou a Braga.

— Que se raspára para Coimbra havia duas horas a Amalia; que a viera buscar a mãe; mas que a aguadeira já o tinha ido procurar, e deixára dito no quartel que lhe fosse fallar onde sabia.

A aguadeira tinha uma carta de Amalia, triste, apaixonadissima. Contava a lealdade do seu procedimento com o tio João, mostrando-lhe a carta do seu Tiburcio para que elle formasse idea das suas honestas intenções. Referiu, pouco mais ou menos, os espantos que o padre fizera e a historia dos poetas mendicantes que não cazaram por não terem modo de vida. Que, sem ella perceber, mandára vir a mãe para a levar para Coimbra sem demora; e lhe escrevia a carta, momentos antes de partir, sem vêr com as lagrimas o que escrevia. Seguiam-se as sinceras angustias da saudade, e as supplicas de que a não esquecesse até um dia merecerem a Deus a felicidade de se unirem n'esta vida ou na outra.

— Olha que bucha! — disse o José Macario — E agora que fazes?

— Vou-me formar — respondeu tranquillamente Tiburcio.

— E d'isto? — tornou o Fistula rossando a cabeça do dedo indicador na do polex — Quem abona o arame? as mezadas?

— A providencia.

— Eu p'ra isto de mezadas — observou o Macario — antes queria o major Mathias que a providencia.

No dia seguinte, partiu para Coimbra o Tiburcio com a sua bagagem e as vinte moedas sal-

vas das fauces da typographia e da fabrica da Abelheira. A sociedade portugueza, como não desmastreada no oceano aparcellado da ignorancia, estava condemnada a não vêr a luz do projectado farol do filho da Gandarella.

Era no meado de março. Tiburcio ia resolvido a encerrar-se, a estudar noite e dia, para fazer todos os preparatorios. N'aquelle tempo era facil a empreitada. Elle era soffrivel latino, adivinhava a logica, e sabia francez melhor que os professores de Coimbra. O exame de geometria custava 12$000 reis em metal. O resto, a geographia do dr. Bernardino Carneiro e a Rhetorica do padre Cardoso e a Historia do Doria requeriam apenas alguma paciencia, uma docil ignorancia e muito boa fé. Alugou um quarto por poucos tostões mensaes; comia das *latas* da Thereza Fortunata que dava jantar e ceia por seis vintens, alimento parco e porco, mas não indigesto nem irritante de especiarias. Não almoçava, nem bebia vinho. Como se operou esta subitanea transformação? O doutor Wigan, citado por Maudsley, diz que mudara a condição de um rapaz, applicando-lhe sanguesugas ao nariz. Pois ninguem se persuada que Tiburcio passasse pela cruenta prova da sangria nazal. A sciencia nova carece d'estes expedientes de doutor Sangrado para explicar taes reformas por modalidades organicas; mas os velhos metaphysicos explicavam estas mudanças ra-

dicaes na condição do individuo com a palavra *mulher*, e tinham para tudo que era extraordinario o moderno *cherchez la femme*.

Mobilou-se com desoito tostões, e vestiu-se academicamente com 2$400, fora os sapatos e as meias de laia. Pelo remendado da estafada batina e farrapagem da capa dava ares de quintanista excrementicio.

Amalia, quando o reconheceu a subir a rua das Fangas, deu um grito de jubilo. E quando elle lhe explicou que estava ali para se formar e *ter um modo de vida,* para não desagradar a seu tio padre, amou-o quanto poderia amal-o uma mulher de mais delicados sentimentos. Elle, depois, fechou-se na sua trapeira, com os livros das aulas, n'uma applicação violenta, insensivel ás troças quando ia aos leccionistas que o consideravam, pelo trajar, um desvalido luctador do talento com a pobreza. Amalia via-o passar e escrevia-lhe. O tio da Rapozeira contou em outubro a João Pimenta que o Tiburcio fizera todos os seus exames, e já estava no primeiro anno de doutor em leis. Perguntou o lavrador quem lhe dava de comer. O cunhado, afim de lhe tocar o coração, respondeu que alguns estudantes se tinham formado com esmolas. Não adivinhára bem. Tiburcio, que as não sabia pedir, começava a sentir a fome. Aconselharam-lhe que fizesse *sebentas* no primeiro anno, e elle viu a salvação n'esse expediente.

O João Pimenta, abalado e corrido, foi dizer á mulher que o filho vivia de esmolas; começou a falla a tremer-lhe, seccou-se-lhe a lingua; veio-lhe uma grande comichão á cabeça, e desatou a soluçar, o velho. A mãe, essa então fazia chorar as pedras. — Que Deus a levasse d'este mundo depressa! O seu filho a pedir esmola, tendo tanto de seu, porque metade dos bens havia de ser d'elle!... Que em dias de sua vida nunca mais sahiria de casa senão á missa d'outra freguezia. Que o vigario havia de saber que o Tiburcio andava ás esmolas. O que lá não iria de satisfação pela desgraça do filho da sua alma... — Afinal começou a dar ais, que se iam aguçando até ao grito, com grandes ancias, a rasgar o jaqué de picotilho, a escabujar deitada sobre uns saccos cheios de milho, e acabou por escumar com a boca entortada e a revirar os olhos até que perdeu os sentidos. Era atreita a estes insultos que o Viegas chamava hysterismo, e o reitor divulgava que os ataques eram ramos de estupor — que a levasse o diabo, que fôra ella que não deixára casar o Tiburcio com a sua desgraçada sobrinha.

O primeiro annista de direito começou a receber a mezada que o pai lhe mandava. O cunhado, reitor da Rapozeira, com tanto que não lhe pedissem dinheiro, dava excellentes coisas que tinha na alma — conselhos, trechos de moral de auctores acreditados. Foi elle o impulsor

das liberalidades do marido de sua irmã, envaidecendo-o com a paternidade de um doutor que Deus sabe onde iria com os seus grandes estudos, e repetia que o Tiburcio, se se ordenasse, poderia ser um segundo José Agostinho; mas, como doutor em leis, poderia chegar a ser juiz ou mais. Ponto era que elle se arredasse do femeaço, porque o escôlho do genero humano era o 6.º Mandamento.

O academico, restituido á estima do pai, abriu mão das *sebentas,* e, despreoccupado quanto a meios, começou a estudar para premio. O seu affecto á menina, promotora indirecta da felicidade que lhe dava um viver correcto e exemplar, não esfriou; mas o amor entrava como episodio de remanso nas suas fadigas litterarias. Trocavam cartas e phrases da rua para a janella; entretinham-se monotonamente em perspectivas das alegrias matrimoniaes; parece, porém, que a Jurisprudencia ataviada das louçanias vaidosas do premio rivalisava com Amalia. Ella notava-lhe certa gravidade morna no phraseado das cartas, e uns ares doutoraes nos dizeres de viva voz. Andava descontente a filha do bedél, mas sem queixumes piegas. Doia-se que elle não apressasse o casamento, quando em Braga o seu sonho de oiro era fundar o jornal e casarem-se logo. Uma vez que lh'o deu a entender melindrosamente, o academico respondeu, com muito bom senso, que

a sua mezada era sufficiente para um rapaz, mas insufficientissima para um marido; que tinha conhecido a pobreza, e até a fome, nos ultimos dois mezes, e achára muito difficil conciliar o estudo com a miseria; mas que vencera, fortalecido pela esperança de chegar á independencia, sem a qual não casaria com a sua querida Amalia. Que essa independencia ainda estava longe, e por isso não cumpria ainda o seu mais ardente voto, que primeiro fôra amor impetuoso, e agora era tambem gratidão reflectida, porque lhe devia a ella a mudança de costumes, e a carreira a que o levara a paixão e desespero de não poder aspirar á sua mão *sem ter um modo de vida*. Tiburcio não se esquecia, bastante despeitado, d'aquella phrase do padre João Evangelista, inconvenientemente relatada pela sobrinha. Dizer a um poeta que elle *não tem modo de vida* é uma injuria que só tem despique á ponta de navalha de mola. Muito reportado era o bardo da Gandarella que, lendo a phrase do padre João, nem sequer lhe chamou *bêsta*, podendo afogal-o em um diluvio de insultos e sarcasmos como fizera aos Cabraes nas seis famosas objurgatorias. Mas nunca se lhe olvidava a chacota do confessor herdeiro das Moitas das Conegas á sua pobreza peorada pelos generosos arrojos do talento que pretendia uma mulher tão pobre como elle, — como se o genio não fosse uma riqueza! Parece que ainda não estava com-

pletamente curado pela experiencia da fome e pela solidão da trapeira. É que o premio no 1.º anno e a admiração dos condiscipulos lhe tinham assoprado a vaidade das suas distincções, incutindo-lhe a convicção do seu extraordinario merecimento e aquella fé arrogante e atrevida que faz os grandes homens—uma raça de gigantes que os modernos pygmeus tratam de anniquillar com a gargalhada da inveja, chamando-lhes *intrujões*.

As ferias do primeiro anno passou-as na casa paterna, onde foi recebido amoravelmente. A sobrinha do prior, victima das denuncias de Joanna Gaitas, fôra para o convento da Conceição em Braga como menina do côro. Estava a virginalisar-se. Rezava de parceria com quatro freiras muito fanhosas os psalmos de David, e recebia do cofre do mosteiro uns quatro vintens por dia para deturpar o latim no côro com uma barbaridade ostrogoda. De resto, andava contente, por que pegára namoro serio com o carpinteiro da casa, filho de um mestre de obras abastado, e afilhado da prelada. Por este lado, Tiburcio não tinha que recear encontros com ella, nem semsaborias com o tio. Durante as ferias, tambem Amalia foi a Braga visitar o padre João, a quem contou o seguimento dos seus innocentes amores com o academico. O moralista, lendo a carta circumspecta com que Tiburcio espaçava o casamento, achou-a muito bem pensada.

— Sim, snr. isto é assim. Pensa muito bem. Agora gosto d'elle, e já cá vi nas folhas que foi premiado. Que se forme, abra escriptorio de advogado, e depois casem, que não lhes hade faltar tempo de se aborrecerem.

Amalia com espanto:

— Aborrecerem!

Que sim, que lh'o dizia elle, confessor trinta annos de mulheres casadas, de consciencias que se abriam com todas as suas dôres e miserias deante de Deus. Que apenas encontrara nas familias pobres uma apparente felicidade conjugal, porque o trabalho e as canceiras não cediam o passo aos infados, aos ciumes e aos vicios da vida folgada e ociosa.

— E a minha mãe e o meu pai sempre tão amigos... — atalhou Amalia.

— Amigos, sim, muito amigos, mas com amarguras a que ambos se podiam ter poupado, se não se ligassem pobres, quando eu era tão pobre como elles. Eu não te digo que não cases com o Tiburcio, Amalia; não t'o levo a mal, porque este rapaz merece-te; mudou de vida por amor de ti, e talvez sejas tu quem o fez homem de bem; mas não te apresses, é o que eu te quero dizer. Casem, quando não recearem que a falta dos meios venha aggravar as impaciencias que trazem os filhos.

— Quatro annos, santo Deus! Pode um de nós morrer...

— Até ambos — concluiu o tio, sorrindo — Se morrer um, não fica o outro a chorar a sua viuvez. Até acho bom que esperem a vêr se vingam ambos — e dava umas casquinadas de bondade patusca; — que elle tinha um bom peculio de pilherias sans, muito gratas ás freiras dos Remedios e ás velhas fidalgas que o achavam espirituoso infinitamente.

IX

Os seus collegas e condiscipulos, dous ou tres que ainda viviam, contavam, mysteriosamente, por honra da classe, um episodio da mocidade do padre João Evangelista, que o não desdouraria no conceito de uma sociedade desfanatisada.

Quando elle tinha ordens de diacono, appareceu em Braga uma franceza que se dizia viuva de um official, mr. Ricord, morto pelas guerrilhas minhotas em Carvalho d'Este, no tempo da invasão. A viuva foi recolhida em Braga por uma familia compadecida. Era formosissima e te-

ria vinte annos. O diacono João Evangelista, ainda parente da familia que recolhera madame Ricord, allucinou-se loucamente pela hospeda, e ia todas as terças-feiras ao mosteiro de Tibães estudar a lingua franceza com o monge fr. Francisco de S. Luiz para poder ajuntar a palavra aos gestos mudos da sua paixão; do mesmo passo que a estrangeira, com menos esforço, aprendia a lingua portugueza para entender o estudante. Diziam que elle era então um galantissimo rapaz, d'uma alvura alabastrina e cabellos louros encaracolados. Madame Ricord não se escondia para lhe significar com indiscretos olhares que muito desejava substituil-o ao seu defunto de Carvalho d'Este. A sua familia de França, a mãe que vivia em Marseille, enviara-lhe por intermedio do governo ordens e abundante dinheiro para se retirar; mas ella recebeu o dinheiro e não foi. A familia hospedeira levou a mal a recusa, e considerou-a muito leviana e desvairada com o diacono.

A franceza despediu-se briosamente da casa, e alugou uma vivenda campestre na pedregosa avenida do Bom Jesus. Por esse tempo João Evangelista desapparecera de Braga. Uns diziam que elle estava de mancebia com madame Ricord, outros asseveravam que estava em Traz-os-Montes recolhendo a herança importante d'um abbade de Lobrigos, seu tio. Ambas as affirmativas eram exactas. Herdara 15:000 cruzados do tio; mas

quando os foi receber ia com elle a franceza, a quem elle chamava sua irmã. Dissabores não lhe faltaram com o parentesco, porque houve em Amarante um provinciano fidalgo e rapaz estroina, coronel de milicias, que quiz á força ser cunhado do João Evangelista, e projectou um rapto á mão armada. Recebida a herança, o diacono voltando com a franceza á vivenda do Bom Jesus, foi intimado para se apresentar ao arcebispo. Horas depois da intimação, fugiram para Hespanha, onde mudaram de nome e parentesco. Eram dois conjuges viajantes, com muito dinheiro e a alegria correspondente.

Percorreram o melhor da Italia. Madame Ricord desviava-o de França com boas razões — receiava encontrar gente conhecida a quem não podesse apresentar o amante como esposo. João Evangelista não duvidava apostatar da religião catholica para cazar com ella. Madame não achava o casamento necessario á sua felicidade, e citava auctores, o Desmoutiers :

Qui sait trouver la paix du cœur
Au sein de la foi conjugale,
Passe pour être possesseur
De la pierre philosophale.

Ella gostára muito de Veneza. Tinham uma gondola. Os 15:000 cruzados do abbade de Lobrigos, desde que sahiram da burra abbacial, rolaram

por muitas terras e fundiram-se em costumes novos. Se nunca o mitrado pastor das ricas ovelhas do paiz vinhateiro se lembraria que o seu ouro andaria gondolando por debaixo da Ponte dos Suspiros! — as suas peças de duas caras por ali desfeitas em roupa de francezas!

Este poema lyrico durou trez annos. Vê-se que dispendiam com certo governo, economicamente. Madame Ricord não tinha fortes exigencias. Gastava o mais dos dias e das noites em leituras de poetas italianos. Dizia ella ao amante: «Se minha mãe morrer antes de se acabar o teu dinheiro, seremos ricos, porque minha mãe é riquissima: heide receber 200:000 francos; mas, se ella sobreviver ao dinheiro que temos, faz-se a gondola ao Lido, vamos como em o nosso esquife, e lá atira-se a gente abraçados á sepultura das ondas.» O diacono dizia que sim; mas lembrava-se com remorso e saudade de uma desvalida irmã que tinha em Mesão-frio, na terra onde nascera de pais pobres.

Ao fecharem-se os idylicos trez annos, madame Ricord, estando á janella do seu hotel na Praça de S. Marcos, retrahiu-se de impeto dando um grito, reclinou-se em uma othomana, e depois de um grande tremor glacial, sem poder queixar-se, chorou torrentes de lagrimas, e abraçando-se vertiginosamente ao pescoço do portuguez dizia-lhe por entre soluços: «Fujamos, fujamos, que nos se-

param para sempre.» — Que lhe dissesse o que era? porque haviam de fugir? Que sim — estava prompto a fugir, mas que lhe dissesse por compaixão a quem fugiam. Ella sacudia freneticamente a cabeça e os braços; mas não respondia, senão «fujamos!»

João Evangelista foi providenciar para a sahida por terra, demorou-se uma hora, e quando voltou, madame Ricord tinha sahido, como se achava vestida, porque todas as suas malas e bocetas ali estavam, excepto um veo hespanhol seu adorno predilecto. No hotel disseram-lhe que ella fôra acompanhada por officiaes de justiça.

João Evangelista sahiu sem destino em ancias e gestos de louco. Parou á porta dos tribunaes que conhecia; mas não sabia que perguntar nem a quem. Voltou ao hotel. A mesma terrivel immobilidade na sua situação. Esperou até á noute, e considerou-se trahido. Pensou no suicidio, e entregou-se á misericordia divina com as puras crenças que levára de Mesão-frio. Pediu á Virgem Maria que lhe valesse, que lhe acudisse, que lhe trouxesse ali, sã, salva e immaculada a sua querida Julia.

Durante a noite ia e vinha até que se fecharam as portas do hotel. Viu alvorecer a manhã; sentou-se nos degraos de S. Marcos quando já não podia com o supplicio do seu inferno. Teve um instante de lethargia de que dispertou convulso

de frio, com uns vagados que o não deixavam erguer-se. Passavam uns operarios ao aclarar da manhã, e disseram; «olha aquelle bebedo!» Elle disse que não era bebedo — que era um doente, e pediu que o ajudassem a recolher-se, mostrando a casa. Bateram á porta, prostraram-o no leito, e perguntavam-lhe se queria os sacramentos. Não respondeu.

O dono do hotel assistiu-lhe com muita caridade e bastante curioso em querer saber o destino de madame Braga. Ella era assim conhecida desde que entraram em Hespanha.

No intervalo dos accessos febris, João Evangelista, n'um chorar de criança, contou o que se passara e não escondeu os precedentes da sua união com a franceza. O veneziano sahiu. Conhecia as veredas por onde podia alcançar o mysterio. Teve meios de se apresentar ao ministro de França, e colheu abundantes noticias. Em resumo:

O official que os portuguezes mataram no Carvalho d'Este, mr. Ricord, não era marido da franceza. O marido era armador de Marseille que ella abandonara para fugir com o official expedicionario de Hespanha. O armador amava a mulher até á extremidade de a procurar trez annos. Quando a sogra lhe disse que ella estava em Braga, veio a Portugal, dias depois que ella tinha sahido. Soube que estivera em Hespanha; mas perdeu-lhe a pista. Baldadas as esperanças, foi

chorar com a sogra que tambem enviara espiões na piugada da filha. Estiveram em Veneza; mas, como usava pseudonymos e sahia pouco do seu gabinete, nunca a viram. Afinal, um official do Loison amigo de Ricord conheceu-a, e divulgou em Marseille que a encontrára. O marido, na covardia da sua paixão ignobil, não ousava apresentar-se-lhe sósinho a reclamar seus direitos. Pediu á sogra que o acompanhasse a Veneza. Esposo e mãe apresentaram-se ao consul de França que passou a ordem de prisão, uma hora depois que ella vira passar o marido em frente da sua janella, encarando-a fixamente.

Quem ella viu primeiro na legação foi a mãe que a ungiu com lagrimas. Era a sua unica filha. Julia recebeu glacialmente as caricias; e, como quer que a mãe se queixasse da sua frieza, respondeu: «os cadaveres são frios». O consul interveio com um discurso apropositado. Julia não levantou os olhos do pavimento onde aquellas moralidades cahiam perdidas. Dado um certo signal, entrou o marido. A franceza fez um gesto de asco repellente, e quando elle começou a fallar, impoz-lhe silencio e disse á mãe: «O que este homem quer é os 200:000 francos que eu tenho a herdar de minha mãe. Dê-lh'os e que me deixe». O armador irrompeu do seio da sua serena bondade e chamou-lhe infame. — «Por ter sido sua... mulher» disse ella.

A reconciliação era impossivel, e a missão do diplomata estava esgotada: não podia ir mais adiante. A velha mãe de Julia perdeu os sentidos, lançando-se nos braços da filha. O consul appellou para a piedade filial; foi sublime, dizendo-lhe que resuscitaria com o calor do seu coração o cadaver da mãe martyr que ali viera santamente pedir-lhe a perdida honra da sua familia. — Pois sim, disse Julia; minha mãe, ouça! minha mãe, eu vou comsigo... Vamos esconder no nosso jazigo a deshonra da nossa familia!—E com um gesto de cabeça, apontado ao marido, accrescentou: —Mas, se este homem, com quem me casaram aos treze annos, sahir de Veneza comigo, suicido-me.

O ministro chamou de parte o estarrecido armador, muito suarento, com um vermelhão apoplectico, e convenceu-o a retirar-se e esperar a mudança operada pelo tempo.

Julia e a mãe ficaram hospedas do consul até se obter transporte. Ella pediu licença para escrever uma carta. Por equivoco do portador ou providencia do diplomata, a carta só foi entregue no hotel, momentos depois que João Evangelista ouvira o substancial d'esta narrativa. O conteudo d'esse papel é um segredo que nunca os labios do padre relataram. Elle voltou para Portugal, recolheu-se ao convento da Falperra; e, quando d'ahi sahiu para a companhia de sua irmã, passa-

dos tres annos, era presbytero e missionava edificantemente no Minho. Não se falla em penitencias d'este peccador. Uns propalavam simplesmente que era bom, outros que era estupido, inculcando que estavam na presença de Deus as almas das Moitas, de quem ficára herdeiro; havia quem o considerasse um hypocrita, e os mais sensatos diziam que era *um homem*.

Havia de ser isso. Era um homem.

X

TIBURCIO foi a Braga vêr Amalia. Ha nas vidas romanescas saudades absurdas. Elle sentiu-as da sua mocidade escalavrada, piccaresca, de alumno de logica e francez, quando ao passar pelas meias-portadas das bodegas lhe bafejava de dentro uma lufada quente de aromas de frigideiras e do tanino acre que se ouvia esguichar espumejante das torneiras das pipas. Defronte da estalagem dos *Dous amigos* parou a olhar para a porta surrada, esqualida de um ocre bezuntado da porcaria das mãos. Era a entrada da batota, um antro mephitico, onde elle perdera o dinheiro suado

na lavoira do pae, e se habituára a sentir cada dia um relaxamento, um desfalque de vergonha. Lembrou-lhe o José Macario e perguntou ao curador da estalagem, um sordido velho coixo, seu antigo parceiro na espelunca, o que era feito do Fistula. E o curador muito azedo, com gestos desabridos — que o levára um raio de diabos, que nunca mais pozera o olho n'esse grande caloteiro, desde que lá fôra empenhar um par de calças remendadas atraz, por um pinto, e que fôra uma grande espiga porque as calças deram só uma de dose. Que diz que deixára os estudos o diabo alma e diz que estava a boticario. Um ladrão! — accrescentou, e foi-se a coxear execrando o Fistula com uma ladainha de pragas obscenas.

Á hora aprasada, Tiburcio foi vêr Amalia que o esperava muito alvoroçada de jubilo, porque o tio padre lhe dissera:

— Consta-me que está em Braga o Tiburcio. Se elle te procurar, não lhe falles da janella, recebe-o na sala e mais a tua irmã Leonor, porque tenho desejo de o vêr. Esperem por mim para o chá.

— Estou aqui estou casada — disse Amalia, tomando entre as mãos as faces da irmã e beijando-a com alegria de creança. E, muito atarefadas, limpavam os moveis, as costas do canapé, uns tremós antigos de pau santo, com rendilhados de cobre; trepando ás cadeiras de sola, espa-

navam paineis de santos a oleo muito gretados, com caixilhos pretos a esfarelarem-se pelas luras do caruncho.

Entretanto, ora uma, ora outra iam á janella muito esfandegadas a vêr se Tiburcio apparecia; e umas que moravam defronte, as do escrivão Lampreia, acotovellavam-se e diziam: «olha os gallos doidos, vês? cuidam que Braga é Coimbra, as espalhafatonas! Se o padre conhecesse as pezetas que tem! Aquillo em Coimbra é que hão de pintar a manta c'os estudantes... — Olha! acudiu a outra — lá vem o Tiburcio...

Logo que o academico parou em frente da janella, disse-lhe Amalia que subisse. As Lampreias quando o viram entrar, disseram — Boa vai ella! Quem fosse agora avisar o padre João!

A mulher do sapateiro Leonardo, que estava á porta, olhou para as do escrivão, e benzendo-se por largo, de hombro a hombro e da cabeça á barriga, disse: — Em nome do padre e do filho e do espirito santo, não me faltava vêr mais nada, ó gentes!

Tiburcio entrára entre maravilhado e receioso. Amalia contou-lhe o caso. Que o tio mandára que o esperassem para o chá. A Leonor dava os parabens a ambos; que o tio João nunca permittiria tal, se não tivesse resolvido casal-os. Amalia repetia-lhe o que o tio dissera da carta a respeito do casamento sem recursos; que o elogiára

muito, e se mostrára contente por elle ser premiado.

Havia uma porta entre-aberta por onde Tiburcio via estantes de livros.

— A livraria do teu tio? — disse elle.

— Vem vêr, queres? — E levou-o ao escriptorio.

Em frente da meza, onde havia livros theologicos e breviarios, pendiam dois retratos a oleo, ao natural, meio corpo, uma pintura muito delicada, com um colorido palpitante de vida. Um, era de mulher pallida, de cabellos pretos, olhos morbidos, quasi cerrados pela languidez da palpebra e pela rede das grandes pestanas, com umas espessas arcadas ciliares. Trajava mantilha sevilhana que lhe cobria o corpete escuro sem algum adorno. O outro era um homem novo, sem barba, rosto mimosamente mulheril, cabelleira loura em anneis. Vestia uma desgraciosa casaca de gola alta, enchouriçada, e uma farta gravata branca, d'onde sahiam os bicos quebrados dos collarinhos. No peito da camisa enrocada tinha um grande alfinete de brilhantes, e na lapella da casaca uma flôr qualquer

— De quem são estes retratos? — perguntou Tiburcio.

N'este momento, subia o padre vagarosamente. As meninas e Tiburcio passaram á sala de visitas.

— Ah pernas, pernas! Já não podeis com os 67! — disse o cançado velho, quando Amalia ia descendo para lhe dar o braço. Tiburcio esperava-o no patamar, e foi convidado pelo padre a entrar primeiro.

— Não o tornei a vêr, snr. Tiburcio Pimenta — disse jovialmente o padre — desde que o ouvi ha cinco annos prégar um sermão em casa das Botelhas, aquellas boas creaturas que faziam sinceros votos por que o seu joven prégador saboreasse as delicias do martyrio, deixando-se devorar pelos anthropophagos. Como se não realisaram os piedosos desejos d'aquellas senhoras, está aqui o snr. Pimenta vivo e são, quanto sinceramente lhe desejamos todos. Leonor, dá-nos o chá, se não queres antes dar-me a mim o meu estupido caldo, e ao nosso hospede a elegante beberagem das boticas chinezas.

Depois d'este exordio, estavam todos, e principalmente o academico á vontade, desopprimido do acanhamento de uma apresentação melindrosa nas suas circumstancias especiaes de noivo.

Perguntou-lhe pelos seus estudos do primeiro anno. Conhecia o Arens e o direito natural do Ferrer. Questionava com o academico, tocando as correlações da theologia com as innovações das novas doutrinas do direito natural; entraram estafadoramente pelas charnecas da fatalidade, do livre arbitrio, da phrenelogia; mas o pre-

miado do 1.º anno ia cedendo delicadamente o terreno ao velho, que parecia tirar da caixa os axiomas com as pitadas. As meninas assistiam com um interesse esculptural áquellas controversias; repartiam mutuamente a sua admiração entre o noivo e o tio, manifestando-a com um silencio que seria uma somnolencia opiada, se um dos polemistas não fosse Tiburcio.

Depois do caldo e do chá, padre João levantou-se da sua cadeira de espaldas, e disse ao hospede que o seguisse ao escriptorio. Tiburcio, novamente interessado nos retratos, fixou o da mulher que, vista na penumbra do candieiro de quatro luzes, tinha realces novos, penetrantes, d'uma belleza tragica. As pupillas amortecidas davam uns lampejos de lagrimas que borbulham irreprimiveis; á fantasia do poeta figurou-se que as lagrimas derivavam até ás commissuras dos labios e ahi se cristalisavam em um sorriso de resignação.

— É uma boa pintura veneziana — disse o padre.

— Pintura ou retrato?

— Ambas as coisas. É um retrato.

— E aquelle bello homem?

— Outro retrato.

— De pessoas conhecidas?

— Foram. Morreram ha mais de quarenta annos.

— V. S.ª conheceu-os, talvez...

— Sim, conheci.

Tiburcio farejava o romance; mas as concisas respostas do examinador synodal, cheias de reticencias, punham-lhe pontos finaes na curiosidade romanesca.

O padre comprehendeu-o e disse-lhe:

— Quando eu morrer, tome conta d'estes retratos. Dou-lh'os. Se minha irmã Apollinaria viver, ella contará a historia dos retratos — ninguem mais a sabe; mas emquanto eu viver, não lh'o pergunte que é inutil. Sente-se.

Apoz uma intermissão de minutos visivelmente dolorosos, o decrepito amante de Julia proseguiu:

— Tenho provas de que o seu amor a minha sobrinha será duradouro, ou pelo menos que a amisade procederá do amor transitorio. Minha sobrinha é uma honesta rapariga, um genio alegre e serio, como convém á seriedade e ás alegrias da vida conjugal. Minha irmã tinha virtudes para repartir por oito filhos, e meu cunhado merece entrar no agiologio dos trabalhadores. Quando eu lhe peço que descance, porque póde descançar nos meus recursos, responde-me que já agora ha-de lidar até á morte, até á noite infinita do sepulcro. Li a sua carta em que recusou casar-se porque a sua mesada não permittia o tranquillo passadío de uma familia. Achei-lhe juizo. Minha pobre e ignorante sobrinha desconfiou que a sua recusa fosse des-

amor, e eu disse-lhe que era sensatez, um predicado muito mais raro e precioso que o amor. Ora, nós vamos vêr se podemos conciliar os effeitos do amor com os da prudencia. Estou muito velho, muito acabado, para pouca vida, e desejo casar as tres sobrinhas que ainda tenho solteiras. Os meus haveres vão ser repartidos por todas; e, recebendo Amalia a parte que lhe toca, os rendimentos do seu dote sobejam-lhe á sua subsistencia. Como foi ella a que me aturou mais annos, e desde menina por aqui vinha passar longas temporadas, irei para a sua companhia, pois que a minha idade me torna inutil no serviço sacerdotal. Se lhe convem ligar-se a Amalia e adoptar o tio d'ella, peça a seus pais para casar com minha sobrinha.

Tiburcio inclinou-se defronte do velho e beijou-lhe as mãos. O padre tocou uma campainha; entrou Amalia, e elle n'um tremulo de commoção:

— Amalia, aqui tens teu marido.

— O padre João entrou? — perguntava a mulher do sapateiro ás meninas Lampreias.

— Entrou.

— E estão lá ambos de dois em riba?

— Estão.

— Então ha cazorio!

— Pois elle — disse a Lampreia mãe — quando ha beatas que deixam 30:000 cruzados aos tios sempre ha quem queira as sobrinhas.

— É como diz! — concordou a do Leonardo — É o arame das Moitas! Aquellas croias...

XI

ASARAM em Braga e construiram o seu paraizo em Cellas. Padre João foi com elles, e repartiu o seu dinheiro pelas sobrinhas, reservando para si cautelosamente a independencia dos azares da sorte. Tiburcio Pimenta continuou os seus triumphos academicos, repartido entre os livros e os placidos contentamentos da familia. No transcurso dos quatro annos lectivos ia passar as ferias á Gandarella com a esposa; e o padre demorava por Braga onde tinha muitas amisades e alguns dinheiros a juro de 5 por cento nas casas aristocraticas.

A tia Jeronyma não sympathisava delirante-

mente com a nora, e Amalia não podia queixar-se de ser mal correspondida. A lavradora media com desconfiança o aprumo afidalgado da filha de Rosendo de Queiroz Coimbra. Esta, com a sua fina sensibilidade, achava muito aspera a congenial rudeza da mãe de Tiburcio. Mas, como se desviavam reciprocamente, não havia abalroamentos desagradaveis, choques.

Por esse tempo, andando Tiburcio e Amalia gozando a frescura da tarde n'um carvalhal, ouviram grandes risadas n'um quinchôso de passagem rente com a sebe da carvalheira. Aproximaram-se sem ser vistos. Eram a Joanna Gaitas e mais a Eufemia Troncha que vinha de S. Thiago da Faya onde vivia com o abbade, depois do casamento de Felicia. As duas conheciam-se do Porto. Quando a Troncha estava com o 2.º sargento Crispim da Municipal, a Gaitas era amante do musico dos pratos do mesmo corpo, um seu parente que tinha sido da banda musical da Gandarella, e a levára para a cidade. Faziam merendas de cabeça de pescada com farinha de páo, que era o petisco do brazileiro, do defuncto Silva Guimarães, em cuja herança o Crispim entrára fortemente. Depois, quando se encontravam nas romarias, beijocavam-se muito, davam-se sapatadas nos reciprocos ventres, chamavam-se *gajas* e contavam pandegas, banzés, maroteiras de fazer tremer o céo e a terra.

D'essa vez, quando riam ás escancaras, é porque a Troncha contava á Gaitas que o José Macario cazára com a Felicia, a amiga do abbade, e que o abbade se valêra d'ella para lhe curar a posthema, e que a outra sôstra o deixára um pelem, magro como um cão, mesmo um tinhoso. Muitas gargalhadas e barrigadas rijas. A Eufemia dizia que sim, que havia de pôr o abbade fero. Vinha á Gandarella para dar a juro a um lavrador um bocado de dinheiro, a que o larapio do Crispim, aquelle malandro, não deitára a unha. Contava que o Eusebio Macario vendera a botica e fôra para a cidade do Porto com o calhastroz da filha que, se não caza, estava ali estava uma fadista pimpona.

— Ella era isto — e saracoteava os quadris, remedando-a — puxava por ella um grande diabo de pagode, e o brazileiro, quando mal se precatar, favas contadas, que t'o digo eu, rapariga, n'esta santa hora, hade tel-os de bom tamanho — e punha os braços ao alto muito hirtos, fazendo com os dedos ramificações symbolicas.

— Ai! credo, se os não tiver já! — avançava a Gaitas.

Tiburcio retirou-se com a mulher a passos ligeiros. O dialogo das duas mulheres tinha um naturalismo que só hoje se permitte nos romances.

Entretanto, o condiscipulo, o companheiro de quartel e amigo de José Macario pensava no Fis-

tula com uma tristeza compadecida. Lembrava-se que, nos annos que viveram juntos, um não valia mais que o outro. Quando se embebedaram com os 15 pintos roubados á Pêga, não podiam disputar-se a primazia em morigeração de costumes. Aterrava-o o pensamento de que marcharam de braço dado para o mesmo abysmo; que elle Tiburcio, áquella hora, poderia ser um infame acabado e sem rehabilitação como José Macario. Retrocedendo a vista da alma para o ponto da vereda em que se separaram — procurando a causa da sua repentina regeneração — via Amalia; e então abraçou-se-lhe peito a peito com um grande fervor, e disse-lhe: «Salvaste-me, filha! Se não fosses tu, póde ser que tambem aquellas duas mulheres viessem a ser juizas das minhas torpezas».

As reminiscencias do seu passado não o deixavam gozar perfeitamente o socego da aldeia. Ao repontar a aurora de um domingo, Tiburcio e Amalia despertaram com a estrallada de centenares de foguetes e bombas reaes. No adro da egreja estoiraram doze morteiros e repicaram os sinos. Na rua havia um borborinho de falario alegre e a matraca açodada dos tamancos dos rapazes que apanhavam os foguetes. Cuidaram que era festa de igreja ou chegada de brazileiro. Amalia levantou-se alegre para gosar o frescor da manhã de agosto, e Tiburcio ficou na cama a lêr um pra-

xista francez de direito romano. D'ahi a pouco, voltou Amalia e disse que era o casamento da sobrinha do reitor que viera d'um convento de Braga e cazára com um artista. Disse que a vira passar com os olhos no chão e que lhe parecêra muito galantinha.

— Quem te disse que era a sobrinha do reitor? — perguntou Tiburcio admirado que lhe não dissessem o resto.

— Foi teu irmão.

— Não te disse mais nada?

— Disse-me tudo; mas não me deu novidade nenhuma importante. Que me importa a mim o resto? Em Braga sabia-se a tua vida de rapaz.

— Mas nunca me fallaste em tal mulher...

— Para que te havia eu de fallar n'ella, se todo o meu interesse era que a esquecesses!?

— Forte e digna alma! — exclamou elle, depondo o livro e beijando-a na testa com uma ternura estranha á dos beijos sensuaes. Passados momentos, disse ironicamente: — meu amado irmão não ganhou nada com a denuncia.

O irmão Manoel não podia perdoar a distancia interposta aos dois. Ralava-se na restricção dos recursos que podia haver, roubando o grão das caixas e os cantaros de vinho das cubas. A mãe nunca se esquecera do furto dos brilhantes substituidos por pedras falsas. Como era muito escrupulosa, fez averiguações, mediante o irmão

padre, receiando que Tiburcio a houvesse enganado e calumniado o irmão. O reitor da Rapozeira teve a evidencia de que elle perdera na feira de S. Miguel, em Basto, o valor dos brilhantes que lá mesmo vendera. A mãe queixou-se-lhe da sua indigna acção, e elle jurou que raios o partissem se não foi o Tiburcio quem vendeu as pedras. Não o accusou ao marido, perdoou-lhe talvez, mas nunca mais lhe deu vintem das suas economias. O pai quasi que o detestava, porque elle não deitava a mão a nada, e quando o reprehendiam, reguingava que chamassem para o trabalho o irmão, o snr. doutor, que não era mais do que elle. Para cumulo de vergonha, mostrava-se nas feiras com a Joanna Gaitas e por amor d'ella regeitara vantajosos cazamentos que se lhe offereceram. Tiburcio, quando o pai se lhe queixava dos roubos que elle lhe fazia com chaves falsas, pedia-lhe que lhe desse uma mezada, porque um rapaz, com os costumes do irmão, indispensavelmente havia de furtar, se lhe não dessem dinheiro. — Que o não tinha, exclamava o velho. — Pois dê-lhe a minha mezada, que eu não preciso d'ella — remediou Tiburcio; e João Pimenta, o velhaco, lucrou bastante, porque partiu a duvida ao meio, ficando com metade da mezada para si, e a outra para o Manoel, que deixou de o roubar.

O casamento da Francisca do reitor foi estrondosamente festejado desde o romper da manhã

até alta noute. Havia esturdias e cantadores. O noivo, um carpinteiro de Braga, proprietario, muito desempenado da sua pessoa, andava de cazaca e calças brancas, com um colete de fustão amarello e botas gaspeadas de verniz a passear com a noiva pela aldeia debaixo de um guarda-sol vermelho. Precedia-os o moço do parocho a deitar foguetes, e alguns bebedos em mangas de camisa disparando bacamartes de bocca de sino nos boqueirões das minas para tirarem estampidos enormes que faziam repercussões ondulosas pelos algares alcantilados das montanhas.

Quando os noivos passavam processionalmente, n'um espalhafato de foguetes, com uma chula de duas rebecas e requinta, estava a Joanna Gaitas sentada no cruzeiro com as costas viradas para a Maria Carrazêda, uma velha angulosa, muito preoccupada com as pulgas do seu saiôto de baetilha. Em frente, sentada sobre a parede de um quintalejo, estava uma raparigaça de uma brejeirice caracteristica, a Rita Bizarra, com as pernas muito redondas, sedosas, a bamboar-se, pendentes do muro.

Na taverna do Alho, defronte do cruzeiro, ia grande algazarra. Esfervilhavam lá o Manoel Pimenta e mais os borrachões dos bacamartes, muito picados, a provocarem-se com basofias, trupando com os páos ferrados e com as coronhas das clavinas no mostrador. Cá fóra, entre as duas rapa-

rigas, corria este dialogo, depois que os noivos passavam debaixo do guarda-sol escarlate:

— O' Rita Bizarra!

— *An.*

E a Gaitas com um gesto de beiços na direcção da Francisca do reitor:

— Honradinha como as estrellas.

— Isso então! No trinque, como a porca de Murça, salvo seja!

— Diz que elle é carpinteiro. Póde deitar-lhe uma ripa nova.

— Ripada velha é que elle lh'hade dar. Estáme a dar o riso, quando tu levaste á conta d'ella.

— Bem me recordo; foi por causa da cantiga que deitei ao Tiburcio.

— Tu é que descobriste a melgueira... Como foi, ó aquella?

— Foi no souto do tio Pontes. Eu andava aos tortulhos n'uma cova, e vai n'isto, vi-os entrar ambos muito escorçomelados e metterem-se n'outra cova.

— Andavam aos tortulhos.

— Havia de ser isso. Depois que os gajos sahiram, puz-me á coca, todas as manhãs, e elles iam sempre...

— Aos tortulhos, podéra...

— E a alma do diabo depois estava-se a rir quando o Tiburcio me cantou que eu arranjava barrigadas.

A Maria Carrazeda largou a barra espulgada do saiôto, e intrometteu-se na conversa:

— Cala-te ahi, cala-te ahi, grandissima desavergonhada! O que tu precisavas era que te tapassem essa bocca com uma pouca de bosta, cabra tinhosa!

— O' seu cação, ouviu? — refilou a Gaitas — se vossê não fosse uma velha, torcia-lhe esse pescoço.

— Anda p'ra cá, marafona do alto, que te pespego com esta soca na porca da cara.

A Gaitas ia remetter contra a velha que tinha em riste o tamanco, ferrado de enormes tachas puidas, quando o Manoel Pimenta assomou á porta da taverna:

— Que diabo é lá isso?

— É esta croia de velha que me está aqui a cantar. Não sei onde estou que a não estrinço!

— Anda beber, rapariga — disse elle acommodando. — Deixa lá essa cegonha.

E a Carrazeda mettendo o pé no tamanco:

— Vai beber, vai, grande bebeda, que emquanto bebes não dizes mal de ninguem.

O Pimenta esperava a Gaitas de copo em punho, chapeu a resvalar pela nuca, gingando-se, muito rubro, com os olhos aguados, a cuspinhar. Ella bebeu d'um trago o quartilho, e voltou a sentar-se no cruzeiro, a impeticar com a velha:

— Estas carcassas não ha uma peste que as lamba, ó Rita!

— Agora, vai cozel-a, anda, vai cozel-a, grande porca! — resmungava a Carrazeda, esgaravatando, outra vez, nas costuras do saiôto as luras das pulgas.

— O' estupor! que te esgano! — replicou a outra, atirando-se-lhe de salto ao pescoço.

A velha engadilhou-se-lhe no cabello e desatou a berrar pelo Custodio.

O Custodio era o filho, um tamanqueiro, que estava na taverna, e já tinha cumprido um anno de cadeia por causa de navalhadas n'uma romaria.

Sahiram de roldão uma duzia de homens. O Custodio passou a dianteira ao Manoel Pimenta, arrancou a Gaitas de sobre a mãe que se espolinhava esmurraçada, e choveu-lhe uma trovoada de pontapés e bofetões muito sonoros. O Pimenta abraçou-o pelas costas com palavras pacificadoras — que não batesse assim na rapariga, que a mãe era muito mal creada.

— E quebro-lhe a você tambem a cara! — replicou o Carrazeda, mettendo a mão á algibeira interior do colête. — Saia-me de diante da vista que eu já o não enxergo!

Mas a Gaitas, assim que se viu solta das presas de Custodio, abaixou-se a duas pedras, e atirou-lhe a mais esquinada á testa. O ferido cresceu

de novo sobre ella de navalha aberta e o Manoel, vibrando-lhe uma paulada no cachaço, afocinhou-o.

Estremaram-se dois partidos. Os jornaleiros e artistas do lado do tamanqueiro, que já estava em pé, mas atordoado, cambaleante; os lavradores, os abastados, a favor do Pimenta. Zuniam as pedradas, e rebatiam os páos com um rebate rispido, quando não faziam uma toada cheia e dura como em odres cheios. Ouviam-se ameaças sanguinarias: — Ah cão que te mato! — Vou-te rasgar as tripas! — Acaba-se aqui o mundo!

E a Bizarra gritava á d'el-rei em cima da parede com as mãos agarradas á cabeça, emquanto a Carrazeda procurava um tamanco sumido no redomoinho da lucta. A Gaitas, á volta dos combatentes, espreitava opportunidade de acertar com o outro calháo na cabeça do tamanqueiro.

A gritaria ouviu-se em casa do João Pinheiro onde chegou logo a noticia de haver no cruzeiro uma grande desordem com o snr. Manoelsinho.

— Lá as armam, lá as desarmem — disse o lavrador, que andava na horta, guiando os renovos de feijões na ramaria das estacas. A snr.ª Jeronyma estava na via-sacra. Tiburcio, ouvindo os berros e a noticia, sahiu apressado. Amalia foi tambem. No momento em que chegavam ao cruzeiro, Manoel Pimenta estava de bruços, prostrado; e, inclinada sobre elle, abraçando-o pela cintura,

a Joanna Gaitas, gritando: — Ai que o mataram com uma facada!

Tiburcio ajoelhou ao lado do irmão, perguntou-lhe onde estava ferido. Manoel respondeu: — Foi o Carrazeda que me matou.

Os da lucta haviam dispersado, assim que viram cahir o Pimenta. Juntava-se muito povo atrahido pela vozeria e pelos altos clamores de Joanna. Appareceu o reitor e a sobrinha com o marido, em mangas de camisa, muito affoito. Ella, quando avistou o Tiburcio, parou longe do grupo. O vigario, forçado pelos seus deveres parochiaes, avisinhou-se do ferido, e sem saudar o irmão. perguntou o que era aquillo, se estava perigoso, se queria confessar-se ou ungir-se. Manoel estorcia-se nos braços da Gaitas.

— Sahe d'ahi, calhamaço! — disse o vigario a Joanna. — Olha lá se queres que elle te morra nos braços para ir direito ao inferno!

Tiburcio, voltando-se para dois do grupo, pediu-lhes que lhe ajudassem a transportar o irmão para casa. A mãe, que vinha da igreja, com o rosario branco pendente das mãos postas, acompanhava o filho no meio da multidão, n'um grande choro. O vigario disse a um dos da junta: «Você vá vêr, e, se fôr preciso, mande-me chamar: que, emfim, sou parocho, e não tenho remedio senão levar os sacramentos se os pedirem, e, se os não pedirem, que os leve o diabo. A justiça de

Deus vai-se vendo... Raça de Pimentas. Canalha brava.

Mas o ferido não morreu. Seria de má raça, mas tinha uma natureza refractaria á facada. A navalha entrara-lhe no ventre, mas romperalhe ligeiramente o intestino. As evacuações alvinas sanguinolentas cessaram. Tinha grandes ancias e vomitos de sangue. O cirurgião não o deixava beber, e punha-lhe compressas d'agua fria no ventre. Depois, entregou-o á natureza, que o curou, com o auxilio de uma junta de santos e santas invocados pela snr.ª Jeronyma. Dois mezes depois, Manoel Pimenta já passeava restabelecido, e preparava-se para dar uma sova monumental no reitor, porque lhe insultára a Gaitas, que o tinha nos braços quando elle vasquejava nas ancias da morte.

Bem dada sova, se chegou a dar-lh'a, como é de crêr.

Quanto a Tiburcio, esse sahiu tão enojado da Gandarella que nunca mais ali voltou.

XII

Concluida a formatura, o bacharel Tiburcio estabeleceu-se no Porto, a praticar com o Almeida e Brito. Era no tempo em que José Macario se divorciara de Felicia para se expatriar com a Paschoela Trigueiros. Acaso se encontraram no escriptorio do advogado a quem o outro consultava. O dr. Tiburcio envergonhou-se da familiaridade com que o tratava o Fistula na presença do Almeida e Brito; e, quando começavam a discutir o divorcio, Tiburcio sahiu, pretextando negocios. D'ahi por diante, desviavam-se mutuamente. O Fistula odiava-o. Tinha-o conhe-

cido seu parceiro nas batotas, nas arruaças, nas borracheiras. Não podia perdoar-lhe uma reforma de costumes tão rancorosa para com o seu velho amigo, o seu cumplice no roubo á viuva Pêga da rua das Conegas, que o insultara com uma publicidade escandalosa á porta da Sé de Braga. Eusebio Macario, conscio da seriedade do doutor, visitou Tiburcio, deixando-lhe um bilhete:

EUSEBIO MACARIO

Cavalleiro da ordem de Christo

e nas costas do bilhete, a lapis:

Sabendo que está no Porto o snr. dr. Tiburcio Pimenta, vem-lhe fazer os seus comprimentos e offerecer-lhe a sua casa, cuja é na rua do Principe n.º 10, no palacio da sua filha, a baroneza do Rabaçal, á mão esquerda.

Não pagou a visita. Macario queixou-se na *Assembleia,* e disse que, se elle procedesse como cavalheiro, tencionava fazel-o sahir deputado por Basto; mas que o Tiburcio era páo que sahia á racha; que o pai era um homem de socos, muito besta, e que o filho deitara a perder muita rapariga e que vivia de esmolas em Coimbra quando

o padre Lopes de Braga, um uzurario que imgrampava beatas, lhe dera uma sobrinha que viera de Coimbra já muito corrida.

Padre João Evangelista, amigo do bispo D. Jeronymo, frequentava o paço episcopal, conhecia o conego Justino, o antigo abbade de S. Thiago da Faya. Vagando uma conezia, para se entreter, requereu-a, foi despachado e ganhou boas relações. O padre Justino fallava-lhe dos Macarios. O conego Lopes tinha froixos de riso que lhe compromettiam a elasticidade arquejante do diaphragma. Dizia elle ao sobrinho que, na assembleia do genero humano, havia familias que pareciam umas latrinas das fezes das outras, e que Deus abria aquelles furunculos para purgar, de vez em quando, a raça humana.

Tiburcio estreara-se nos tribunaes em causas crimes. A imprensa jornalistica publicou trechos dos seus discursos torrenciaes de eloquencia commovente; mas elle não se sentia bem; apertavam-se-lhe os horisontes que sonhára. Não queria salvar delinquentes que a sua propria consciencia accusava. Queria salvar a nação. Anciava as glorias honradas do parlamento. Amalia, que lhe conhecia a repugnancia em ir á Relação combinar a defesa com os criminosos, pedia muito ao tio que empenhasse as suas relações para que Tiburcio fosse á camara. O bispo, as auctoridades, e a fama do orador aplanaram as difficuldades. O dr.

Tiburcio foi eleito por Sinfães — acho que foi por Sinfães, devia ser por Sinfães — um alfôbre de deputados talentosos que vem sempre á luz politica por aquelle ventre laxo e fecundo de Sinfães.

«Debutou esplendidamente» disseram os jornaes do governo. A opposição achou-o metaphysico, nebuloso como um pantano de madrugada. Defendeu a eleição cruenta do circulo 79, como quem defendia um réo de parricidio, com as mesmas phrazes plangentes dos tribunaes do crime. A opposição accusava o administrador do concelho como se elle fosse o Mattos Lobo ou o Luiz Negro. O mesmo consumo de rhetorica, cheia de vitriolo, de parte a parte. No fim da legislatura o dr. Tiburcio confessava que, n'este diluvio de porcaria, as bestas eram tantas e a arca tão pequena que a final não se salvava ninguem, por causa das bestas.

— Eu queria ser ministro trez mezes — dizia elle um dia a Amalia. — Este paiz gangrenado ainda podia salvar-se com uma grande amputação.

Ella começou a imaginar que o seu marido podia salvar o paiz com uma grande amputação, e o tio conego perguntava ao sobrinho, sorridente:

— Mas que diabo tem o paiz?! Ninguem lá por fóra me cheira a gangrena. Reinam os rheumatismos e os catarrhos; mas, quanto a podridão,

não sei de nenhuma, fóra dos hospitaes. Eu, se fosse a ti, meu Tiburcio, não amputava nada, sendo ministro.

O doutor insistia em voltar ao parlamento. Queria dizer as derradeiras e solemnes palavras, cuspidas á face do cynismo publico, encarvoar com o estygma da infamia a estupida indifferença geral, inclinar-se sobre o leito do Portugal agonisante e psalmear-lhe threnos de destruição como Jeremias sobre o reino de Israel. E o conego:

— Parece-me que voltas aos sermões de caza das Botelhas. Esses sermões do parlamento, se ninguem os encommenda, sempre ha uma nação que os pague; — a pobre nação gangrenada, mas assim mesmo a pagar aos medicos com rara pontualidade! Tiburcio, nada de amputações, que te não vá ficar a doente nas mãos por causa da hemorrhagia.

Não obstante, o conego trabalhava para a eleição do sobrinho por um circulo do Porto. Amalia pedia-lh'o com instancia, não só para abrir ao marido a vereda dos conselhos da corôa, mas porque tinha duas irmãs casadas em Lisboa, e queria muito estar perto d'ellas. Padre João Evangelista dava-se com os influentes notaveis, grandes firmas commerciaes, potentados do suffragio que tinham os arsenaes da sua popularidade nas confrarias. Aconselhavam-lhe que orientasse o doutor nos mananciaes das irmandades, fontes lim-

pas de votos — que o apresentasse ao Souza Basto, da Trindade, ao Folhadella, ao visconde de Alpendurada, ao Carneiro Geraldes, ao Custodio Pinheiro, ao Torquato, á aristocracia de Cedofeita, ao Figueiredo, ao Dourado, e outros membros da Ordem Terceira de S. Francisco — uns finorios que a sabiam toda.

O doutor não transigia com os maus habitos da mendicidade. Se elle queria jarretar excrecencias canceradas no organismo nacional, o mais pôdre dos membros era a corrupção do suffragio por meio de dinheiro aos pobres ou de abjecções aos ricos. De mais a mais, o insinuar-se nas irmandades parecia-lhe carolice estupida ou hypocrisia canalha. Apesar da esposa, elle teimava em não ir procurar os irmãos da Ordem Terceira, ao passo que o tio conego mexia os pausinhos, desculpando o doutor com as suas muitas occupações juridicas. A Ordem Terceira de S. Francisco estava conquistada, desde que o conego fizera inscrever como irmão o doutor Tiburcio Pimenta.

Fallava-se muito em reforma ministerial. O ministro da fazenda, em consequencia de se lhe aggravar o golpe de um callo, recolhera-se á cama; o da marinha tinha-se constipado a bordo de uma fragata, onde fôra vêr a bolacha se tinha o feitio que elle indicara n'um lindo desenho em que a poesia se dava as mãos com a geometria linear. Estavam cheios de gloria, mettidos na cama, um

com emplastros emolientes, outro a mastigar pastilhas de Naphé, um repuxo de espirros.

—Se agora estivesses em Lisboa, Tiburcio, talvez entrasses para o ministerio — dizia-lhe Amalia.

—Não sejas creança. Homens da minha inflexivel independencia só podem ser ministros, se o povo e as armas os impõe ao Poder Moderador. A minha columna vertebral não se curva nem ao povo, nem aos argentarios, nem á camarilha. Nunca passarei de bacharel Tiburcio Pimenta, natural da Gandarella, e advogado nos auditorios do Porto.

— E irmão da Ordem Terceira de S. Francisco — accrescentou o conego. Lá te metti, e de lá sahirás deputado nas primeiras eleições. Eu conheço o Porto melhor do que tu. Isto aqui é Braga com mais alguns milheiros d'almas.

Um dia, ás sete da manhã, puxaram fortemente á campainha do doutor Tiburcio. Desceu a creada á cancella, e viu um homem de boa compostura seraphica perguntando se podia fallar ao snr. doutor. Era um sujeito calvo, de oculos verdes, sobre um nariz muito verrugoso, com uma venta obstruida.

—Que ainda estava recolhido.

Que vinha trazer-lhe um officio a dar parte a

sua senhoria que fôra nomeado ministro. E entregou-lhe o officio.

— Faça favor de dar da minha parte os parabens ao snr. ministro; diga-lhe que é o Lavanha, o irmão Campainha.

— O irmão de quem?

— O Campainha, o Lavanha; o snr. doutor bem me conhece, que eu tambem sou escrevente no escriptorio do Bandeira, e já cá tenho vindo com papeis ao snr. doutor. Não se esqueça de dar os meus parabens ao snr. ministro. Adeusinho, menina.

A creada subiu muito açodada, offegante, a chamar a ama:

— Ó senhora, ó senhora, um officio a dar parte que o snr. doutor está ministro!

E Amalia, muito alvorotada, correu com o officio ao quarto, e abriu a janella, exclamando:

— Tiburcio, Tiburcio, parabens! estás ministro! Aqui está o officio!

E deslacrava o sobrescripto sem o lêr para dar o officio ao marido que se sentara estrouvinhado na cama, a esfregar os olhos.

O doutor leu:

Ill.mo Snr. Dr. Tiburcio Pimenta.

A Meza da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, d'esta invicta e heroica cidade do

Porto, tem a satisfação de participar-lhe que hontem, em reunião geral, foi V. S.ª unanimemente eleito Ministro da mesma Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Tiburcio machucou o papel, atirou-o ao tapete, e disse:

— Não valia a pena acordar-me para isto, Amalia!

E ella, com os olhos espantadamente espasmodicos na cara esquisita do marido, disse com um grande desalento:

— Ministro da ordem terceira de S. Francisco! Ora bolas!

O conego, que tinha ouvido fallar em *ministro,* entrou n'esta conjunctura, e perguntou o que era. Amalia explicou com muito desdem a nomeação de ministro da ordem terceira; e o tio com gravidade, e um pouco de miguelismo:

— Pois eu antes queria ser ministro da Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas, que ministro da primeira ordem da Senhora D. Maria da Gloria.

MORALIDADE

Se o dr. Tiburcio exercitasse dignamente as funcções de Ministro da Veneravel Ordem Ter-

ceira de S. Francisco, poderia subir pela escada de Jacob ás eminencias do ministerio divino como o proprio S. Francisco; e lá na mansão celeste se encontraria, não direi com a Severa, mas com alguns monarchas lusitanos que, á imitação de D. Pedro, o *crú*, tambem pertenceram á Ordem Terceira do referido santo. Mas o dr. Tiburcio Pimenta, que principiava a combalir-se das podridões modernas, nunca foi ministrar a Ordem Terceira; e aquella D. Amalia, gafada das incredulidades coimbrãs — affirmadas depois pela phalange delicida de Anthero do Quental — quando disse «ora bolas!» definiu perfeitamente a sua geração e tolheu talvez o futuro do marido.

A VIUVA DO POETA OVIDIO

Ovidio, de cuja viuva se trata n'estas paginas, não é o romano, auctor dos poemas scientificos que o leitor conhece, e dos poemas erothicos que a leitora, por ventura sua, desconhece. Castilho, quando trasladou a portuguez diamantino os Amores, escreveu: *Sob um titulo que vos poderá attrahir, este livro contem mysterios de iniquidade.* Depois d'este aviso, não me consta que se vendesse em Portugal um exemplar do livro funesto publicado em 1858 no Rio de Janeiro. Os nossos innocentes costumes ha 22 annos, quando todos liamos a *Virgem da Polo-*

nia, tinham estas ingenuidades. Hoje em dia, um aviso d'aquelles seria um reclamo, a riqueza d'um editor.

Mas o poeta Ovidio que deixou viuva era brazileiro. O de Sulmona foi trez vezes casado, e não deixou viuva nenhuma. As duas primeiras esposas repudiou-as por infieis, por feias, ou por ineptas — não se sabe com certeza. A ultima porém, amou a, conservou-a e chorou-a na morte. Estes repudios não deterioram a reputação de Ovidio nem nos authorisam a lastimar as repudiadas Ellas, por via de regra, casavam com outros, e tanto a miudo que, segundo Seneca, certas mulheres contavam os annos pelos maridos e não pelos consules. Varões insignes deram o exemplo a Ovidio. O honestissimo Bruto repudiou Claudia para casar com Porcia; o muito preclaro Cicero desfez-se de Terencia para casar com Publia que era rica; e, devorado o dote, pôl-a na rua. Uma sucia de gentios que pareciam catholicos

Ora, o Ovidio que deixou viuva era natural da villa de Paruahiba, e chamava se Ovidio Saraiva de Carvalho. Quando a metropole desdenhosa, em 1784 reputava as colonias brazileiras uma região de getas, vinha de lá para Portugal um Ovidio. Que differença do romano! O poeta de Corinna foi desterrado por Cezar e lá se finou na Moldavia, entre getas que o não percebiam.

Barbarus hîc sum, non intelligor ulli.

Elle nasceu na capitania do Piauhi; e, na flôr da idade, seus paes, ao engano, o transferiram para Portugal. Ovidio, n'um soneto feito aos 18 annos, conta essa violencia com outras amarguras mysteriosas:

Passaram lustros trez, e mais trez annos,
Que á estancia dos mortaes volvi do nada;
Mas bem que ainda não seja adeantada
Minha edade, soffrido hei já mil damnos.

Além dos torvos mares deshumanos,
Recebi dos meus pais a vida hervada,
E, contando annos seis, á patria amada
Arrancaram-me os pais com vis enganos.

Desde então me arrepella a voz maldita
Da desgraça lethal o braço forte
E sobre os tectos meus o Mocho grita;

E, se não me enganei, nos Ceos... ó sorte!
Esta sentença li com sangue escripta
«Em breve luctarás com a torva morte.»

Este soneto abunda em verduras dos 18 annos. Só n'esta idade se permitte que um poeta seja *arrepellado pela voz maldita da desgraça,* e

que o Mocho lhe assobie nos telhados o agouro da breve morte, n'um verso errado.

O soneto seria escripto em Coimbra, onde se matriculou no primeiro anno juridico em 1805, indo morar ao *Arco da Traição* n.º 13. Esta minudencia topographica deve fazer saudades a quem ainda conheceu, antes de 1835, o *Arco da Traição*. Nos annos subsequentes, até concluir formatura, morou nos *Palacios Confusos* n.º 7 e n.º 65. [1] Os *Palacios Confusos* eram o manancial d'onde, do bairro alto, rolavam as catadupas da troça á cidade baixa, para a Ponte, para Sansão e para a Sophia. O academico estroina, o faceira, o arruador, o discolo, o cabula, o poeta guloso e bebedo de outeiro, o perturbador do seraphico socego dos mosteiros de Chellas e de Sant'Anna arruavam-se nos *Palacios Confusos*. Da malta dos facinoras, chamada do *Carqueja*, o maior numero dos socios foi d'ali para o degredo e para a forca.

Alguns dos estudantes justiçados em 1828, os *divodignos* que assassinaram os lentes no Cartachinho, moravam nos *Palacios Confusos*. Balzac, Daudet ou Zola, se apanhassem na contextura d'uma novella um *Arco de Traição* e uns *Pala-*

[1] Veja-se *Relação dos Estudantes matriculados na Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1805 para 1806*.

cios Confusos, era meio volume feito, paginas compactas, com uma travação de correlações inductivas, a plastica com os seus lamaçaes escorregadios, a esthetica com os seus ideaes aparafuzados, a mezologia-psychica, as modalidades caracteristicas, biologia em barda — uma massada com um bojo impertigado de sciencia, arrotando umas cruezas indigestas que, por serem d'um artificio impenetravel, nós cá chamamos *naturalismo.*

O Ovidio brazileiro comprehendia a natureza como ella especialmente se exhibia nos *Palacios Confusos.* Tangia viola e compunha as letras das suas cantigas, que ainda vivem e gemem no primeiro livro dos seus versos. Parece que lhe estamos ouvindo o soluçar dos bordões quando elle cantava:

Que eu fosse emfim desgraçado
Escreveu do Fado a mão;
Lei do fado não se muda;
Triste do meu coração. [1]

Não obstante, o seu viver tinha uma certa distincção. Frequentava casas serias: era bemquisto ao lente cathedratico de canones dr. Almadahim e ao vice-reitor Manoel Paes de Aragão Trigoso a quem

[1] Poemas... Coimbra, 1808, pag. 164.

dedicou o seu volume de poemas. Na *Dedicatoria*, diz modestamente o vate:

> Se não temêra que os salgados mares
> Da minha queda recebessem nome,
> Bem como d'esse heroe das mortas Eras;
> E que o vindouro, indigitando absorto
> Dissesse: «alli morreu o afouto Ovidio,»
> Subira ufano á região dos ventos...

Ah! elle podia subir ufano. O vindouro jámais indigitará absorto o mar em que morreu o afouto Ovidio, jámais! Embora os seus patricios o desconheçam e não o tenham achado na região dos ventos, isso não tira que eu diga a este Ovidio o que elle dizia ao Aragão Trigoso:

> Farei teu nome
> Sobre as plumas d'um Estro arrebatado
> Soar de ceus em ceus, de mundo em mundo.

Homens graves estimavam-no por mais de um predicamento louvavel. Nunca se embebedava, morando nos *Palacios Confusos*. Já é! Um seu visinho, mestre em carraspana, ousava dizer que o grande Architecto era indifferente ás borracheiras dos mortaes. Ovidio castigou-o com este epigramma muito do agrado de Trigoso:

Diz Lelio que a borracheira
Os justos ceus não azeda?
Por que diz tal paradoxo?
Porque tambem se embebeda.

Não era, porém, Ovidio por egual abstemio em amores a freiras; e, segundo se deprehende do soneto 56, elle nutria pensamentos assás concupiscentes a respeito de uma.

Meu firme coração somente estuda,

diz elle,

Em como hade gosar dos teus agrados,
Teus thesouros gosar que o claustro escuda.

Não estudava boa coisa.

Fóra dos mosteiros, amou ao ar livre nove senhoras pseudonymamente. Temos Alcina, Ritalia, Celia, Analia, Sendalia, Filinta, Marcina, Marilia e Lilia. Não sei se esta Lilia era uma infeliz de quem Castilho, annos depois cantava:

Joven Lilia, abandonada
De seu lindo ingrato amante.

O lindo e ingrato seria o bacharel Ovidio, quando, concluida a formatura, se casou com uma

que não era nenhuma das nove cantadas. Era D. Umbellina Joanna de Vasconcellos Almadahim, filha do lente cathedratico, Francisco de Vasconcellos Almadahim, desembargador da Relação do Porto. Esta senhora não vem no rol das suas inspiradoras, porque a idade já lh'o não permittia. Devia orçar pelos quarenta annos, desesete mais idosa que o esposo. Todavia, bem póde ser que o poeta lhe reflorisse com rica imaginação as rejuvenescencias que Balzac remoçou nas mulheres de quarenta annos. E não será descabida a hypothese de que o bacharel Ovidio Saraiva de Carvalho devesse a este cazamento a brevidade do seu despacho.

Em 1811, um anno depois de formado, foi juiz de fóra para a cidade de Marianna, na provincia de Minas Geraes. Nem os autos nem a D. Umbellina Joanna lhe esterilisaram o estro. Em 1812 publicava elle, nos prélos do Rio de Janeiro, *O pranto americano que a S. A. R. o Principe Regente, em honra das carissimas e nunca bem pranteadas cinzas do snr. infante D. Pedro Carlos, consagra, etc.*

É uma elegia muito engenhosa, em que são interlocutores *Jove,* o *Rio Amazonas* e a *Noute.*

Parece que, em seguida, no decurso de mais de vinte annos foi muito parcimonioso em dispendios de genio. Serviu diversos cargos na carreira de magistrado e aposentou-se em desembargador,

ahi á volta dos sessenta annos. Foi então que, repousado das lides forenses, escreveu em estylo juvenil — *Heroides de Olimpia e Herculano, jovens brazileiros, ou o triumpho conjugal.* Eu não pude deliciar-me com a leitura d'este opusculo, impresso em 1840. Pude apenas pôr o labio sedento no titulo e imaginar o mel que está dentro d'este favo. Quem decerto se regalou de lhe ouvir as *Heroides de Olimpia e Herculano* foi a esposa D. Umbellina Joanna que por este tempo florejava nos seus oitenta annos, e ainda tinha uma perfeita intuscepção do triumpho conjugal cantado no poema. Perto dos setenta, o desembargador Ovidio publicava uma importante obra de jurisprudencia — *Considerações sobre a legislação civil e criminal do Imperio do Brazil, causas motrizes da sua má administração, e meios adquados a sanal-as.* A prosa, como se vê, avassalara-o. Este livro é que era o Mocho que elle ouvira aos dezoito annos a dizer-lhe tão cruel como incorrectamente:

Em breve luctarás com a torva morte.

E morreu a final nos braços de D. Umbellina Joanna, que o chorou inconsolavel a termos de ninguem lhe dar quinze dias de existencia. Depois, a viuva do poeta Ovidio, exhaurida de lagrimas, começou a mirrar-se, a escanifrar-se, a encorrear-se, a pilar-se, a escalar-se, a perpetuar-se como um

pergaminho impenetravel á traça dos velhos xilographos. No acume da sua saudade, concentraram-se-lhe as dôres na parte nobre do seu corpo, na alma, emquanto as funcções digestivas se faziam com uma harmonia physiologica chronometrica, desde a deglutição até ao derradeiro phenomeno, sem o minimo symptoma de dyspepsia ilyon-cecal; um duodeno saluberrimo, e todas as mais visceras sobre e subjacentes não deixavam nada a desejar. Quando a viuva chegou aos cem annos, os pernambucanos entraram a espantar-se; depois, mais annos vieram rodando sobre o seculo, e ella a digerir as tapiocas, os mingáos, e a fallar do seu Ovidio, recitando-lhe as lyricas com uma toada muito saudosa e os olhos vagos, amauroticos no infindo azul. E os pernambucanos assombrados a cuidarem que o propheta immortal Elias se mettera no corpo da velha! Até que emfim, ha poucos mezes, em outubro de 1880, D. Umbellina não podendo mais contemporisar com a saudade do seu defunto, feneceu, acabou como as rosas de Malherbe, tendo vivido um pouco mais que «o espaço de uma manhã» — cento e treze annos. E ainda ha quem diga que as saudades não matam... e depressa!

SILVA PINTO E A SUA OBRA

(PREFACIO AOS «COMBATES E CRITICAS»)

SNR. Silva Pinto não solicitou este preambulo. Offereci-lh'o irreflectidamente quando o escriptor deliberou publicar um livro chamado COMBATES E CRITICAS. Depois, como eu lêsse, na collecção dos escriptos reeditados, alguns em meu louvor, com as hyperboles da sua amizade generosissima, senti-me algum tanto arrependido da espontaneidade d'esta collaboração em um livro onde o meu nome e até a minha dignidade de escriptor tão a miude recebem o caloroso testemunho da bemquerença do amigo.

Esquivar-me á contrahida obrigação por suggestões de modestia ou temor da maledicencia pareceu-me falsa ingenuidade e escrupulo excessivo.

Além de quê, o retrahir-me a tão insignificante homenagem aos talentos de Silva Pinto seria malbaratar o excellente lanço de rivalidar, com a minha inflexa independencia, o conceito que já formei dos seus meritos, pelo que é da sua litteratura e probidade no processo das nossas relações.

Penalisa-me que em arredadas eras travassemos um recontro de polemistas assanhados em que, ainda assim, não houve derrotas nem triumphos. Se vencedor sahiu algum, foi Silva Pinto vencendo-se a si proprio. Elle podia escolher na panoplia das calumnias, que lhe offereciam, armas para uma nova e mais dilacerante arremettida. Não as acceitou. E, quando as infamias anonymas corriam impressas com a suspeita da sua auctoridade, calou o nome do diffamador e soffreu em silencio a retaliação. Pois que não pude duvidar d'este bizarro lance de cavalheirismo, admirei o homem na edade menos reflexiva, e deplorei que a sorte não désse áquelle moço de vinte e dois annos medianos confortos de vida que lhe permittissem arrancar-se á illaqueação dos Aretinos e dos Clavijos, — boas navalhas de mola, mas despontadas pelo uso, que se recaldeavam ao fogo de um talento novo e inexperiente.

Volvidos annos, vi-o e ouvi-o pela primeira vez.

Nenhum de nós soltou palavra de resentimento, porque ambos tinhamos sido injustos. Dava-se, de mais a mais, uma mysteriosa e poderosa attracção que nos approximava: era a injustiça dos outros. Haviamos soffrido o embate do mesmo colosso — a Idiotia, o Moloch das victimas covardes, e reagiramos com uns fracos pulsos, endurecidos e acerados depois pela tenacidade da defeza. Elle tem trinta e tres annos, e não descançou ainda. Nem descançará. Eu, no inverno da vida, distanciei-me, com o meu patrimonio de ironias, sem me esconder, dos fundibularios das encruzilhadas; e, hoje, quando as pedradas granizam n'estas carvalheiras, ainda me não demitto de ir á janella vêr a jovialidade cruel dos scelerados de carnaval.

*

Este livro dos Combates são as paginas mais serenas, as treguas mais remançosas das suas pelejas, e as actas dos seus triumphos.

Quantos livros vagarosamente pensados teria escripto Silva Pinto, se a sua juventude houvesse derivado na soledade de uma aldeia, longe das nossas babylonias de cartonagem onde, a cada passo, o metallico patear pomposo dos urcos nos convida a encarar de esguelha uns Nababos de

redenho e inscripções, duros e frios como o corno da abundancia, que rafestelam em frouxeis flaccidos a sua arrogante brutalidade espapaçada? Ahi é que se azedam as coleras dos Vermersch e dos Vermorel, uns epilepticos que, na placidez reportada das suas provincias, viveriam vegetalisados em socegada obscuridade.

As comparações são a desgraça do talento. Nas varzeas, nas chans largas de ineffavel melancolia, nas montanhas, os enormes rochedos, as grandes arvores — as filhas mais queridas do sol, ruborisadas pelos seus primeiros beijos, e as primeiras a saudal-o ataviadas com as perolas do orvalho — não nos assoberbam como nas cidades os monstruosos abôrtos de felicidade, que surdem dos bestiaes connubios do acaso com a velhacaria. As arvores que só uma vez deram o feio exemplo de avançarem contra o regicida Macbeth, são um cordão sanitario contra a peste das coisas e das pessoas. *Tout notre mal vient de ne pouvoir être seuls* — diz La Bruyère.

Silva Pinto luctou bravamente. A divisa d'este seu livro COMBATES E CRITICAS, deveria ser de Voltaire': *Ma vie est un combat.* Combate de quinze annos, nos reductos mais perigosos das tremendas batalhas em que um homem sósinho, indefezo, se arrosta aos esquadrões cerrados da ignorancia, e ás insidias ainda mais formidaveis dos seus camaradas na lucta. Ora, como os deuses

nem sempre defendem os innocentes, elle foi obrigado a defender-se de inimigos possantes que tinham na sua hoste *Basilios* varios, uns para a intriga engenhosa, outros para a calumnia clandestina e alguns para a diffamação descarada. Afóra isso, elles sabem todos os tramites d'um processo de exterminio que principia no descredito e, quando vinga, acaba na fome e no hospital. Não sei se o meu amigo teve de luctar com tantos *Basilios;* eu por mim, que venho de muito mais longe, conto varios de que me desfiz e se acham nomeados nas minhas Memorias d'além tumulo, no capitulo *Insecticidios*. Foi Seneca, acho eu, quem fallou d'uns vermes ephemeros que nascem, mordem e apodrecem. Eram os meus.

Mas Silva Pinto não é lugubre nos seus despiques. Antigos e modernos jornaes archivam galhofas suas que inculcam regular digestão de osmazoma, e desfecham remoques de quem não faz a sua cerebração com vegetaes baratos. As mercearias não comprehendem isto. O beocio raiva contra o absurdo de que haja gaudio n'estes remadores das galés das lettras. *Quem te deu uma philosophia tão alegre?* — perguntava o conde de Almaviva a Figaro. *Foi o habito da desgraça;* — respondeu o barbeiro andaluz — *com receio de chorar, principio logo por me rir de tudo.*

Silva Pinto irritava-se de mais, em vez de orientar-se no rasto dos felizes, e tecer com as suas

mais setinosas phrases um capacho para os dadores mais ou menos immortaes das Cartas de corso na Coisa-publica. Se elle, um pouco saturado do pessimismo de Schopenhauer e Hartmann, confrontasse com a sua immaculada pobreza a ignominia latente e consciente dos anthropoides cheios de moral... em acções, não trocaria o seu latego de epithetos esquinados pelo desgosto de esmoer em silencio as trufas de director d'uma alfandega, com o seu Juvenal interior amarrado ao estomago pelo calabre das conveniencias. Os seus nervosismos — os seus infortunios aliás abençoados, porque dão ala ao espirito e sagrados direitos á vingança — eram a falta do santissimo, quando não é infamissimo condão da paciencia, o arnez diamantino que rebate os dardos das contrariedades. É que elle via esfervilhar em volta de si muita somma de philistino ditoso, repleto de boi, impando na sua plethorica hemorrhoidaria, soprando por todas as cornetas de Oberon, — posições bonitas a fazerem-se de consciencias e cerebros sujos, flores a abrirem-se na côdea das esterqueiras.

*

Quanto á sua litteratura, Silva Pinto não se tem gasto em leituras aturadas de in-folios, e até dos livros manuaes faz pequeno cabedal quando

lhes conjectura a intenção ou prevê o remate. São assim os raros espiritos preoccupados de originalidade e febris de idéas fluctuantes que ainda não estão estampilhadas nos armazens da sciencia. Se é romance ou drama que se lhes offerece inculcado pela tradição, dado que os ideaes novos lá estejam embryonarios, faz-se mister que o artista, ás primeiras paginas, preluza uma refundição da prata das velhas formulas e nos dê casquinha, para que elles — os superciliosos — se deixem engodar e esquecer, no encanto da novidade, de que o livro tem 300 paginas. Era assim o intrepido talento de Vieira de Castro. Se tinha de discorrer sobre materia condensada em dez volumes, lia uma pagina do terceiro, duas do oitavo, e assimilava em seu espirito a fina essencia de todos; e d'ahi resultava para os que o liam e ouviam a rara ventura de não se entediarem. Em S. Miguel de Seide tive ensejo de verificar que Silva Pinto lia como Vieira de Castro. De manhã repunha nas estantes a dezena de livros que levava á noite para o seu quarto; e todavia não lhe seria difficil demonstrar que os lêra e commentára... com um sorriso desdenhoso e com dez horas de um dormir puro de escrupulos.

Entremos na analyse succinta da sua obra.

No complexo das theorias e applicações que formam o primoroso trabalho *Do Realismo na*

Arte predomina como feição de elevada esthesia o alvitre de não derimir no culto do positivismo o sacerdocio do Ideal. Refugam-se as minudencias e os lados triviaes da realidade, pois que o artista descura na escureza inconsciente os lances de vista, as perspectivas em que a natureza das coisas é accessivel a olhos intelligentes. D'ahi o daltonismo psychologico — a doentia ignorancia das côres, á custa de querer materialisar, colorir tudo — as palavras vermelhas, os sorrisos azues, os desejos brancos. Descrevia-se hontem a paixão; hoje escalpellisam-na como um musculo pôdre; sopesam-se os actos de mentalidade, calculando-se a porção de phosphoro que arde no cerebro. Se é preciso empégar no lameiral dos vicios inveterados e deshonrar a época em que se escreve, pouco importa a repulsão dos olhos e ouvidos honestos. Cuida se que os tempos são outros, a humanidade diversa e o pudor um substantivo obsoleto bom para metrificar. Do Pudor e da Justiça já dizia Juvenal que ambos se tinham safado fraternalmente:

Atque duæ pariter fugere sorores.

Figuram-se alvorecidos os evolucionistas em uma aurora de originalidade, e despeitoram a velha arte com trajos de loureira de ruins baldas, capaz de perverter os velhos abbades do seu culto. As

demasias do descriptivo são a chlorose senil do genio. Escassez de acção, de dramatisação, do pathetico substituida ou contrafeita pela analyse despropositada é o crepusculo vespertino da Arte. O Romantismo e o Realismo podem symbolisar-se na personalidade psychologica de Homero. A Iliada é a mocidade, a Odyssea é a velhice do poeta. Na primeira, as frementes paixões, tragedias de cyclopes iracundos, a eloquencia olympica das arengas, as implacaveis e terriveis Fatalidades das raças. Na segunda, o atonismo das enormes forças, as fabulas infantis, as descripções ronceiras, estafadoras — os ventos ensaccados nos ôdres de Eolo, as metamorphoses suinas operadas por Circe, Jupiter alimentado por pombinhos, as narrativas necrologicas e infinitas dos amantes de Penélope, emfim, a vasante do genio. *Os grandes poetas*, diz Quintiliano, o legislador do «sublime», *quando lhes fallece a pujança para o pathetico, descambam, pelo ordinario, em discursadores de costumeiras.*

Retrocedemos ao berço da esthetica e cuida-se que inauguramos um cyclo novo. Sophocles esmerára-se na expressão da materia atormentada. Hercules empeçonhado pela tunica do centauro, e Philoctetes estorcendo-se em arquejos de morte pelas flechas hervadas fazem o assombro e o terror delicioso dos theatros. O sensualismo hellenico via as dôres da alma nas vibrações da carne como

a belleza ideal na perfeição das linhas esculpturaes. Era assim aquelle mundo que convergira em si os esplendores de todas as civilisações. A idolatria da materia, a materia palpitando a nota carnal do sentimento. Exultação e terror, vida e morte pulsavam na musculatura. Depois, no seculo de Cicero, as pinturas realistas de Sophocles anojavam os romanos. Predominava já a sensibilidade moral. O grande orador, traduzindo a horrida scena da agonia de Hercules, expungiu-a da descripção vagarosa, repugnante e repellente dos soffrimentos corporaes. Era o progresso.

Nas moções dos actos humanos, se não partimos da escóla dos tragicos gregos, chegamos á mesma conclusão — á ausencia do livre arbitrio, aos movimentos reflexos, aos phenomenos mechanicos, á irresponsabilidade. Elles tinham a Fatalidade dos destinos inappellaveis. Œdipo matava o pae e casava com a mãe, Dejanira matava o marido inconsciente e suicidava-se, Orestes matava a mãe que matára o esposo, este esposo matava a filha. Todos estes parricidios, filicidios e incestos se faziam com o mais puro coração e a mais tranquilla consciencia. Era o destino decretado pelos deuses. Nós temos a raça, a transmissão hereditaria, a nutrição, o sólo, o meio, os phenomenos naturaes, as influencias indeclinaveis que correspondem á Fatalidade antiga. O criminoso é um automato — um instincto sem vontade; ou, se ella

existe, é a «expressão indispensavel de um estado de cerebro determinado por acções exteriores» (*Moleschott*, Circulação da vida). «A bebedeira, a paixão do jogo, a tendencia ao roubo, ao homicidio, são predisposições hereditarias» (*Lewes*). «Transmittem-se como a cegueira, como a surdez, como a tisica, como o albinismo, como o cretinismo» (*Büchner*). «Mais procedem os crimes da doença que da culpabilidade positiva. A sociedade que persegue um crime dura e inexoravelmente andaria melhor se puzesse a mão na consciencia e cuidasse de averiguar por quaes circumstancias e culpas é causadora do crime contra ella perpetrado» (*Th. Buckle*). «A sociedade prepara o crime, e o criminoso é apenas o instrumento que o executa» (*Quetelet*). Portanto, a justiça que o condemna é um abuso escandaloso em que medram os bachareis e os mais officios correlativos que tem as cadeias, problematicamente confortaveis, repletas de victimas do feitio da sua propria massa encephalica, da sua medulla espinhal, dos seus centros hemispherico e rachidianos, e do seu figado derrancado. Seja como fôr, a sciencia e a arte chegaram aos resultados do velho oriente dos átridas. Principiamos agora a ser gregos; mas foge-nos a lingua algumas vezes para moiros.

Tudo é velho. O ideal novo póde dizer com Alfred de Musset:

Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.

Tudo é velho, gasto e carcomido, excepto a Sciencia positiva — esta perpetua virgindade da natureza. Ella sómente liberalisa fibras intactas a cada novo amante que a requesta. Sempre amada e sempre vestal. O genero humano deve-lhe ineffaveis alegrias doidas pelo destino que a Sciencia querida lhe assegura. Devemos-lhe a certeza de que, em se nos apagando nos olhos a luz d'este mundo phenomenal, quando tombarmos do infinito do tempo ao infinito do espaço, cada um de nós contribuirá para a manutenção da ordem planetaria com um pouco de ammoniaco, outro pouco de gaz acido carbonico e alguma agua. Um galante destino de gazes! E, em obsequio á nossa limpeza posthuma, a amada chimica não nos impõe o tributo do gaz sulphydrico. Ó Beatrice, ó Francesca de Rimini, ó Ophelia, em que roliças ancas de aforçurada taverneira estará hoje em dia o vosso acido carbonico? O' Julieta — ó eterna e trivial *coquette* da varanda! — quantas rebelliões de vinhos capitosos se tem aplacado com o teu ammoniaco! Como é triste pensar-se, ó loura confidente do luar de Verona, que o teu gaz é menos oloroso que os jasmineiros da tua varanda! Ah! que prismaticas immortalidades creou a Poesia d'uma tragedia, e que fetidas sordicias a Chimica fez com uma retorta!

Mas, se ha temeridade sandía, é querer homem pôr hombros de supporte ao desabar das velhas coisas. Esta canceração do espirito decadente entende-se com Silva Pinto, com o leitor, commigo, com todos quantos lêem e escrevem, com todos os que meditam ou se burrificam encharcados na madraçaria. Está no ar.

C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!
Aux objets répugnants nous trouvons des appas;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreur, à travers des ténèbres qui puent [1].

O cancro está na ideologia, na ethica, na sub e objectividade, no consciente e no inconsciente, no immanente e no transcendente, na grammatica, e até na propria rhetorica parlamentar — na infame rhetorica que os ideaes novos detestam.

Ha vinte annos, um deputado bem portuguez, se quizesse significar que o ministerio cahido tinha as suas horas contadas desde que praticou uma certa irregularidade sanguinea contra a Carta, declamaria, bebendo em fonte grega: *Ajax injuriou os deuses. O blasphemo estava condemnado. Na lamina da propria espada espirrou o sangue do impio. Elle cahiu no orco!* E, um d'estes dias,

[1] Baudelaire.

um deputado por Barcellos, muito azedo, para exprimir rubramente que o partido progressista começára em ancias de morte desde certa occasião de pancadaria, citou a NANA, sem a nomear, com um resto de candura assás pudenda e minhota. E, expluindo, disse: *Eu li, já o disse uma vez* (elle já o tinha dito uma vez, de mais a mais!), *Emilio Zola, e vi lá uma mulher impudica que fez com que um seu amante derramasse por ella o seu sangue suicidando-se. Essa nodoa de sangue á porta do quarto d'essa mulher foi o ponto de partida para a sua decadencia.* Depois, applicando a ventosa, explica: *E a nodoa de sangue nas pastas d'esses ministros foi quem os intimou a sahir do poder.* E a camara, n'uma grande explosão de cretinismo: *Muito bem! muito bem!* O ex-ministro do reino, o snr. José Luciano de Castro, instrumento sinistro da sangria aberta nas massas, vendo-se comparado á *Nana*, á *margoton*, á *lolo*, á *punaise*, á *boulevardière pierreuse du quartier Notre-Dame-de-Lorette* devia sentir-se bisexualmente vexado entre o masculino e o feminino n'aquelle hermaphrodismo que lhe dava a lubrica rhetorica do Cávado. Que incendios de rubor ameaçam o impolluto snr. conselheiro Adriano d'Abreu Machado, no dia em que o mesmo praxista de Zola e Daudet o tratar de *cocodète*, de *biche*, de *paillasse de corps de garde!* O' Ferreira Borges, ó Fernandes Thomaz, ó Rodrigo da

Fonseca, ó Garrett, ó José Estevão! Vejam vossês! A *Nana* no parlamento com escala por Barcellos! *Zut!*

Não se resiste, pois. O mais que podemos e devemos, ó grandes relaxados, é afivelar a mascara hypocrita da decencia.

*

O artigo do *Estado do Theatro em Portugal,* como preliminar de criticas dramaticas, realça em luminosas e amarissimas verdades de bom criterio. É um repto enviado ás reputações panicas dos defuntos perdoados porque estão defuntissimos, e aos vivos na efflorescencia da gloria e na petulancia do *lorgnon,* — ás celebridades juvenis e luxuriantes que afôfam cadeiras nas Academias e vão desde o *Pote das Almas* ao templo dos immortaes com a *moustache en croc et l'esprit en pointe.* A luva levou sumiço entre a papellada dos escriptorios em que se fabricam as nossas immortalidades de tres semanas; mas a Arte foi vingada no protesto abafado pelo silencio — um ficticio menospreço que devêra chamar-se pusillanimidade calaceira, se não fosse antes uma ignorancia primitiva. O protesto de Silva Pinto é unico; e a

historia incorruptivel da litteratura dramatica portugueza n'esta ultima dezena de annos não tem outras paginas que fiquem.

Nas criticas theatraes, Silva Pinto passa de justo a severo e intransigente como o seu dilecto G. Planche. Resente-se da leitura apaixonada d'este iconoclasta; mas nunca desatrema de uma singular integridade, tanto ou quanto mareada pelos mordentes beliscões da sua adjectivação. Revela esclarecido discernimento na expressão plastica e não menor alcance psychologico e selecto juizo quando invectiva a contextura romanesca, de pacotilha, as phantasias em terceira mão, as pompas do palanfrorio, os epithetos parasitas e os *tours surannés* do SALTIMBANCO. E poucas paginas ávante aquilata sem hyperbole o merecimento progressivo do mesmo dramaturgo, no Luxo. Este honrado dever cumprido com as duas obras do mesmo auctor, raro se exemplifica. Por via de regra, duvida-se da pontualidade da critica austera que permitte a um dramaturgo, desastrado em hora esquerda, aragem de inspiração que o regenere.

Charles Monselet criticou causticamente um drama de E. Augier. O poeta exigiu satisfação a tiro. Duas balas discretas assustaram apenas uns pintarôxos que teciam os seus ninhos, em abril, no bosque de Saint-Germain. *Il importe d'ajouter,* diz Monselet, *qu'on ne déjeunat point.* Não

almoçaram, nem sequer se cumprimentaram. E d'ahi por diante, se Augier fazia acaso um bom drama como Maitre Guerin, o critico desentranhava-se em louvores; e, se o drama era ordinario como Philiberte, todos os raios e coriscos da glottica franceza.

Talvez pareçam desatadas por extemporaneas n'este livro as apreciações da italiana Paladini. É facil defender o encadeamento d'esses artigos n'esta lavra de omnimodo criticismo. A individualidade da actriz pouco monta: ella passou com os seus meritos e demeritos; o que subsiste é a Arte dando um vitalismo duradouro á obra do critico. J. Janin não incensou sempre com lisonjarias a encomiada Rachel, cujas imperfeições lhe punham ditos destoantes em sua condicional admiração. Os folhetins do integerrimo analysta abespinhavam *les chevaliers du lustre* — a claque da empreza, — e os cavalleiros do camarim, a claque da sentimentalidade. Janin, todavia, já pela sua independencia, já pela sua gordura, era alheio a ambas as cavallarias, e pugnava devotamente pela arte scenica, pela expressão genial do sentimento; e das jaças d'aquelle brilhante da rampa fez em obsequio á Arte o codigo com que se educaram a Victoria, a Rosa Chéri, a Anaïs Fergueil e as duas Brohan.

Na apreciação do caracter de Izabel de Inglaterra, mal comprehendido ou nem sequer estudado

por Paladini, o snr. Silva Pinto inflora a memoria da filha de Henrique VIII com as grinaldas cultivadas por Hume e Prescott; é, porém, cruel com Maria Stuart, quando a capitula de *barregã* e *dissoluta*. As modernas explorações dos archivos, trezentos annos cerrados á averiguação de mais luminosa exegese, espancaram a escuridade que se embasteceu á volta de um nome execrado. Para a sua condemnação leram-se as cartas apocryphas que o falsario Buchanan forjou ao tempo que a viuva de Francisco II, na masmorra de Lochleven, não podia refutal-as. Essa correspondencia entre a rainha e Bothwell era o adulterio, o conjugicidio pelo incendio, a protervia superior ao barbarismo do seculo. Depois, ha annos, um professor de historia, Wiesener escreveu uma longa e quasi cansativa historia de M. Stuart, que, em compensação do fastio, nos infunde a certeza de que a victima, longos annos espiada, da filha de Anna Boleyn, era uma desgraçada, com todas as imprudencias de rapariga da côrte de França, sangue dos Guises, escóla de Medicis, irrequieta, ardente, vingativa sem persistencia na vingança — mas nem adultera, nem barregã, nem cumplice na morte do segundo marido, nem voluntaria na ignobil alliança com o terceiro. A justiça rehabilitadora da má rainha que expiou com vinte annos de carcere e com a decapitação a sua incapacidade para reinar e a sua caprichosa pertinacia catholi-

ca, ella ahi está sem impugnação na corrente da historia, com direito a uma grande piedade [1].

N'estas criticas de theatro ha uma de menos relêvo e mais moderna que entende com a comedia do snr. Teixeira de Queiroz, intitulada O Grande Homem. A parte sisuda e substancial da critica é justa, porque a comedia, sem embargo de filiar-se em um grande talento de observação, nem é boa, nem eu sei se, nas condições ideaes em que foi gerada, poderia ser melhor. A quem architecta uma comedia «politica» urge a necessidade de gizar o enredo com personagens mais ou menos comicos, jogralescos até; por quanto, a politica, transferida tal qual é dos parlamentos, dos escrutinios e dos seus latibulos de intriga para o palco, perde a sua caracteristica de grutesco convencional entre as opposições. Os elementos da politica podem ser ruinosos, ineptos e deploraveis; mas nunca são irrisorios na accepção genuina do vocabulo. A politica d'um circulo rural póde dar pabulo ao riso pela casaca do regedor e pelo cabrito assado do candidato; mas a politica geral é séria porque é a historia militante das nações. Ora o «ridiculo» do proscenio reclama que

[1] *Marie Stuart et le comte de Bothwell*, par L. Wiesener, professeur d'histoire au Lycée Louis-le-Grand. Paris, 1863.

os personagens da comedia sejam elementos de farça hilariante á custa da verosimilhança. Se os trasladarem da vida real, com os enxovalhos do *humour* folliculario, no theatro com certeza não fazem rir. E a sala ficará vazia, pelo idoneo motivo de que em dois jornaes de 10 reis, de politica entre-hostil, o publico acha quotidianamente a revidação reciproca das injurias, e a delação dos desatinos, delapidações e ladroeiras em que a franqueza briosa, com uma honesta galhardia digna de Grecia e Roma, chega a escrever em versalêtes os nomes dos ladrões. E é isto o que a comedia do snr. Teixeira de Queiroz não ousa fazer com o desplante de Aristophanes, e com o administrador no camarote e o rei na tribuna e a policia na geral. Os Petronios, os Tigellinos e os Verres, todos em cuecas, da politica portugueza são sempre anonymos na ribalta. O publico assim não se entretem, não desopila o figado, nem aprende coisa que preste. Na França, onde se fazem dramas d'alta politica trovejante de objurgatorias como nos Effrontès, no Fils de Giboyer e no Gendre de M. Poirier, as platéas espreguiçam-se, bocejam. *Je regrette*, diz o illustre critico de um d'esses dramas, *d'être obligé de me desaccoutumer à regarder le théâtre comme un lieu de refuge, comme un asile de distraction et de plaisir. C'est me donner un vernis bien burgeois, mais enfin j'avais l'habitude d'y aller, — comment di-*

rai-je cela? — pour m'amuser; faut-il donc que j'y aille à present pour entretenir mes ressentiments ou raviver mes sympathies politiques? Com certeza. O algibebe da Baixa não quer ir enfuriar-se ao theatro contra o snr. Barros e Sá, porque elle judaizou na Lusitania, quando foi rabbi no governo, e espalhou a sua tribu, fazendo d'este paiz catholico uma synagoga, cheia de judeusinhos prolificos — e da patria d'el-rei D. Henrique, o *Inquisidor,* um restaurado reino de Israel. Que elle por pouco não convertia a propriedade do senhor D. Luiz I em monarchia de Saul. Em parenthesis: A christandade portugueza, incluindo os theatros, apenas consente que, em homenagem ao seu rei, se admitta do reino d'Israel um simile rhetoricamente lisonjeiro, permittindo que se chame a Portugal a «Monarchia de Salomão» no sentido de sabedoria, entende-se; mas, pelo que respeita ao orientalismo das setecentas mulheres do outro real sabio, os sete ceus e as onze mil virgens defendam a casa de Bragança, como todos havemos mister.

Engenhou pois o meu amigo Teixeira de Queiroz uma comedia de um monomaniaco grutesco e não de caracter com individualidade. Depois, o desnaturalismo nacional. Um jornalista que faça discursos para o deputado declamar no parlamento não é refractario aos bons costumes. No Fils de Giboyer, *Maréchal,* o deputado ridiculo, recita os

discursos que lhe escreve o jornalista *Gerard* — tal qual como *Alberto de Cerveira* ao *conselheiro Pontino*. Mas *Maréchal* não é um palerma goliardo como *Pontino*: é uma enxertia de *M. Prud'homme,* que sahiu do mesmo garfo, tão explorado e tão fertil, do *conselheiro Acacio*, do snr. Eça. É inverosimil que o idiota *Pontino* em Portugal fosse tolerado a pensar e a conversar fóra de uma botica desacreditada do Bairro-Alto.

A comedia, para sahir boa e prestante como correctivo, deve ser um espelho em que o espectador veja os seus ridiculos. *On ne peut corriger les hommes qu'en les faisant voir tels qu'ils sont*, diz Beaumarchais. Nos camarotes de *D. Maria,* no espectaculo d'O Grande Homem apenas se presume que estivesse o *visconde da Carregueira* protestando com um sorriso velhacaz contra a aleivosia do auctor que o punha debaixo da meza, tendo elle *Carregueira* a certeza de que, se houve escondedoiro, foi debaixo da cama do *conselheiro.*

Não obstante, a peça de T. de Queiroz tem logar distincto n'uma secção da nossa historia politica. Assim como as comedias de Aristophanes, juntamente com as tragedias de Eschylo, Sophocles e Euripedes completam as Historias de Xenophonte e Thucydides, não será desacerto assentar que O Grande Homem é um documento complementar da historia contemporanea *tintamarres-*

que, como ella se professa nos periodicos illustrados de caricaturas.

Relevem-me tamanhas delongas no juizo pessoal de um drama sobejamente aquilatado por Silva Pinto.

*

Os doutrinarios no assumpto *propriedade litteraria* usam argumentar com a pacata serenidade syllogistica de academicos bem enroupados e fibrinosamente nutridos. Em Silva Pinto o mesmo assumpto dá umas paginas tristes e sombrias como a fatalidade, ferem-se ahi as cordas dolentes da elegia e até as ironias tem uma plangencia tragica. As angustias do genio esvaído na penuria, no desprezo e na insulação vasquejam no commovente naturalismo que falta ao drama romantico de A. de Vigny e ás dilacerações um pouco phantasticas de Gilbert e Malfilatre. Sublime apostrophe ao destino surdo e cego!

Como é bem de vêr, Silva Pinto tem pouco de seraphico, e quasi nada de mystico. Nas theses que discute nervosamente sobre pertenças theocraticas (Jesuitas, Padre Gabriel, Homens de

Roma, etc.) dedilha um teclado forte que eu temo grandemente pelas desharmonias tympanicidas que é costume dar de si a questão. O desenvolvimento de similhantes desavenças com o clero lusitano é perigoso para quem tem inimigos intimos, dependencias, coisas. A meia volta chamam impio a um homem que não possue a felicidade da fé e da candura de Pascal, como se a impiedade não fosse a transgressão dos preceitos do Deus que se confessa por dogma. Desde o momento que um sincero discipulo de Comte disser que Deus é uma phantasia creada pelos homens, esse tal não é *impio* — é simplesmente *incredulo*. Lord Brougham esclarece o ponto: ... *If a deist, one who disbelieves in our Saviour being either the Son of God as his prophet upon earth, shall argue against his miracles, or ridicule his mission or his person, he commits no blasphemy: for he firmly believes that Christ was a man like himself, and that he derived no authority from the Deity*. (Lives). Voltaire, em arrancos de morte, ouvia os brados asperrimos d'um cura: *Confesse que Jesus Christo era Deus*. E o philosopho agonisante: *Em nome de Deus, peço que me não fallem n'esse homem*. «E morreu como um impio!» exclama a sacristia. Ah! não. Morreu puro deista, confessando Deus, em nome de quem pedia ao cura que o não comparassem com um homem. E, concedido ainda que negasse a divindade de Jesus de Nazareth —

a divindade do Filho — logo que reconheceu a do Pae amantissimo e misericordioso, o seu erro devia ser uma venialidade no supremo juizo.

E aqui me estou eu enviscando na esparrella que me armaram as peças theologicas do meu amigo Silva Pinto! A meu vêr, é melhor deixar a cleresia á acção dissolvente do tempo. Ella sustenta a anarchia moral e intellectual do mundo catholico que principiou a desabar ha quatro seculos:—tão vagarosas são as jornadas da Civilisação pelas amplas avenidas que lhe abriram o protestantismo religioso de Luther e o protestantismo philosophico de Descartes! Assumiram um peso de responsabilidade com que não podem, os padres, de mais a mais com a sobrecarga da sciencia intransigente. Entretanto, procuremos o que quer que seja nas absconditas profundezas do mundo moral. O *Grand Être* da religião positiva de Littré é uma porção selecta da Humanidade — são os espiritos de eleição. Com o ouvido attento, suspendamos o nosso labio maravilhado no labio verboso dos grandes espiritos.

Perpasso outros contingentes do livro, quer litterarios, quer de historia que não se discriminam nem pospõe por inferioridade de merito. Pelo que respeita ao *Emprestimo de D. Miguel*, o snr. Silva Pinto leva o amor de filho a não consentir que a

sua mãe-patria viva de calotes. E ella, a Patria, a dôce mãe babada de gozo:

— Querido, amado filho, senta-te á mesa do Orçamento, que eu vou mandar que te sirvam o caldo negro de Sparta para te fazer um duro spartano!

Como republicano radical, Silva Pinto rejeita a questão dos monarchas e ventila sómente a probidade dos contractos representados pelas nações. Tem razão. D. Miguel não digeriu ceitil dos 40 milhões de francos emprestados a Portugal. O meu querido amigo Thomaz Ribeiro em um livro de jurisprudencia analoga defende a massa fallida com o seu victorioso talento de causidico. Cada um no seu ponto de vista. O grande poeta, como monarchista, demonstra que D. Miguel de Bragança era apenas insoluvel, um caloteiro involuntario. D'est'arte salva o pundonor da dynastia. E, descrevendo tragicamente a baixeza a que nos tem descido os Migueis e os Pedros, incute o appetite de, n'uma explosão de polvora bombardeira, com um pouco do odio rabido e inflammatorio do monarcóphago snr. Gomes Leal — diante de quem e do javali de Alvito tremeu espavorida a Magestade —, fazer estilhaçar este alfôbre dos Joões e dos Affonsos — uns sujeitos que se conservam na lembrança da nação para haver sempre um razoavel pretexto de escrever Historias de Portugal para uso dos lyceus. Elles fazem-se

notaveis pelas antonomasias de *piedosos,* de *perfeitos,* de *castos*, de *formosos*. E tambem ha *gordos*. «Gordos» é que elles deviam chamar-se todos.

O leitor começa a enfastiar-se d'este aranzel em que, a espaços, basofeam uns ares pedagogos, certo preponderantismo, a pitada erudita. Queira desculpar. Ha poucas semanas que um reverendo snr. padre Coisa de Braga — producto de uma *cellula primordial* (veja *Beaumgärten*), lá escreveu e decidiu que eu não tenho alguma auctoridade litteraria. Que não vá elle agora commetter a iniqua bestialidade de escrever que eu me estou impondo auctoritariamente.

Direi mais duas palavras que abranjam em resumo o juizo que fórmo da litteratura do auctor dos Combates. O seu estylo tem, de par com a elevação eloquentissima, uma nitida clareza — o *verniz dos mestres,* como disse não sei quem. Usa phrases compostas de sarcasmos e pontas de agulhas, e bom peculio de antiphrases ironicas. É muito bilioso na polemica, arrebatado, critico de rija tempera, subtil na analyse, muito perspicaz de relance, pouquissimo caroavel de periphrases e circumloquios, com uma temeridade sempre bem sorteada de viajar largos estadios de litteratura sem grande bagagem de expositores, e com as melho-

res armas de combate, muitas vezes ao serviço da verdade, e algumas vezes, com rara dexteridade, ao serviço do paradoxo. Tem ditos originaes, finos botes de esgrima faceta que se vão generalisando em outros escriptores. Ainda não conquistou a *popularité populacière*. Para isso falta-lhe escrever mal. A sua correcção ataviada a primor, e os donaires não espaventosos da locução resabem a uma fidalguia suspeita á ralé. De Edgard Poe dizia T. Gautier: *Il avait le malheur de bien écrire, ce qui a le don d'horripiler les sots de tous les pays.*

Finalmente, em uma nacionalidade grande, capaz de antagonismos e tempestades de idéas, onde as instituições perigosas e os homens nocivos devessem ser derruidos a catapultas de estylo bem hervado de escarneos e ironias, Silva Pinto seria um pamphletario como o conde de Chesterfield (LETTERS OF JUNIUS), como Paul-Louis Courier, como H. Heine, como Cormenin. Mas em Portugal, onde tudo vae apodrecendo pacificamente, a satyra não deve passar de bisnagas com agua de Labarraque.

IDEIAS DE D. JOÃO VI

O SALOIO

O MARQUEZ de Pombal elevou muitos homens que secretamente o hostilisavam e abertamente o perseguiram logo que D. José I adoeceu sem esperanças de restabelecer-se.

Um dos mais notaveis ingratos é José Ricalde Pereira de Castro.

Este homem era de Vianna, filho bastardo de José Pereira de Castro e Brito, governador do castello. Formou-se a expensas d'um seu tio paterno, lente em jurisprudencia, frei Sebastiam Pereira de Castro, que, em tempo de D. João V, foi desembargador do paço, commissario geral do santo officio, da bulla da Santa Crusada, etc. Foi para Lisboa, e armou-se cavalleiro freire da

ordem d'Avis. O marquez sympatisou com o homem e nomeou-o procurador das ordens militares e casa do infantado e inquisidor da meza grande do santo officio e desembargador do paço. Em compensação, o desembargador José Ricalde é um dos signatarios da barbara sentença que mandou esquartejar João Baptista Pelle, accusado de intentar contra a vida do marquez. José Ricalde estava muito opulento quando o marquez foi demittido. Como não houvesse em Lisboa officio que lhe arredondasse um certo rendimento fez-se conego da collegiada de Guimarães. Não lhe escapava nada.

A maneira de conservar, no reinado de D. Maria 1, os empregos que tinha era bandear-se com os inimigos do ministro desterrado. E tão energicamente se houve n'esse empenho que é elle o primeiro dos desembargadores que em 22 de maio de 1780 declarou que o processo que se apresentára com os interrogatorios feitos ao marquez, em Pombal, devia ser considerado como um principio de diligencia, visto que n'elle *não se havia conhecido de muitos delictos de que o marquez de Pombal era infamado notoriamente*; e seria conveniente que sua magestade mandasse *abrir uma devassa na qual se inquira de todos os sobreditos delictos*, declarando sua magestade que o *marquez estava convencido e os delictos provados, deduzidos dos seus escriptos.*

Depois, no processo de revisão da sentença que condemnou os réos de regicidio é o conselheiro José Ricalde o relator, e a memoria dos Tavoras e Atouguia é rehabilitada. O relator levantava assim um padrão de infamia para o pai da sua augusta soberanna e outro para o marquez de Pombal, ministro executor das ordens do seu rei, como elle dizia que era, nos interrogatorios que duraram sete mezes.

Continuou, pois, José Ricalde Pereira de Castro a exercer os seus officios, e com tanta satisfação da côrte, que passava por *sancto*. Assim o diz o marquez de Resende. (*Descripção e recordaçoens historicas do paço e quinta de Queluz*. Panorama, v. 12, pag. 210). Este *sancto*, como procurador das ordens militares, e especialmente do Grão-priorado do Crato, não é que hade ser canonisado. Elle, de combinação com o principe grão-prior que depois foi D. João vi, meditava expedientes para fazer render as commendas da ordem, escorchando os foreiros o mais indirectamente que se podesse fazer, por honra e vergonha do principe, seu real amo e senhor. A' redacção da *Folha Nova* tenho o prazer de enviar a carta autographa que José Ricalde, o sancto, escrevia ao corregedor de Evora, Antonio Mauricio Mascarenhas de Mancellos, outro sancto, provavelmente. E' talvez uma acção feia trazer para o publico uma carta que o desembargador escrevia, pedindo

o maior segredo; mas a responsabilidade peza sobre a memoria de Mancellos que a não rasgou, e sobre a memoria de José Ricalde a da orthographia que tambem não é pequena.

S.or Antonio Mauricio Mafcarenhas de Man.ſos

Meu Am.o e s.or Com a informaçaõ, que deo p.a o grande negocio do Expoſtos (que tenho diante dos olhos) levei á Prez.a do Principe N. S.or e Amo os Seus bem merecidos ellogios; e quem expede taõ bem hũa depend.a daquella qualidade, he o mais habil p.a outra para que o lembrei, e que o meſmo Senhor ordenna-lhe commeta m.to do ſeu entereſſe. He o caſo.

Eſtaõ em Praça as Rendas do gram — Priorado, e no meſmo Lanço, por que as arematarao as contratadores proximos precedentes, livre dos encargos; e os que temos a honra de ſervir a hũ tal e taõ reſpeitavel Principe, devemos promover com o mayor zelo os ſeus mayores entereſſes, tentando todos os meyos por q̃ poſſa conſeguirſe eſte glorioſo fim.

Como o ſoponho com os previos conhecimentos deſſas Villas, Almoxarifados, e peſſoas mais capazes, e opulentas, tem lembrado ao dito Senhor, q̃ talvez divididos os Almoxarifados e mais vendas em aremmataçoens ſeparadas, ſe poſſa

conſeguir hũ todo mais avultado, do q̃ o que ſe offerece na Praça por tudo: eſta dilig.ª porem (requer?) o ſegredo mais inviolavel, e a mais prompta brevidade, deſorte que ſe naõ perceba, q̃ foi mandada fazer por inſinuação ſuperior mas q̃ he movida pelo zello da fazenda do mesmo Senhor; pode logo q̃ receber eſta porſe a cavallo e perſi e p.lns peſſoas da ſua mais particular confiança mover eſta Maquina lendo e examinando primeiro a inſtrucçaõ, q̃ acompanha esta p.ª o ſeu governo; advertindo, q̃ naõ hade convidar p.ª este neg.º nem rendr.os do contrato anteced.e nem as que dicerem resp.te aos lançadores actuaes q̃ logo ahi poderá ſaber quem ſaõ por q̃ eſtes haõ de participar logo a delig.ª guardado o preciſo ſegredo deſte neg.º, e vendo, q̃ os preços de cada hũ dos Almoxarifados divididos excedem o preço q̃ por elles todos aqui se lança em parte consideravel e que os lanços tomados em ſegredo tem boas fianças, quero me fará individual Aviſo de tudo p.ª ſer prez.e a S. A. R. e poderá taõbem averigoar o que daõ por todos os Almoxarifados, ſendo mais do q̃ offerecerem por elles divididos e o q̃ actualm.e ſe offerece por todos na Praça: Eſpero ponha em pratica toda a ſua actividade neſta depend.ª em contemplaçaõ do Principe N. S.or Zelando com toda a ſegurança os ſeus Reaes enteresses participandome tudo com brevid.e por q̃ o contrato paſſado eſtá proximo afindar no S.

João proximo futuro: e poderá expedir logo eſte proprio, e participandome por outro | a q.m aqui ſe pagará | o bom effeito da ſua delig.a comtudo o que for do ſeu ſerv.o me achará ſempre com promptiſſ.a vontade e & &. Lx.a em 6 de Mayo de 1791.

M.to Am.o V.or e Cr.o

Joze Ricalde Pr.a de Caſtro.

Com este elemento póde o snr. Emygdio de Oliveira articular de modo a demonstrar contra a opinião de certos historiadores, que o Grão-prior do Crato, que depois foi D. João VI, tinha ideas. E provará outrosim que tinha algumas muito velhacas e saloias como esta de fazer render mais, repartindo-os, os almoxarifados do priorado, deixando aos arrematantes o direito salvo de esfolarem os foreiros na rasão inversa do quadrado das distancias em que elles arrematantes eram esfollados, muito em segredo, pelo principe. [1]

[1] Este artigo foi publicado na *Folha Nova*, redigida insignemente pelo snr. Emygdio de Oliveira, cujo talento desculpa e absolve as demasias democraticas do seu apostolado, respeitavel porque é sincero.

CAMÕES E OS SAPATEIROS

Não se persuada o seculo XIX, com o seu tricentenario de Camões enthusiasticamente festejado, que tem dos *Lusiadas* e do seu auctor immortal uma comprehensão mais vasta, e um mais ardente affecto qne os seculos XVI e XVII. O amor das gerações abrangidas no primeiro aquilata-se no facto referido por Pedro de Mariz. Foi o caso que um ricasso allemão escreveu ao seu correspondente de Lisboa para que soubesse se Luiz de Camões tinha sepultura sumptuosa; e, se a não tivesse, tratasse com o senado

a cedencia dos ossos, a fim de lhe erigir na Allemanha um soberbo tumulo. O senado não consentiu, como quem diz: «cada qual enterra os seus como pode.» Briosa acção!

Mas muito mais preclaro é o feito do seculo XVII, referido pelo dr. João de Almeida Soares, academico dos Singulares, na assembleia de 23 de dezembro de 1663.

«Por essas reliquias, cinzas, ou ossos que temos em Sant'Anna davam os venezianos ao senado de Lisboa vinte e quatro mil cruzados, para ajuntarem ao seu este maior thesouro. Mas elles como divinos não fizeram caso dos bens caducos.»

O doutor, no auge da sua justa admiração, chama *divinos* aos vereadores do municipio. Uns edis que não venderam por vinte e quatro mil crusados os ossos de Camões, não eram sómente honestos, eram tambem *divinos*. Pois eu aposto que muita gente lhe havia de chamar perdularios, e não faltaria quem opinasse que se vendesse uma ossada de Camões aos venezianos e outra aos allemães, como em Roma se fazia ás mumias dos santos. Assim como são conhecidas duas caveiras de S. Jorge, não seriam de mais dous craneos de Camões.

Mas, dado o caso infausto de se negociarem com Veneza os ossos do grande epico antes de 1729, talvez não fosse difficil estremal-os das

ossadas reles dos sapateiros da Padaria, padroeiros da egreja de Sant'Anna. Uma trasladação que Faria e Sousa disse ter-se feito da primitiva sepultura para o meio do templo, está desacreditada.

Em 1729, quando as freiras construiram o côro de baixo, a sepultura de Camões ficou inclusa na grade que separou o recinto do resto do templo. Os sapateiros vieram com embargos á obra; e as freiras, entre outras razões, allegaram a posse comprada aos padroeiros por D. Gonçalo Coutinho, e venceram.

Este D. Gonçalo, e mais os seus coevos, tinham tão presente na alma e na saudade o grande cantor, que, passados quatorze annos, já não sabiam quando elle morreu. A sepultura dizia 1579; o documento, produzido pelo snr. visconde de Juromenha, diz 1580. Camões morreu tão obscuramente que nem o parocho, nem os amigos, nem os visinhos sabiam dizer o anno em que o esquife o levou da calçada de Sant'Anna para a egreja.

Tornando aos sapateiros demandistas. Como perdessem a questão com as freiras, um poeta contemporaneo, Thomaz Pinto Brandão, fez contra elles, em 1729, um soneto que não corre impresso, e do qual illimino dois versos como indignos do sério assumpto que nos occupa.

O titulo reza:

Aos sapateiros de Sant'Anna

quando as freiras fizeram o côro de baixo

Soneto

Pois entre seraphins Camões se vê,
Devemos todos crer que no ceu está,
Sem quererem os mestres da obra má,
Que um côro fosse fôrma do seu pé.

Oh! quem com o seu mesmo tirapé,
D'aqui, d'ali, de cá e d'acolá,
Tanto lhes fosse ao couro que «arre-lá!»
Dissesse, dando á sola, a má ralé!

Que a tanto olho do sol se atreve cru
.....
.....

Pela alma de Camões e sua avó,
Que o que cá pozer pé de razão nú
Ha de ir para escodar-se feito em pó.

D'onde se tira a limpo que os sapateiros de 1729 eram contra o privilegio da campa de Camões; mas os sapateiros de 1880, segundo ouvi, com o espirito n'elle e a faca no cabedal, talham *botins á Camões*, gravando nas entrecospias o lema da sua admiração. Pinto Brandão queria

que *se lhes fosse ao couro;* e elles escrevem a sua apotheose no couro de vacca. Comprehenderam os *Lusiadas*. As nações que estremecem n'estes terramotos mentaes não morrem... quando téem escólas de instrucção primaria.

INDICE

DO PRIMEIRO VOLUME

Prefacio..... 5
Traços de D. João 3.º..... 9
Advertencia..... 127
O snr. ministro..... 129
A viuva do poeta Ovidio..... 251
Silva Pinto e a sua obra..... 261
Ideias de D. João 6.º..... 289
Camões e os sapateiros..... 295

ERRATA

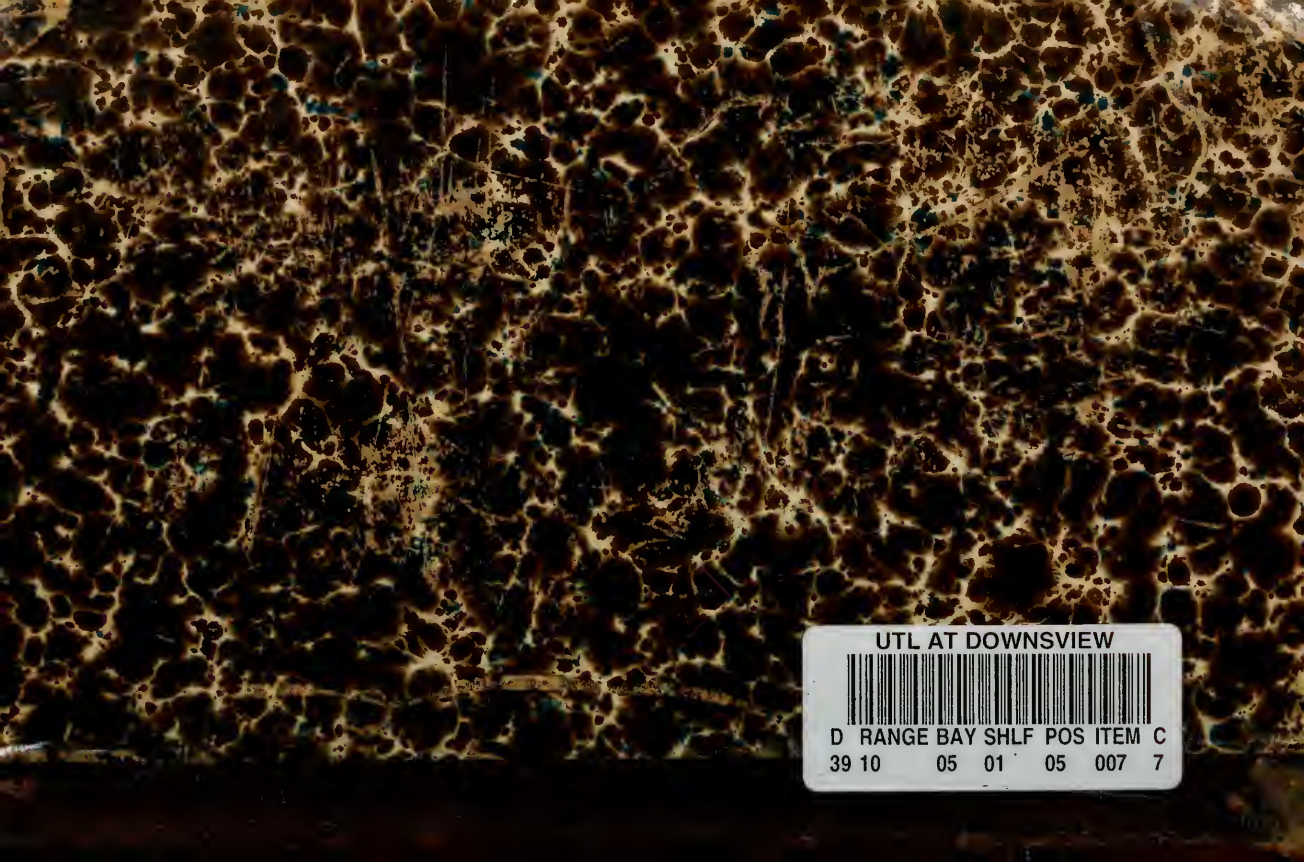
Pag. 221, linha 24: *Arens*; emende-se: *Ahrens*.

PQ
9261
C3N28
1882
v.1

Castello Branco, Camillo
Narcoticos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 01 05 007 7